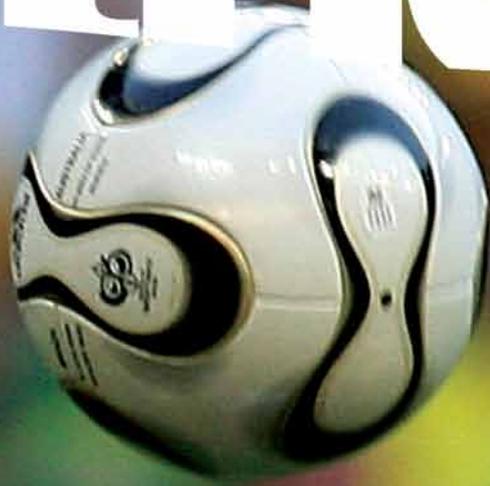


Esta edição é dedicada a um utensílio semivivo, a bola.

ISSN 2237-9762

iátrico

nº34



OS DONOS DA BOLA





4



4. OS DONOS DA BOLA

Feitos de pernas

26. FUTEBOL E SUA ARTE

Galeria

28. ENCONTRO MERCADO

Conversa com Emanuel Sá

34. JOGOS POÉTICOS

Parceria com Cecília Meireles

41. PAIXÃO DOS SUICIDAS

Fímbrias do inexplicável

46. UMAS E OUTRAS

Carrossel da mente

48. PRÁTICA CLÍNICA

E o doutor chorou!

55. HONORÁRIOS MÉDICOS

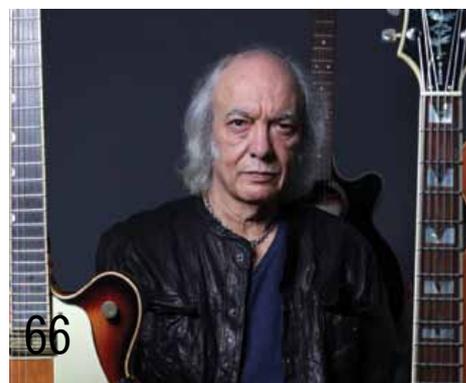
O debate continua...

66. QUEM VAI FICAR NO GOL?

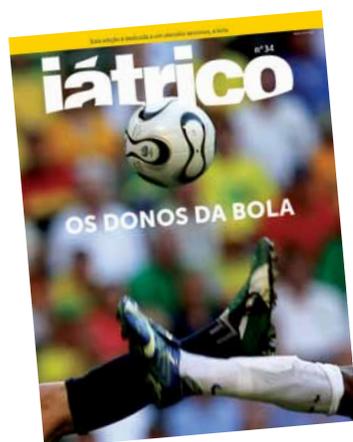
Música e suas reflexões



41



66



A CAPA - Arte para fãs do imponderável

Pernas alçadas à horizontalidade, quase na mesma medida, e a disputa da bola que teima ser dona de si, a poucos se dá com prazer. Para onde ela vai? Nunca se sabe, tem destino próprio, a não ser que seja tocada por pés afortunados. Desses que frequentaram a universidade livre da genialidade. E o gênio e a bola dão feito ao poema visual, imanente, no de que tem de seu, só nos permitindo o desenho frágil do instante de retina. E o balé que desenha é arte pura e instantânea. É isso que vamos procurar no campo, o balé imprevisito, que dá inveja a qualquer coreógrafo, dançarino, a qualquer solista de ensaios intermináveis para buscar a perfeição. A bola não requer ensaios, só inteligência cinestésica; e poucos os providos. Portanto, para a bola só existe um artista: o toque imprevisito do gênio. E a plasticidade encontrada na capa.

EXPEDIENTE

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ - CRM-PR

Presidente: Cons. Maurício Marcondes Ribas | Gestora do Departamento de Comunicação e Imprensa (SECI): Cons.ª Kéti Stylianos Patsis, 1.ª Secretária-

IÁTRICO - EDIÇÃO n.º 34, maio/2014. Publicação Científica-Cultural do CRM-PR - Rua Victório Viezzer, 84, Vista Alegre / Curitiba-PR / CEP 80810-340.

E-mail: iatrico@crmpr.org.br | Versões científica e MavenFlip (eletrônicas) disponíveis em: <http://www.crmpr.org.br/publicacoes/iatrico/>

Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins, Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUCPR | Coeditor: Hernani Vieira, jornalista

(Sindicjor 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Leonardo Escorsim | Impressão: 27.000 exemplares - Gráfica Magnus. Fotografias e Imagens: Albari Rosa e Dollar Photo Club.

Os donos da bola



O campo de pelada ficava num terreno baldio.

Pelos fundos da casa alugada, alguns passos e estava naquele chão batido, sagração de todas as tardes depois das tarefas da escola e de uma renitente dose de óleo de fígado de bacalhau com gosto de penitência.

Mas o por vir valia. Empoeirado ou enlameado pouco fazia. Não sei de quem era e tampouco porque existiam duas traves, e duas árvores imensas, uma mangueira e uma amoreira. Afinal, para crianças tudo é enorme; e nos davam sombra para descanso e amoras ao alcance das mãos. Disso lembro bem. Nunca se esquecem os campos que a memória amou.

A idade? Uns pelos outros talvez dez anos. Não havia camisas de times, nem calções, nem chuteiras. No par ou ímpar se formavam dois grupos, os sem camisa e os com. Não havendo calções, serviam as calças curtas, cuecas, ou qualquer andrajo. Quase todos semelhantes no desprovemento. O que importava era o dorso desnudo ou não. Descalços, é claro. O calçado tinha que ser poupado; já os pés, tanto fazia.

Ah, a bola. Sempre aparecia uma, de capotão, nosso objeto de desejo. Presente transitório dos deuses do fu-

tebol, e do menino mais aquinhado e, geralmente, ruim de bola. Mas, por ser dono, tinha direito de veto. Quando deixavam, escolhia o lado que queria jogar, comumente o mais forte, o que, convenhamos, dava certo equilíbrio. E se recusava a jogar de goleiro. E nós, contrariados, nos revezávamos. Depois de sofrer dois ou três gols, às vezes de propósito, havia troca. O resto era uma sucessão de dribles, fintas e gols de efeito, à medida de cada um. Cabe aí meu relicário de gols antológicos; mesmo que não tenham existido, sobrevivem em mim.

O que se ouvia no rádio na voz de Pedro Luiz, Edson Leite ou Fiori Gigliotti, se reproduzia naquelas tardes fagueiras onde se ensaiavam gingas e prevalecia o grito nas marcações. De um simples lateral, juízes de nós mesmos.

Duração de uma partida? Pra que relógio; virava em dez e acabava em vinte. Não sem polêmica. E, mais uma vez, no par ou ímpar, recomeçava mais uma epopeia de sonho e pretensão onde cada um aspirava ser Pelé ou Garrincha; ou Gauchinho, ídolo da terra.

Descanso? Só quando o sol se punha ou a mãe chamava. Ou éramos forçados. Por quem? Pelo dono da bola. Este, quando se enfezava por algo, pegava a pelota – se usava o termo –, colocava debaixo do braço e partia, solene em seu poder, desolando a todos que discutiam o culpado. O que só fortalecia a tirania dos com bola.

Cativos da ausência, restava a conversa sobre os perigos do meio e do final do seriado da vespéral dos domingos, e do “footing” que fazíamos no cinema olhando as meninas cobiçadas e que ainda não tínhamos coragem de abordar. Namoro poético.

E à sombra, e ao alcance das mãos, as amoras. 📍

"Nunca se esquecem os campos que a memória amou."



Feito de pernas

As pernas não têm apenas astúcia de mãos; têm mais, têm cumplicidade com o inconsciente.

Desde a infância surpreendem, irrompendo atrás da bola, ensaiando sem medo; pelo simples ato de participar da vida. Sem direção, sem intento, apenas pela novidade de rolar caminhos, buscar ritmos, cantando os movimentos da dança, brincando com o esboço que vai corrigindo a precária existência.

Sim, nas pernas sempre reencontramos o direito de nos surpreender. De criar o poema de cada um. No feitiço do drible, na negaça da finta, no prazer do deslocamento, no chute à baliza, na feitura do gol. De cabeça, de tronco, enfim, de todas

as maneiras, mas inigualáveis aos das pernas. Seja direto, fulminante, ou de efeito, oblíquo a cada feito.

Submissão à tragédia ou elevação à epifania? Ambas, e religiosas. Emoções díspares, decerto, mas essenciais à formação do caráter futebolístico. E assim

segue o jogo, o da vida, seguindo regras, burlando a lei, convencendo sem razões, amuando nas perdas.

E descansando e sonhando com o novo dia.

Com o novo e ansiado dia, que fará de suas pernas o gladiador de notas azuis, livre para respirar o encanto de suas possibilidades. Livre para compor o poema feito de pernas. **❶**

"Nas pernas sempre reencontramos o direito de nos surpreender. De criar o poema de cada um. No feitiço do drible, na negaça da finta, no prazer do deslocamento, no chute à baliza, na feitura do gol."

Complexo de **vira-latas**

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício. Mas vejamos: o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: eu acredito no brasileiro; e pior do que isso: sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: não vi ninguém

que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota.

Insisto: para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Nelson Rodrigues (RJ).



A pátria em chuteiras de Nelson Rodrigues

Quando Nelson Falcão Rodrigues nasceu, em 1912, o futebol no Brasil chegava a sua terceira década, começava a deixar os clubes grã-finos e espalhava-se por várzeas e agremiações populares. Quando morreu, em 1980, o Brasil era o “país do futebol” e exibia o melhor currículo das seleções: das onze copas do mundo até então disputadas, havia conquistado três títulos mundiais, um vice, um terceiro e um quarto lugares. Revelara Pelé, o melhor jogador de todos os tempos, e um punhado de craques admiráveis.

Para louvar tal futebol, tão bonito como “uma paisagem de calendário”, Nelson criou essa e dezenas de expressões e personagens que ajudaram a

formar a mitologia do futebol brasileiro. O leitor e o torcedor conheceram o “Sobrenatural de Almeida”, a “Grã-fina das narinas de cadáver”, o “Idiota da objetividade”, o “Narciso às avessas”, o “Príncipe etíope”, o “Sublime crioulo”, a “Lagartixa profissional”, o “Possesso”, o “Quadrúpede de vinte e oito patas”...

Nelson reinventou o futebol a seu modo.

O autor de “Vestido de noiva” foi o primeiro dos grandes escritores brasileiros a pautar o universo futebolístico como um dos principais e mais frequentes assuntos de sua produção literária. Antes dele, poucas menções. João do Rio citara o esporte que engatinhava na antiga capital federal. Lima

“Antes de Nelson, o futebol ainda estava à margem da literatura.”

Barreto denunciara o “jogo de elite”, disputado por moços ricos em clubes fechados que não permitiam jogadores negros. Alcântara Machado transformara-o em assunto em conto de Brás, Bexiga e Barra Funda (“Palmeiras 1, Coríntians 2”). Mário de Andrade citara-o em Pauliceia desvairada. Mas o futebol ainda estava à margem da literatura.

Nelson trouxe-o para o centro da cena. E deu-lhe um caráter épico. O futebol em Nelson Rodrigues é arrebatado, grandioso, exagerado como tudo que o escritor produziu. A pátria “calça chuteiras” para acompanhar sua seleção de futebol; “mantos invisíveis pendem do peito do rei Pelé”; o Fluminense “nasce quarenta séculos antes do paraíso”, surge o Fla-Flu e as “multidões despertam”.

Suas crônicas foram recolhidas por Ruy Castro em À sombra das chuteiras imortais e A pátria em chuteiras. O jornalista mineiro, que já repusera o dramaturgo em cartaz com sua extraordinária biografia O anjo pornográfico, organizou em ordem cronológica a produção do cronista. O leitor pôde observar como Nelson foi o grande poeta do melhor momento do futebol brasileiro, entre 1958 e 1970, quando vieram os três primeiros títulos mundiais, mais Pelé e Garrincha. O escritor, que mal enxergava o que se passava em campo – por muito tempo teimou em não usar óculos, apesar de recomendação médica – via no futebol uma “busca pela poesia”. Por isso o esporte seria tão amado. Diz o cronista: “O que nós procuramos nos clássicos e nas peladas é a poesia”, insuspeita e absoluta: “Há por todo o Brasil uma sede e uma fome de bola”. O sujeito vai a um clássico de futebol, ou a “um torneio de peteca ou de cuspe a distância é na esperança ainda da poesia”.

VIRA-LATAS

Escreveu para Manchete Esportiva, O Globo, Jornal

da Tarde crônicas em que, pela lente do esporte, vislumbra uma secreta identidade nacional. E, entre a seriedade e a galhofa, analisou o brasileiro. Dizia que antes de conquistar o primeiro título mundial, em 1958, na Suécia, o brasileiro tinha “alma de vira-lata”, e por isso perdera a finalíssima de 1950, para o Uruguai, no Maracanã, e fora derrotado pela Hungria em 54, na Suíça. Mas com Pelé o futebol brasileiro perderia sua “humildade deprimente” e ganharia em qualidade. Seria “insolente e vencedor”, como o craque que despontava. A respeito do jogador, Nelson vaticinou-lhe a grandeza em crônica de 1957, quando o garoto começava a brilhar no Santos Futebol Clube. Em março de 1958, três meses antes da Copa, publicou a crônica “A realeza de Pelé”, na qual profetizou a conquista do título porque agora, com o Rei que dribla os adversários como

“O futebol em Nelson Rodrigues é arrebatado, grandioso, exagerado como tudo que o escritor produziu.”

“quem afasta um plebeu ignaro e piolhento”, os “inimigos tremarão”. A partir do mundial da Suécia, Pelé passou a ser reconhecido como o maior. E Nelson volta e meia falava do “sublime crioulo”.

Garrincha também inspirou o cronista a propalar seu ufanismo. Mas se Pelé representa ousadia e mesmo petulância, Mané inspira docilidade (mas não servilismo). O pacato atacante, a quem os “pombos da Cinelândia e os pardais do boulevard 28 de Setembro chamam de ‘nosso irmão, o Mané’”, é um predestinado a manter o futebol brasileiro em evidência e a chacoalhar o país, acordando-o para sua grandeza. O Brasil seria outro se nós, brasileiros, fôssemos como o “anjo das pernas tortas” dentro do campo. Mané Garrincha carrega a seleção para o bicampeonato no Chile, em 1962, e o cronista escreve: “Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas”.

REACIONÁRIO

Essa patriotada toda custou-lhe o desprezo de

parte da crítica e o isolamento. Quando a ditadura instalou-se em 1964 e com o tempo deixou claro que viera para ficar, Nelson continuou a louvar a seleção e deu carona para o regime militar. Provocador, intitolou-se reacionário, espicçou a “esquerda festiva”, os “padres de passeata” e as “freiras de minissaia” e virou símbolo, ainda que incômodo, do conservadorismo de direita.

Com a conquista do tricampeonato, em 1970, no México, e o crescimento econômico, o regime tratou de misturar os caldos, e passou a trombetear a grandeza do país, campeão no futebol e pujante no seu desenvolvimento insuflado pelo “milagre econômico”.

Essa propaganda oficial deixou sombrio o cenário para quem se dispusesse a reconhecer a excelência do futebol praticado no Brasil. Exaltar o jogo ou o escrete brasileiro era o mesmo que apoiar a ditadura. No mínimo, evidenciava alienação política. Nelson Rodrigues estava longe de ser um alienado. Manteve-se elogiando, provocando indignações e colhendo antipatias. Nada de novo para quem já fora chamado de “pornográfico e indecente”, um “imoral” a “chafurdar nessa lama” da abjeção humana e social. O futebol era mais um – mas não o único – tema com o qual pudesse provocar ódios e gritarias “dignos de um Rigoletto”.

Ao longo da década de 1970, o cronista continuou a escrever como o torcedor apaixonado que desenha frases e imagens inusitadas para louvar o futebol.

VITÓRIAS

Sempre apontando o Brasil como o favorito e o melhor, Nelson Rodrigues não dava o braço a torcer quando a seleção perdia. Implicava com jornalistas que não reconheciam os méritos do selecionado nacional. Ele não queria saber da propalada imparcialidade que o jornalismo deveria exhibir. Dizia que o “ser humano é capaz de tudo, até mesmo de uma boa ação, mas não é capaz da imparcialidade”. Os colegas que se diziam “objetivos”, analisavam “os fatos”, como a eliminação na primeira etapa da Copa de 66 e a derrota para a Holanda na segunda fase na de 1974, e escreviam que o Brasil já não era o melhor, Nelson atacava com suas tiradas mordazes e bem-humoradas. Tachava-os

de “quadrúpedes de vinte e oito patas”, que acabariam por “trotar num Sete de Setembro, como um dragão de Pedro Américo”.

O Brasil perdeu feio em 1966, na Inglaterra? Pois se os

jornalistas brasileiros reconhecessem o fiasco, estariam dando “coices triunfais”, pois a Copa fora uma bandalheira, uma armação para os ingleses triunfarem. Volta à cena a nossa “alma de vira-latas”, nosso complexo de subdesenvolvidos. Dizia que o brasileiro viaja e volta com sotaque do colonizador: “Pergunto aos paralelepípedos de Boca do Mato: tínhamos alguma coisa a aprender com os ingleses? Sim. Tínhamos. Por exemplo – aprendemos como ganhar no apito”.

O mundo reconheceu o revolucionário “carrossel holandês” de 1974? Pior para todos. Nelson repetia que os holandeses mostraram apenas a “saúde da vaca

“Nelson aparecia na contramão para provocar e, com estilo único, manter seu espaço na crônica brasileira.”



PALAVRAS DE CRONISTA

“A Copa de 58 me ensinou que, sim, talvez fosse possível morrer de prazer.”

Ruy Castro.

premiada”, e que a “grande contribuição” holandesa na Copa tinha sido o conhecido “chuveirinho”. Aparecia na contramão para provocar e, com estilo único, manter seu espaço na crônica brasileira.

MULTIDÃO DOS ESTÁDIOS

Se os colegas eram obtusos ou cegos, com quem estaria a verdade? Quem veria o “óbvio ululante” da primazia do futebol verde-e-amarelo? As arquibancadas. O imenso contingente de torcedores anônimos, a aplaudir e a vaiar. Nelson é o cronista de uma época em que o Maracanã recebia frequentemente mais de 100 mil torcedores para um clássico estadual ou um amistoso da seleção. Outros grandes estádios do país também atingiam ou beiravam essa marca, hoje raríssima no futebol brasileiro e mundial.

Chega a afirmar que a ideia de multidão nasceu no Brasil com a construção do Estádio Mário Filho (nome

oficial do Maracanã, homenagem ao irmão de Nelson, o também jornalista Mário Rodrigues Filho). Na sua opinião, esse é o primeiro espaço público a receber tanta gente ao mesmo tempo. “Nem o enterro do Barão de Rio Branco reuniu mais que o Mário Filho para o Fla-Flu do último domingo”.

Tantas vezes ressabiado com a opinião pública, autor da famosa máxima de que “toda unanimidade é burra”, Nelson, no entanto, enxergava nas multidões dos estádios profetas que se antecipavam aos cronistas e radialistas para apontar os craques e gênios dos gramados: “Os mitos são gerados no ventre numeroso, úmido e cálido das torcidas”. Ele esmerou-se em tingir com tintas fortes esses mitos, e imortalizou-os nas páginas de jornal.

Com Nelson Rodrigues, o futebol brasileiro ficou ainda mais bonito. E bem mais divertido.

Fernando Pellegrini Bandini (SP).





Por que a bola **bate na trave**

Nada mais frustrante para jogadores e torcidas, principalmente em jogos onde o time precisa e, muito, de gols, ver a bola, sistematicamente, bater na trave. Parece que quanto maior a necessidade de gols mais a bola teima em bater na trave. Fosse o espaço alguns centímetros mais largo talvez este fenômeno não acontecesse com tanta frequência. Tenho a impressão de que o comitê que calculou as medidas oficiais das traves, $7,32 \times 2,44 + 0,12$ metros, as estipulou pensando que naquele tamanho as probabilidades da bola bater na trave seriam maiores e assim os jogos teriam mais emoção. Possibilidades dolorosas para quem ataca e de alívio para quem defende. A estatística sobre os ataques do meu time confirma que sempre que precisamos ganhar para melhorar ou

garantir boa classificação, as bolas batem no travessão. Incompetência nossa ou sorte do outro time?

A batida de bola na trave é o instrumento de tortura em massa mais eficiente que o homem já inventou – nem a Inquisição Espanhola, nem os torturadores

"A batida de bola na trave é o instrumento de tortura em massa mais eficiente que o homem já inventou."

chineses poderiam ter pensado em forma tão cruel de suplício. Precisando, desesperadamente de um golzinho e a bola teimar em não entrar por puro capricho das leis da estatística. Os fatores aleatórios que ditam o encontro de um corpo que

se desloca em alta velocidade – a bola – ao bater em um obstáculo – o travessão – já provocaram o infarto de muita gente. Morreu do quê? – De bola na trave.

Tragédias para serem completas precisam ser imprevisíveis, por isso saber o final de uma história com

"Fora dos gramados também existem bolas na trave, é quando nossos projetos, sonhos e negócios pifam."

antecedência tira-nos o gosto da narrativa e uma partida de futebol nada mais é do que a contação de uma bela história. Por isso, as incertezas da sorte e do azar, o desvio da bola, o gol quase feito ou no último minuto, ao apagar das luzes, fazem do futebol um esporte tão arrebatador e apaixonante.

A impotência humana frente a essas forças desconhecidas, que num instante podem anular tudo aquilo pelo qual tanto nos empenhamos: estratégias perfeitas, treinos e preparações extenuantes, deixam-nos desarmados e perplexos, pois as leis da lógica e as da causa e do efeito se desmancham no ar. Na vida e no futebol nem sempre ganha o mais técnico e preparado. Jogos, classificações e carreiras são decididas pela aleatoriedade das bolas batidas na trave. Frente ao imprevisível, vamos buscar apoio na superstição, nas rezas e nas fórmulas mágicas das promessas para os santos. Depois das encruzilhadas, o lugar onde se faz mais macumba é a pequena área do campo de futebol. São Jorge proteja nosso time!

O contrassenso é ter que aceitar a existência de bolas na trave mais bonitas do que gols: há aquela que bate com força e espirra para o lado, quando o atacante vê o empenho do seu trabalho se perder e, instantaneamente, leva as mãos em concha para o rosto lasti-

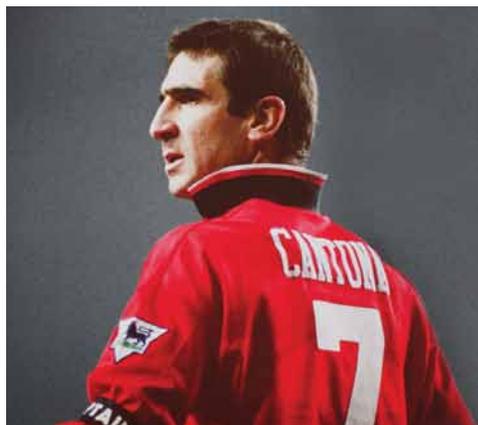
mando o gol perdido, quase sempre com o movimento labial de um palavrão. Tem aquela que bate por dentro da baliza, espirra no chão – fora da linha de gol –, volta a bater na trave e vai mansinha para a mão do goleiro. E existem aquelas que passam tão rente que o povo diz: "Passou tirando tinta."

Fora dos gramados também existem bolas na trave; é quando nossos projetos, sonhos e negócios pifam. Instala-se a decepção e a lamúria e ficamos lastimando a falta de sorte que pode ter sido construída de forma inconsciente por nós mesmos, pois movidos por sentimentos ocultos, como a culpa e o medo do sucesso, autossabotamos nossos sonhos sem darmos conta do ato. Ao fugir das cobranças de pênaltis perdemos as oportunidades dos gols.

Das dezenas de estratégias empresariais que li, em nenhuma delas vi o tema "o imprevisível" ser estudado em profundidade. Ao fazer planos, não costumamos pensar no aleatório. César, aquele que se tornou o todo poderoso do Império Romano, se preocupou com isso. Ao atravessar com suas tropas o Rio Rubicão proclamou: "*Alea jact est*" – isto é, "Os dados estão lançados."

A bola poderia ter batido na trave e hoje nem saberíamos quem foi Júlio César.

Eloi Zanetti (PR).



PALAVRAS DE CRAQUE

"A meu ver, artista é quem consegue iluminar uma sala escura. Nunca vi nem verei diferença entre o passe de Pelé para Carlos Alberto na final da Copa de 70 e a poesia do jovem Rimbaud. Em cada uma dessas manifestações humanas, a beleza está presente, nos emociona e nos dá a sensação de eternidade."

Éric Cantona.



Fora **de linha**

Nova, causou correria, disputa, às vezes brigas, pescoções entre marmanjos. Também entre mulheres, menos frequentemente. Aqui e ali. Passou pelas mãos de negros, brancos, alemães, japoneses, brasileiros, jovens musculosos, veteranos com alguma barriguinha e cabelos grisalhos, não escolhia companhia. Mesmo assim, cansou daquela cor anêmica, branquela, cicatrizes pelo corpo, rainha da noite, vista até de longe. Pediu a estilistas, digo especialistas, uma nova tez, quem sabe mais castanha, mais morena, um brilho diferente. Rodou mundo. Conheceu amantes. Alguns até a acariciavam, idolatravam, beijavam até. Ficava de bico inchado. Perdeu a identidade, perdeu o

"Velha, nas franjas da cidade, foi dezenas de vezes cruelmente ameaçada: fura, fura esta merda, mete a faca, fura o bucho, ela não serve pra nada."

nome, só lhe chamavam pelo número.

Confessara, entre elas, que cansara de ser hostilizada, socos na cara, chutes, agarrões, apanhava mais que mulher de malandro. Mas, será que eram todos malandros, mascarados, travestidos? Cansou das mesmas casas, fossos, subterrâneos e degraus. Saiu e voltou. Voltou e saiu. Porradas, chutes, socos, pancadas, será que ninguém se importava com a velocidade que vivia pra lá e pra cá, sob riscos? Era a vida, repetiam.

Danada, desviou, traiu, enganou, tomou outro rumo, enviesou, pipocou, safada! Acusavam: ela é cheia de ar, superior, vez ou outra vazia; às vezes rastejara, em outras,

voara. Bem que gostaria de ter frequentado a grã-finagem, quem sabe outros salões, de tênis, outras luzes, algo mais leve, outra cútis, sentindo-se maior ou menor, que importa?

Sim, cansara, reconhecia. Cansara de berros, gritos, apitos, urros coletivos, barulhos estranhos, alguns avessos à civilidade. Preferiria, quem sabe, o silêncio das ruínas, o Coliseu vazio. Cansada, passou boa parte da vida em lugares lúgubres, subterrâneos, as lâmpadas tomates rodeadas de moscas. Boa parte vivera solitária, sem socos, pontapés, carícias, sem mãos correndo céleres por seu corpo todo inflado. Quase morta, quase oca, quase ausente dos músculos, da arte, da multidão, dos olhos e dos lábios, quase distante da vida, quase quase.

Acabou rolando em chãos carecas, encaroçados, para poucos. Os tapetes quase aveludados, um verde quase vivo, viraram lembrança? E ficou ainda mais periférica, pelos fundos, o corpo cada vez mais em pelancas, uma cor parda, depois ainda mais descorada, longe daquela pele branquela cantada em prosa e verso especialmente pelos mais conservadores, preconceituosos até. Velha, nas franjas da cidade, foi dezenas de vezes cruelmente ameaçada: fura, fura esta merda, mete a faca, fura o bucho, ela não serve pra nada.

Nunca entendera, Maria das Dores, o mundo assim tão redondo. E tão bicudo. Encostou-se, só, só de dor, só de dor maior, nos fundos do xale bordado feito rede, muito maior que seu corpo, quietinha. Murcha.

Nilson Monteiro (PR).

Entre Pelé e Bob Moore

Quando um pai quer explicar ao filho quem eu fui, fala

que joguei ao lado de Pelé na Copa de 1970. Tenho muito orgulho de ter atuado ao lado do maior jogador de todos os tempos e de outros craques, e contra vários outros, como Bob Moore e Bobby Charlton, da seleção inglesa.

A primeira vez em que atuei em um jogo internacional, ao lado de Pelé, foi em um amistoso na Suécia, antes da Copa de 1966. Tinha 19 anos. Fizemos um trio, eu, Pelé e Gérson, que se repetiria em 1970.

No intervalo, Gérson me perguntou se dava para jogar de dois toques, em vez de um, como no Cruzeiro. Disse que, com dois, dava tempo de chegar à frente. Pelé concordou. No segundo tempo, foi melhor. No Cruzeiro, como o meia Dirceu Lopes era muito rápido, um toque era suficiente.

No Cruzeiro, eu era meia ofensivo, um ponta de lança. Na Copa de 1970, joguei de centroavante, de costas para o gol. Fui para Pelé, Jairzinho, Gérson e Rivelino, que chegavam de trás, o que Evaldo era para mim e para Dirceu Lopes.

Era difícil acompanhar o raciocínio de Pelé. Antes de a bola chegar, ele, em uma fração de segundo, me dizia, com seu olhar expressivo, seu enorme campo visual, tudo o que pretendia fazer. E fazia.

Pelé e os grandes craques possuem o que os especialistas chamam de inteligência cinestésica. Com o olhar, mapeiam tudo o que está em volta e calculam a velocidade da bola, de companheiros e rivais.

O saudoso mestre Armando Nogueira dizia que era uma inteligência medular. O raciocínio era tão rápido que não dava tempo de a mensagem chegar ao cérebro. A sinapse acontecia na medula.

No segundo tempo contra a Inglaterra, em 1970, vi que Roberto, meu reserva, se preparava para entrar. Tinha de fazer algo. De repente, a bola chegou a meus pés. Pensei: "É agora".

Tentei driblar até o gol. Fui impedido, joguei o braço e o cotovelo na cara de um marcador, para não perder a bola, e a coloquei entre as pernas de Bob Moore, antes de cruzar para Pelé, que dominou e deu para Jairzinho. Não vi Pelé, mas sabia que, quando a bola está muito tempo de um lado, há sempre um companheiro livre do outro.

Daqui para frente, quando um pai disser ao filho que joguei com Pelé, acrescentarei, para melhorar o currículo, que driblei e coloquei a bola entre as pernas de Bob Moore, um dos maiores zagueiros da história.

Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão (MG), da Folha.



○ Maracanã **não existe mais**

Em 16 de julho de 1950, o Brasil perdeu para o Uruguai a final da Copa do Mundo no Rio (2 a 1). Ainda não havia televisão e o Cineac Trianon passava filmes dos jogos com alguns dias de atraso. Só quem estava no estádio tinha credibilidade para contar detalhes da partida. O resto era transmissão pelo rádio.

O centro do Rio era só alegria, com as vitrines exibindo o pôster oficial da Taça do Mundo, um meio de jogador com 28 bandeiras de países participantes. Vieram 12, o resto desistiu. Premonitório, o pé do jogador não chutava, já pisava na bola.

O jogo Brasil x Suécia (7 a 1) foi de euforia total, o público vibrando com a goleada imposta ao civilizado país nórdico. A próxima vítima seria a Espanha, que levou de 6 a 1. Parecia que o complexo de vira-lata, a que

se referia Nelson Rodrigues, tinha acabado.

No jogo final, só era possível sentar na arquibancada de concreto forçando a traseira como cunha entre dois torcedores já espremidos. Quase dez por cento da população do Rio no estádio, um prodígio de dimensões e de público, 200 mil pessoas, ou 14 mil toneladas de gente.

Na mesma proporção, São Paulo precisaria hoje de um estádio para 1 milhão.

As fundações recalçaram naquele único dia o que estava previsto para afundar em meses de ocupação. O resto se sabe: o único registro do segundo gol do Uruguai, de cinegrafista ignorado, é exibido à exaustão na TV brasileira.

O excelente Museu do Futebol de São Paulo comete uma injustiça contra a Copa de 50, mostrada numa sala escura, como um funeral, onde o filme do gol de Ghi-

"As reformas de 2007 e 2014 somaram R\$ 1,4 bilhão. Com metade desse dinheiro, o Rio construiria um novo estádio."

ggia roda sem parar. Nada sobre a emoção das goleadas anteriores, como no jogo contra a Espanha, onde a multidão afinada cantou sem ensaio a marcha *Touradas de Madri* enquanto acenava com lenços brancos, como a se despedir do país derrotado.

O cartaz oficial de 2014 parte da mesma ideia do anterior, mas é andrógino. Exibe duas pernas meio femininas de meiões rendados disputando com delicadeza uma bola no mesmo padrão.

Em 1954, na Suíça, a revanche não aconteceu – a mágica Hungria ganhou do Brasil, em Berna. A redenção só chegou em 1958, na Suécia, quando surgiu um menino fenômeno chamado Pelé.

Em 2014, a final será de novo no Maracanã. Agora, o estádio tombado pelo Iphan só tem o nome em comum com o original: encolheu para 78 mil pessoas, jogando fora a recente reforma de 2007 feita para os Jogos Pan-Americanos.

A ideia da Fifa era ter um estádio onde fosse menor a distância do torcedor até o campo de jogo. Sem obedecer à proibição de mexer nas estruturas, o Maracanã foi derrubado, deixando um espaço oco por dentro, mantidas apenas as características colunas externas de concreto e as rampas de acesso.

Ali foi construído um anel concêntrico, de diâmetro menor que o original, onde ficam as novas arquibancadas. Acabou a majestade: a cobertura agora é de fibra de vidro, com luzes azuis, vermelhas, amarelas, como num circo.

As reformas de 2007 e 2014 somaram R\$ 1,4 bilhão. Com metade desse dinheiro, o Rio construiria um novo estádio: “Pague um e leve dois”. Preferiu o “pague dois e leve um”. E o Maracanã de tantas emoções, nesta segunda Copa do Mundo no Brasil, não existe mais.

Roberto Muyaert (SP).

MARACA FACTS



Maracanã passou a ter o nome do jornalista Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, em 1966. "Maracanã" é o nome de um pássaro verde menor que o papagaio e maior que o periquito.

O maior público registrado no Maracanã foi na final da Copa de 50, entre Brasil e Uruguai: 199.854 torcedores assistiram à derrota brasileira por 2 a 1.



O estádio já foi, também, palco de vários eventos artísticos. O maior público registrado em shows musicais foi em 1983, em show da banda KISS, para 250mil pessoas.

O Maracanã teve Zico como seu maior artilheiro, jogador que atuou a maioria das vezes no estádio pelo Flamengo. Ele marcou 333 gols nas 435 partidas que disputou no estádio. Já Pelé é o jogador que mais marcou gols no Maracanã com a camisa da Seleção Brasileira, 30 gols em 22 partidas.



As maiores goleadas da história do Maracanã foram Flamengo 12 a 2 São Cristóvão, pelo Campeonato Carioca de 56, e Espanha 10 a 0 Taiti, pela Copa das Confederações de 2013.

Nem verde, nem amarelo, apenas futebol

Pois bem: entendo de futebol com a mesma competência com que entendo de complexas equações matemáticas. Ou seja, competência zero. A distância que me separa da arte futebolística tem componentes intransponíveis para meu entendimento como, por exemplo, o tal do “impedimento”. De hora para outra alguém grita “fulano tá impedido!”, e está. Como é que naquela confusão dos jogadores correndo, bola em movimento, muitas vezes numa tensão crescente, percebe-se que um sujeito posicionou-se além de uma faixa imaginária? Sei lá. Tem mais: sou de uma escola falida (se é que algum dia existiu) por achar que a ética deve situar-se acima da disputa ferrenha para se sagrar vencedor da partida.

Por essa visão particular (não diria piegas, mas enviada) é que não aceito os trancos dos jogadores, os golpes truculentos para melar uma jogada. Gostaria de ver o talento da elegância em se roubar a bola dos pés do outro, sem que para isso tenha que levar o adversário ao chão, quase sempre se contorcendo de dor. Violência não justifica vitória alguma, digo indignado para uma plateia íntima e familiar que não dá a mínima para meu breve discurso inflamado. E o jogo segue adiante.

Seja como for, o futebol está presente como habitante discreto no meu mundo. Venho de uma família são-paulina e as raízes desse fascínio se perdem no tempo. Quem foi o primeiro a desfraldar a bandeira da paixão pelo tricolor? Quem dentre os parentes mortos, tão distante e tão morto, cuja lembrança não se tem mais, foi o causador dessa história? Existem nascimentos fadados ao destino do esquecimento – esse caso do primeiro torcedor da família é prova disso (há um porém nessa história: a discordante

paixão do meu pai pelo Corinthians, fidelíssimo ao seu time).

No comecinho dos anos de 1950 morávamos em Iperó, entroncamento importante da Estrada de Ferro Sorocabana. Era uma cidadezinha de poucas ruas, cujo movimento concentrava-se na estação ferroviária, nos trens que chegavam, partiam, passavam em disparada. Na sala de casa – ficava numa parte alta, de onde se via lá embaixo a estação com seus momentos de calma e burburinho –, na sala tinha uma cristaleira ladeada por duas portas. Meu irmão Waldomiro, que trabalhava na capital, fez uma surpresa para mim e meu irmão mais novo, nós dois ainda recentes neste mundo. Levou-nos cada qual para uma extremidade da cristaleira e mandou-nos abrir a porta: foi assim que ganhamos nosso bonezinho do São Paulo

"Sou de uma escola falida (se é que algum dia existiu) por achar que a ética deve situar-se acima da disputa ferrenha para se sagrar vencedor da partida."

Futebol Clube! Chamou-me a atenção as cores, o desenho e assim o time surgiu em nossas vidas – minha, do meu irmão – ainda sem sabermos o que era time,

futebol, o que era ser torcedor. Estava lançada a semente que mais tarde vingaria.

Ainda em Iperó, mais ou menos por essa época, lembro-me de ter visto televisão pela primeira vez, e ela estava transmitindo uma partida de futebol. Flash do passado, um instante que ficou: naturalmente as imagens eram em preto e branco e os jogadores pareciam figuras minúsculas correndo atrás da bola. Meninos sentados em cadeiras assistiam atentos à partida, mas para ter acesso à sessão era preciso pagar ingresso ao Bibe, dono do bar e do aparelho. Fui levado pelo meu irmão Jura; não me lembro se apenas espiei ou fiquei mais tempo na sala.

Nos fins de semana a bola rolava no campo iperoense, que era cercado por um muro caiado de branco. Quando



passava ali em frente sentia um frio de pavor: era de conhecimento da parentada que algumas crianças estavam brincando no campo vazio quando viram um saci vindo em direção a elas. Correram em pânico, foram para casa e, segundo a dona Catarina, mãe delas, naquela noite elas pediram que fosse colocado um terço na porta do quarto, como guardião divino. Torneio, títulos de campeonato, festa de congraçamento; nada disso marcou aquele lugar para mim. Ficou a mancha do medo, do mistério dos espíritos imundos.

Meus pais mudaram-se para Sorocaba, levando a prole para morar numa casa que tinha à sua frente um terreno grande, que anos depois seria loteado e cortado por uma rua. Esse terreno serviu para abrigar o que chamávamos de "campinho" – ali se promoviam as peladas. A designação no diminutivo devia-se ao fato de que no bairro havia o campo oficial e um time de futebol amador. Esse time chegou a vencer o campeonato local, com direito a faixa, troféu, notícias nos jornais, fotos de moças ostentando vestidos vaporosos entregando o troféu.

A torcida era inflama-da, fiel, orgulhosa, apaixonada. Dava seu apoio irrestrito, generoso, acompanhando as partidas respeitando os limites do campo pintados a cal na terra seca. Não tinha arquibancada. Também não tinha vestiário – os jogadores formavam uma roda e no centro dela revezavam-se na troca do uniforme. Nos varais das casas das lavadeiras, calções e camisas dos valorosos desportistas secavam ao sol da tarde.

Voltando ao campinho: nos fins das tardes, rapazes com idades entre os 15 e 20 anos, usavam-no para treinar já que um novo time estava sendo criado. Chegaram a fincar toscas traves em seu solo. Na rua que o ladeava (de terra, sem o luxo de paralelepípedo ou asfalto), os passantes voltavam para casa indiferentes ao som seco dos chutes castigando a bola de capotão. Meu irmão Jura era um desses jogadores; muitas vezes costurou com bar-bante os gomos da bola; ciosamente passava sebo nas

costuras, no couro machucado.

Quando esses jovens não estavam treinando, uma criançada mais nova invadia o local. Eu fazia parte desse grupo, mas era inapto, incapaz de um drible bem ou malfeito, inseguro nas divididas, um parvo. Quanto mais via a habilidade alheia, mais tenso ficava e sentia o peso do vexame. Queria brilhar como os companheiros, mas a incompetência era intransponível. Então, na hora de se formar os grupos opo-nentes, ninguém me queria como parceiro. Não fosse meu irmão Pingo intervir – ele era mais novo que eu, jogava bem e, portanto, respeitado –, eu jamais seria incluído.

Corria atrás da bola inutilmente, amargando o sentimento de derrota. Muitas vezes os folguedos começavam mais cedo ali no campinho. Como eu e o Pingo saíamos da escola às cinco da tarde, o jogo já estava em andamento. Ele não se fazia de rogado: na rua mesmo

tirava a calça, camisa, sapatos, meias e corria para o jogo. Eu levava seus cadernos e roupas. Enquanto ele comemorava gols, eu me enfiava nos exercícios escolares, tinha necessidade de

aprender. Porém, ao serem anunciadas as melhores notas do mês meu irmão estava lá no pódio: durante anos ostentou no peito laço com fita verde-amarela, destinado aos melhores alunos da escola.

Nessa mistura de tempos fica difícil fatiar o bolo chamado passado. Há uma mistura mágica de imagens, sensações, situações que acabam alterando caminhos desenhados alma afora. A Copa do Mundo de 1958 na Suécia. Como esquecer? Nada sei dos jogos que antecederam à partida final, da ascensão dos canarinhos, só me lembro daquele domingo em que o Brasil venceu e trouxe a Jules Rimet. Algo para mim foi inédito: meu pai comprar rojões para comemorar! Como foram cinco gols contra os suecos a princípio ele festejou disparando rojões em direção à casa vizinha, unicamente por falta de senso, ou por não ter intimidade com foguetório. Precisou minha

"Eu era inapto, incapaz de um drible bem ou malfeito, inseguro nas divididas, um parvo. Quanto mais via a habilidade alheia, mais tenso ficava e sentia o peso do vexame."

mãe alertar-lhe do perigo para ele apontar para o alto e assim extravasar devidamente sua alegria.

Dias depois os jogadores desciam no Aeroporto de Congonhas, eu pendendo de sono em frente à TV assistia a transmissão ao vivo da PRF-3 TV Tupi de São Paulo. Deveria ser por volta de nove e meia, dez horas da noite. As imagens eram ruins, mas o feito jornalístico com as precárias condições técnicas de então davam para nós a dimensão do esforço em registrar um momento histórico. E era. Lamentei que meu irmão mais novo dormia feito pedra, tentei acordá-lo e não consegui, mas com certeza ele não teria a mesma visão que eu: sentir-se presente num momento histórico, mesmo estando na condição de telespectador.

A música deu sua contribuição sonora: “A taça do mundo é nossa”, composição de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô, foi cantada à exaustão. A revelação para o Bra-

sil e ao mundo de um gênio muito jovem chamado Pelé fez com que se tornasse moda chamar todo negro de “Pelé”. Apesar da pouca ida-

de – beirava os dez anos – eu tinha minhas opiniões (para não dizer críticas) e uma delas dizia respeito justamente a isso – a folga das pessoas em chamar qualquer preto de “Pelé”. Ora, quem dera a eles esse direito? Também não entendia a passividade dos que aceitavam essa situação.

Quatro anos passaram rápido e em 1962, antecipando o início dos jogos, virou mania colecionar figurinhas trazendo estampados os craques mundiais. Dava a impressão que todo o mundo tinha um álbum e com diligência ali colava os cromos. Podia ser com goma arábica ou com uma mistura de água e farinha de trigo. Era mais barato que comprar goma arábica. Tudo era motivo de entusiasmo, a vida girava em torno das figurinhas e da Copa.

Eu, meu irmão, uns amigos fomos até a Praça Coronel Fernando Prestes, a principal da cidade, torcer pelos canarinhos. O Brasil disputaria a taça com a equipe da Tche-

coslováquia. Nesse tempo ainda não tinha transmissão pela TV; ouvíamos eletrizados a narração do locutor pelo som de um alto-falante, instalado pela Rádio Vanguarda. A multidão torcia atenta, tensa, quieta, pulava, berrava numa orgia de emoções. O que víamos, era aquilo que ouvíamos pela voz do narrador. De um jeito ou de outro estávamos todos em Santiago e, aterrados, fomos testemunhas do gol de Josef Masopust contra o Brasil, aos 15 minutos do primeiro tempo! Sufoco angustiante e passageiro, pois dali a dois minutos Amarildo marcaria o gol de empate. Zito e Vavá completariam o placar. Foi uma festa inesquecível.

Em 1966, veio o silêncio aterrador com melancólica volta da seleção ao País mais cedo do que esperávamos. Foi uma campanha tão decepcionante que restaram poucas lembranças. O travo que ficou na garganta desapareceu com o grito de vitória em 1970. Assim como em 1958, em

1970 também uma espécie de hino impregnou nos corações e mentes: “Pra frente Brasil”, de Miguel Gustavo. “Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil/ Do

meu coração/ Todos juntos vamos/ Pra frente Brasil/ Salve a Seleção”. Caiu no gosto popular e serviu como uma luva à propaganda ufanista dos militares que estavam no poder. Eram os tempos mais obscuros da ditadura, sob o comando de Emílio Garrastazu Médici e, ironicamente, enquanto o negror da violência cobria a nação, nos gramados cintilava o talento da seleção. Contraste entre o brilho e a escuridão.

Outras Copas do Mundo vieram e se foram, algumas deixando atrás de si histórias nem sempre edificantes como um vergonhoso festival de muambas e um mal-estar duvidoso que amarelou praticamente um time inteiro. O que havia de idealismo e boa dose de ingenuidade ficou na saudade. Assim penso eu, que não consigo ver o mais notório impedimento numa partida, como também não entendo porque todo jogador cospe nos gramados.

Zeca Corrêa Leite (PR).

"Eram os tempos mais obscuros da ditadura e, ironicamente, enquanto o negror da violência cobria a nação, nos gramados cintilava o talento da seleção. Contraste entre o brilho e a escuridão."

A minha Copa: 1950 sem frustração

Você já leu e ouviu vezes incontáveis, mas não sabe o que ouviu e leu. Vale repetir: "O Maracanã caiu em um silêncio absoluto, 200 mil pessoas emudecidas, paralisadas, atônitas".

Convenhamos, não era para menos: gol do Uruguai. Nem era para mais: seria difícil inventar mentira mais aparentemente lógica para as circunstâncias de um segundo gol uruguaio contra um único do Brasil. Era a própria taça que Ghiggia fazia entrar no gol.

O que se seguiu foi o troar abafado de 200 mil vozes de espanto, lamúria, incerteza, foi gol? E agora? Meu Deus, 200 mil sons como um vapor muito denso, indistinguíveis, sem gritos. Uma sonoridade cava e penetrante como o som da terra nos terremotos.

E nem então veio o silêncio. Os 200 mil continuaram torcendo, sem alegria mas torcendo. Até a sentença do apito. E aí os 200 mil reencontraram o seu destino histórico: nas rampas, só o som imenso dos passos emergia da marcha bovina para o recesso da frustração.

A verdade é que o selecionado (assim se dizia) não era a maravilha apregoada. No seu jogo em São Paulo, penou por um empate de 2 a 2 com os turísticos suíços. Mas o trio Zinho, Ademir e Jair e uma goleada carnavalesca no vistoso time da Espanha, com o Maracanã cantando *Touradas de Madri*, difundiram o sonho de campeão antecipado. O time uruguaio não era melhor. O Brasil poderia dizer que teve menos sorte, mas preferiu dizer que Bigode, um brucutu, se acovardou e que Barbosa falhou.

Barbosa, ninguém precisa ter dúvida a respeito, foi o melhor goleiro brasileiro pelo menos desde iniciada a década de 40. Foi sensacional sem sensacionalismos,



graças à colocação perfeita. E goleiro de agarrar a bola, que Barbosa trazia com estilo para o peito, não goleiro enluvado que soca todas. E contra Barbosa ainda foi inventada a idiotice de que comprou a trave do Maracanã e queimou-a em um churrasco.

De quebra, lembro que Ghiggia foi craque para os brasileiros. Zinho, um gênio incomparável, que viveu sob a perversidade cronológica de não jogar na era da TV e do marketing, foi eleito unanimemente o craque da Copa, tanto nas votações dos jornalistas internacionais como na dos jogadores estrangeiros.

Paixão das sucessivas gerações da família desde a fundação do Flamengo, o futebol foi a minha diversão de in-

fância. Os pequenos éramos levados a acompanhar o Flamengo domingo a domingo, nas então demoradas e aventureiras idas aos campos suburbanos.

Depois, o Maracanã de todas as tardes de todos os fins de semana.

Adolescente na Copa de 1950, posso confessar que outra coisa me importou mais do que o jogo e me poupou da frustração: vi a final da Copa com a belezinha que, naquela altura, se imagina ser o amor único, definitivo, eterno – a própria vida, até o fim. A minha Copa não foi perdida.

Jânio de Freitas (SP), da Folha.

"Vi a final da Copa com a belezinha que, naquela altura, se imagina ser o amor único, definitivo, eterno."

Um chute na mesmice

O que Muricy Ramalho tem que Oswaldo de Oliveira não tem? Não vale dizer a liderança de seu grupo no Paulistão, porque isso até você conseguiria.

Muricy foi jogador e Oswaldo não foi. E o técnico do Santos não é exclusivo. Dos doze times mais expressivos do Brasil, cinco tinham no início de 2014 treinadores que nunca chutaram uma bola profissionalmente: Gilson Kleina, do Palmeiras, Paulo Autuori, do Atlético-MG, Enderson Moreira, do Grêmio, Eduardo Húngaro, do Botafogo, além de Oswaldo de Oliveira, do Santos.

A novidade é apenas o número de "curiosos". Luís Alonso Peres, o Lula, era o técnico do Santos de Pelé e é o recordista de títulos paulistas, com oito. Ganhou cinco vezes a Taça Brasil, também recorde considerando o Brasileiro unificado. Nunca foi jogador.

Nos anos 50, Maritim Francisco foi campeão carioca pelo Vasco em 1956 e João Saldanha pelo Botafogo, em 1957. Nenhum foi jogador.

Mas parece que para ser técnico é preciso ter sido jogador.

"Admito precisar compensar o fato de não ter o sentimento dos jogadores com outras qualidades", diz Eduardo Húngaro, do Botafogo.

O que eles têm e muitos boleiros não têm é a universidade. Estudar também não é tudo.

Virou lugar comum dizer que os técnicos brasileiros são sempre os mesmos, revezam-se nos principais clubes e não estão atualizados. Reunir estudo, carisma e experiência em campo pode ser o melhor cenário. Nem todos têm isso em nenhum lugar do mundo.

Guardiola tem.

Mourinho, não.

Mas admita-se ser mais difícil procurar emprego apenas com o currículo embaixo do braço.

Não é fácil para quem não jogou. Também não é para ex-jogadores de times modestos, como Mano Menezes, do Guarani-RS, ou Felipão, do Caxias.

Na história das Copas, Juan López, do Uruguai em 1950, e Carlos Alberto Parreira, do Brasil em 1994, ganharam Copas como treinadores sem terem jogado profissionalmente. Arrigo Sacchi, vice em 1994, também não jogou: "Não é preciso ter sido cavalo para ser jóquei", dizia.

Sacchi dirigiu o Milan bicampeão da Liga dos Campeões em 1989 e 1990. Até hoje, defende treinadores que inovem e surpreendam. Em seu período como treinador, conseguiu.

Oswaldo de Oliveira já fez grandes trabalhos, do Corinthians de 1999 ao Botafogo de 2013. Autuori ganhou duas Libertadores. Enderson, Kleina e Húngaro ainda têm muito o que vencer para se firmarem no mercado de treinadores. Vão ralar mais do que Jayme de Almeida, boleiro do passado que também comeu o pão que o diabo amassou antes de ter um bom emprego.

Impossível dizer quanto tempo esses nomes vão permanecer em clubes grandes. Mas reclama-se tanto da falta de novidades no futebol que esses nomes representam, no mínimo, um chute na mesmice.

"Parece que para ser técnico é preciso ter sido jogador. Não é. Oswaldo, Parreira e Sacchi nunca atuaram."

Paulo Vinícius Coelho (SP), da Folha.

Curiosidades sobre o futebol



» A 20.^a edição da Copa do Mundo de Futebol será realizada no Brasil de 12 de junho a 13 de julho deste ano, envolvendo 32 seleções de países entre os 204 filiados à Fifa. Serão 12 as cidades-sedes, nas quais foram direcionados vultosos investimentos nas arenas e infraestrutura, sob expectativa de render dividendos financeiros e políticos. Polêmicas à parte, o esporte mais popular do planeta – e também o preferido do nosso país – tende a fomentar o turismo e a lotar os estádios, sem contar que bilhões de pessoas estarão conectadas aos jogos pela tevê. Recorde-se que a disputa final na Copa da África do Sul, em 2010, teve 3,2 bilhões de pessoas acompanhando a transmissão da vitória da Espanha sobre a Holanda por 2 x 1.



» Extracampo, equipes multidisciplinares continuarão a fazer uso de todo potencial de conhecimento e tecnologia para moldar a aptidão física à técnica dos atletas.

As performances individuais tendem a mostrar a evolução que se constrói a cada evento sob o intervalo de quatro anos. A Copa de 70, no México, foi a primeira em que se permitiu a substituição de jogadores. O Brasil foi campeão sob respaldo de uma das equipes mais bem preparadas fisicamente, tendo seus atletas correndo em média 5 km por partida.



» Hoje, dependendo da posição, há jogadores se deslocando de 11 a 13 km em 90 minutos no Brasil, e até 15 km em países europeus sob clima mais ameno. E além de resistentes, precisam ser cada vez mais velozes. De acordo com o ranking da Fifa, jogadores como o norueguês Mathis Bolly, do Fortuna Dusseldorf, são tão rápi-

dos quanto os mais afamados corredores de curta distância. Ainda no quesito velocidade, o atleta mais rápido do Mundial da África foi o mexicano Javier Hernández, o Chicharito, que acelerou a 32,15 km/h.



» Em média, um jogador de futebol profissional só fica parado 10% dos 90 minutos em campo. Durante o jogo, chega a mudar de atividade física 1.100 vezes, intercalando diversos tipos de movimento: caminha por 3 km, trota outros 5 e corre em alta velocidade por mais 3 em tiros acima dos 20 km/h. No final, ele perde em média 4 quilos e 1.400 calorias.



» Os goleiros também estão mais preparados. A impulsão de um goleiro atual é em média 15 centímetros maior do que um goleiro dos anos 70, sem contar que ainda são de maior estatura.



» Hoje, o futebol e demais modalidades esportivas são objeto de estudos em todas as suas formas, ultrapassando as descobertas das ciências biomédicas. Daí cresce a importância nos esportes de alto rendimento as áreas de medicina, fisiologia, biologia, bioquímica, farmacologia, psicologia, fisioterapia, nutricionismo, que se somam ao treinamento técnico-tático, condicionamento físico, aprendizagem motora, pedagogia, liderança, marketing, gestão, evolução dos materiais esportivos (bolas, vestuário, calçados) etc.



» A evolução do treinamento desportivo, segundo estudiosos, passou pelos períodos de prática, da arte, da improvisação,

da sistematização, pré-científico, científico-metodológico, científico-biológico, científico-tecnológico e, para alguns, o científico-mercantilista contemporâneo, marcado pelo número excessivo de competições em todas as modalidades, com marcas e valores agregados à prática esportiva.



» Embora historiadores defendam que os jesuítas já jogavam futebol em colégios do interior paulista, oficialmente as primeiras bolas chegaram ao Brasil em 1894 (três décadas após a definição das 13 regras fundamentais), pelas mãos do paulistano Charles Miller, filho de escoceses e que tinha ido estudar na Inglaterra. Naquele ano ocorreu a primeira partida sob a batuta de Miller: Gas Works Team x São Paulo Railway Team.



» O primeiro clube de futebol fundado no país foi o paulista Sport Club Internacional, seguido pelo Germânia, ambos em 1899 e já extintos. O clube mais antigo em atividade no Brasil é o Sport Club Rio Grande, fundado 23 dias antes da Ponte Preta, de Campinas, que é de 11 de agosto de 1900 – por isso, 19 de julho foi escolhido pela CBF como o Dia do Futebol Nacional.





Time campeão com gol na UTI

Chegara o grande dia. Domingo de finalíssima do campeonato de futebol da imprensa curitibana num ano da primeira metade dos oitentas, época de muita disputa, paixão e glamour. Dos campos à notícia garimpada e lapidada com prudência. Opa, claro que também tinha muito pangaré correndo atrás de bola ou de reportagem.

Não conseguira dormir bem. Parecia que algo me incomodava mais do que a responsabilidade de ser o goleiro do time, que chegara como azarão para disputar o título, ou da chuva que só deu sossego ao amanhecer. Ou, quem sabe, por temer o adversário recheado de craques, incluindo os recrutados na suburbana ou ex-boleiros profissionais chancelados para transitar – e dar pitacos – nos meios de comunicação.

O campo era do antigo Pinheiros, que alguns anos depois se fundiria com o Colorado para dar vida ao Paraná Clube. Na chegada ao estádio, a má notícia dada pelo colega que passara cedinho na Gazeta, jornal que a maioria do nosso time trabalhava: o xerifão da zaga tinha sido

assaltado e baleado. Quem sabe a minha angústia fosse premonitória, mas a realidade que se apresentava é que nosso amigo Marcos Batista estava em estado gravíssimo no hospital e já passara por uma primeira cirurgia.

Radialistas do plantão da madrugada chegavam com mais notícias (longe das instantâneas de hoje), pois o episódio ganhara grande repercussão na cidade, afinal o “nosso” atleta ferido com três tiros era o diretor de jornalismo da maior rede de televisão do Estado. Aos poucos, cada nova informação ajudava na reconstituição dos fatos. O sequestro ocorrera na noite de sábado, no Centro, quando ele embarcava no carro para comprar leite para a filha, sob recomendação do pediatra. Seriam ladrões dispostos a levar seu veículo para o Paraguai, inclementes e que regavam ali a violência hoje crescida e alucinada.

Largado como morto numa área erma da periferia, teria recobrado os sentidos e conseguido se arrastar por algumas centenas de metros até uma casa isolada. O morador que o socorreu, depois de relutar ante a inesperada “visita”

a altas horas, disse ter ouvido que ele só queria que a família fosse avisada e de que tinha de jogar pela manhã. Desde guri já era fanático por futebol e, como diretor de jornalismo, sempre deu ênfase às coberturas esportivas, muitas delas inéditas, como transmissão de futebol amador e feminino.

DO JOGO AO HOSPITAL

Enquanto já rolava solta a disputa pelo terceiro lugar do torneio iniciado com mais de uma dúzia de times, tínhamos de decidir o que fazer: jogar, desistir ou pedir improvável adiamento. Chegávamos àquela decisão com um único reserva, depois de várias baixas por contusões em nossos atletas de fim de semana ou por outras razões. E seria ele a ocupar a vaga do zagueiro-capitão. A decisão de encarar o “bicho-papão” do campeonato foi unânime, como forma de homenagear nosso atleta e sua luta pela vida. Fixou-se ali um pacto pela vitória. E tínhamos certeza de que entraríamos com um jogador a mais. Invisível, mas capaz de fazer a diferença.

O jogo foi inacreditável, principalmente para os atônitos adversários e pelos que sabiam de seus potenciais. A

torcida, porém, era maioria em nosso favor, provável sabedora de que a conquista representava um reforço à corrente de esperança lançada. Compensando a questionável técnica pelo vigor da juventude, ousou dizer que “peguei tudo” naquela partida – até chuteira desgarrada, como brincaram meus pares. O um a um arrastou-se até o final quando o Mazzão (sim, o Luiz Geraldo, três décadas mais novo) mostrou toda sua categoria para desempatar a nosso favor e selar também o título de artilheiro ao lado do Pedro Ribeiro, também do nosso grupo.

Comemorações, premiações disso e daquilo. Estava preparada uma grande festa de encerramento, que ocorreu sem muitos do nosso time. Tínhamos o hospital como destino e queríamos não apenas doar sangue e levar a boa notícia, mas principalmente receber uma melhor. Conseguimos acesso à UTI onde estava nosso amigo que, a esta altura, começava a se recuperar dos efeitos

de anestesia. Inclinou o queixo uma, duas vezes, como indagando o “acontecido” no campo, pois vestidos com o enlameado uniforme do time não deixávamos dúvida de onde vínhamos. No começo, os gestos com o dedo pelo Gilson, o maestro do meio de campo, fez-lhe entender derrota por 3 a 2 – “deu um desespero, quase morri”, relataria uns 10 dias depois, ao sair da UTI. Mas o sinal de positivo bastou para que as lágrimas brotassem de seus olhos e, provável, fosse acometido de uma energia que o ajudou a enfrentar outras tantas cirurgias e percalços, como as temidas infecções que lhe fizeram companhia.

A dedicação e competência de médicos e demais profissionais de saúde que o acompanharam por meses, em sequência ou não, formaram o tecido a amparar sua vida (quatro dos médicos são seus amigos até hoje). Um pouco da textura desse tecido, acredito, adveio da sintonia estabelecida entre os que estavam àquele dia no campo enchar-

cado e o que travava sua batalha num ambiente hospitalar. Aquela dupla conquista, assim entendida, foi intermediada por incontáveis outras pejejas, muitas delas com presença do

nosso xerife de zaga, para quem o termo bola perdida até hoje inexistente – ruim para as canelas dos adversários.

Emoções e frustrações se abraçaram ao longo da jornada até os dias atuais; com a pelota e com a notícia. É o tal correr do tempo que corrói troféus, convivências, entusiasmos, vitalidades e também amizades. Mas há sempre de ficar legado de boas lembranças e exemplos de obstinação no saborear da vida e ideais, sob o aprendizado da distinção entre a hora de competir por si ou de forma coletiva. Vale para os donos da bola – ou que se julgam tal – saberem quando prender, driblar ou passar. Seguindo a lógica do êxito nos outros esportes, no futebol o gol é o objetivo, que também pode ser sublime para a ação de quem o evita ou de quem faz a assistência certa. Ou simplesmente de quem a tudo vê como um espetáculo, com sua paixão sob o limite das redes da tolerância.

Hernani Vieira (PR).

"Emoções e frustrações se abraçaram ao longo da jornada até os dias atuais; com a pelota e com a notícia."

A GALERIA

As imagens que ilustram a galeria e parte desta edição da revista são de autoria do fotógrafo Albari Rosa, que vai para a cobertura de sua terceira Copa do Mundo de Futebol, e que ainda tem no currículo uma Copa das Confederações e uma Copa da América, entre outras tantas competições esportivas. Albari, que por pouco não seguiu a carreira de jogador de futebol (integrou o juvenil do antigo Pinheiros), fotografa profissionalmente há 25 anos, com trabalhos publicados em grandes jornais e revistas do país e do exterior, além de compor acervos de várias exposições sobre esporte e temas do cotidiano. É de publicação inédita a maioria das fotos selecionadas para o IÁTRICO.





Encontro Marcado: **Conversa com Emanuel Sá**

Veza ou outra nosso entrevistado aparece nas páginas da revista. Seus textos ou poesias tangenciam os relacionamentos, essa convivência humana tão precária, incerta, e também tão intensa. Saber de si um pouco da “consciência do branco e o gosto do ar”, foi o que nos motivou.

IÁTRICO – Felicidade e sabedoria são coisas a que todos aspiram mas raros os que as precisam. Afinal, o que é sabedoria de vida?

EMANUEL SÁ – É um estado de espírito embasado em um modo de ser e viver de acordo com o de pensar. Parece prosaico, mas quantos conseguem tal feito? Injunções educativas, familiares, profissionais, ou simplesmente genéticas, com frequência detonam tal possibilidade. Ser e viver aderido ao pensamento, é a simplicidade e a grande arte da vida.

I. – Muitos dizem que levar uma vida sexual plena, sa-

tisfatória, é o que importa.

E.S. – Esse é apenas um dos itens. Uma vida sexual gratificante, responsável e sem grilos. Mas sexo para a maioria não é segredo, é mistério, e não lidamos bem com o que nos parece misterioso. Temos crenças em demasia, e isso atrapalha.

I. – Então o que é uma cabeça boa?

E.S. – É a que tem a capacidade de suportar muitas dúvidas. Pensamos por meio da dúvida. Não existe, por exemplo, ciência sem dúvidas. São nosso bem mais precioso.

I. – Quem formou suas dúvidas?

E.S. – O leito do paciente, o assento do consultório, meus livros e revistas. Por isso os amo, me deram a estrutura intelectual que tenho. Me permitiram navegar por mares nunca dantes... Deram-me relativa segurança. Pois seguros nunca estamos.



I. – O que mais importa: razão ou sentimento?

E.S. – São indissociáveis. Ambos nos levam a ponderar e a fazer as melhores escolhas. A sua associação permite evitar exageros, a levar uma vida com mais equilíbrio.

I. – Você é livre?

E.S. – Para sentir, sim. Não para atuar. Às vezes você tem raiva de determinada coisa mas se contém. A contenção é sempre necessária. É diferente da repressão, essa faz adoecer.

I. – Autoestima é fundamental?

E.S. Claro que sim. Aí vale um esclarecimento. Autoestima não é amor por si mesmo, e sim sentir orgulho de si. E sente orgulho de si quem faz bem feito e vive de acordo com os valores em que acredita.

Valores baseados na norma justa. Ou seja, não devemos fazer prevalecer nossos desejos sobre os outros. Os outros têm direito de ser o que são. Essa norma justa é a reflexão moral mais simples. Sou o que sou, e deixo os outros serem o que são.

I. – O talento pode prevalecer sem disciplina?

E.S. – Não. Só o talento não faz primaveras. A disciplina faz com que, às vezes, tenhamos que nos podar e persistir para voltarmos mais fortes. Só com disciplina alcançamos nossos intentos. Isso nada tem a ver com obsessão. E a disciplina, ao depois, também nos gratifica.

I. – Qual a receita da disciplina saborosa?

E.S. – Misture em proporções iguais razão, bom senso e os valores, tempere evitando desejos imediatos, e terá o gosto de um porvir saboroso e autêntico, sem ter desprezado sua subjetividade.

"Misture em proporções iguais razão, bom senso e os valores, tempere evitando desejos imediatos, e terá o gosto de um porvir saboroso e autêntico, sem ter desprezado sua subjetividade."

I. – O que é uma boa sociedade?

E.S. – A que se faz respeitar e tem limites. Não é invasiva. Permite a liberdade individual e estimula a imaginação. E pune condutas inadequadas.

I. – O que mais funciona na ciência médica?

E.S. – A prevenção. E esta baseada na educação. Os grandes saltos de longevidade se deram com saneamento básico, boa nutrição e prevenção e combate de doenças infecciosas. Esses ganhos deviam ser universais e, nós médicos, seus arautos permanentes. Hoje a prevenção se estendeu a muitos outros setores, das doenças cardiovasculares às neoplasias, e, portanto, muitas trincheiras a batalhar. Ensina-mos o que a ciência já tem provado. E já foi muito, embora estejamos no limiar de novas fronteiras que farão a vida ainda melhor, desde que também tenhamos certa mentalidade conservacionista, ou seja, que não adulemos o perdularismo.

I. – Do que é que o ser humano está mais necessitado hoje?

E.S. – De ser ouvido. De conquistar a atenção do outro. E isso vale para todos os relacionamentos, sobretudo na relação médico-paciente. Hoje ninguém tem paciência ou tempo para ouvir. E as novas mídias ainda isolam mais o indivíduo. Tenho preocupações a respeito. Porque o humano já é adepto, por si, de um entretenimento passivo. Isso só gera dispersão. Precisamos lutar por uma concentração ativa, e isso se desenvolve na interlocução ou no estudo.

I. – O que todos deveriam ambicionar na vida?

E.S. – Mais do que a pecúnia, o desenvolvimento pessoal. Mas isso é chover no molhado. Todos se acham verdadeiros e consistentes no que falam e, pior, acreditam piamente no que estão dizendo. O que falta? Aquela

dose essencial de dúvida, autocrítica. São donos de um pseudosaber. Nunca aprenderam, ou não querem saber, que o próprio sábio é um eterno aprendiz e que luta bravamente para saber um pouco. E que não se importa de ter a cabeça cheia de dúvidas.

I. – Do que mais se orgulha?

E.S. – De ter certo domínio sobre mim mesmo e de ter colaborado para uma vida mais cooperativa e segura para outros. Sobretudo de ter como única causa – me desiludi de quase todas – a difusão da ciência e da beleza.

I. – Fora dos padrões mais rigorosamente científicos, como se ajuda pessoas num trabalho terapêutico?

E.S. – Dois caminhos: analisando e procurando resolver o que no passado deixou marcas indeléveis, não cicatrizadas; ou estimulando a razão das

pessoas a andar pra frente, fortalecendo suas possibilidades, diante dos conflitos vividos e não digeridos. Ou seja, entender conflitos pretéritos e fortalecer a razão autocooperativa. O resto é medicação; que repara função mas não a cria. É preciso clareza quanto a isso.

I. – O que deve significar esperança na ação de um médico?

E.S. – A ciência reverte em esperança seus resultados, e nós médicos a revertemos em benefício dos sem esperança. Isso nada tem de enganação. São as provas que colhemos e a esperança de que aquele organismo seja responsivo. Claro que levando em conta o que possa ser tolerado por cada paciente.

I. – Na sua visão, qual o traço inerente a todas as pessoas?

E.S. – A de ser aceito. Somos dependentes do apreço dos outros. Isso é inescapável.

I. – Por que certas emoções nos tocam tanto?

E.S. – Isso é genética e bioquímica puras. A nossa amígdala cerebral registra uma emoção insólita, e fica gravado na nossa memória. Tanto que não se esquece o que a memória – ou seja, hipocampo – amou. E também não o que detestou. A não ser com um esforço danado de dessensibilização. Só assim se extingue o que trouxe sofrimento ou medo.

I. – Mas emoções passionais não são ruins?

E.S. – Não necessariamente. Paixão significa sofrimento. Mas pode e deve haver paixão pelo conhecimento, pela beleza, pelo código de valores morais etc. Desde que venha acompanhada de propósito, proporção, limites, é ótima.

I. – O que enjoa?

E.S. – O que sangra e vende. O humano tem um pé no drama, na tragédia dos outros. E pouco aprende com isso. Não há uma finalidade, só mera curiosidade. É uma pena.

I. – Ok, relacionamentos são importantes mas do que é que as pessoas não abrem mão?

E.S. – Do essencial. Emprego, renda e bem-estar.

I. – E para terminar. O que será que será que andam sussurrando por aí?

E.S. – Fofocas. O maior divertimento humano. Os olhos e ouvidos dos outros estão por aí. É universal.

"A ciência reverte em esperança seus resultados, e nós médicos a revertemos em benefício dos sem esperança."

PALAVRAS DE ARTISTA

"Levei cinquenta anos para aprender a pintar como uma criança."

Picasso.

Fragmentos

Há um abismo entre autores e seus leitores.

Que são poucos, e que é bom que os autores não se deem conta, porque não mais escreveriam.

Apesar da pouca utilidade, autores estão sempre em busca de curiosos. Alguém que partilhe suas ideias, convicções ou incertezas. Que esteja procurando um ponto luminoso, o mesmo do autor, este solitário que pretende navegar por cabeças desconhecidas e que lhe deem um tempo, mínimo, mas necessário para o encontro. Para que seja um simples desfrute, ou, sendo melhor, uma frase

ou verso que viaje consigo ao longo do tempo e que embrenhe em sua maneira de ser e

sentir. O que é raro, e só contando com a colaboração dos deuses da linguagem, donos da imortalidade das palavras.

De minha parte me orgulho de ter lido páginas imortais. Sem as mesmas talvez minha vida não fizesse sentido; certamente teria menos colorido.

Li de tudo, do superficial ao erudito. Tirei vantagens de cada um. E o resultado maior foi conseguir uma mente especulativa. Sim, ignorante continuo, mas

cheio de expectativas abrangentes, operando livremente sobre os textos, ao meu bel-prazer e livre pensar. Interpretação que é o graal dos leitores, sem medo de censura ou limitações. Aliás, é onde não temos limites, só possibilidades.

Sei que a maioria das gentes não tem apreço pela leitura. Muito menos por textos longos. Mesmo os curtos são lidos enviesados. Poesia então, nem se fala. Sei também que há muitos adeptos do fragmento, do aforismo, da frase curta que pode condensar

grande sabedoria.

Mas como colher a essência pura de um fragmento sem ter lido textos longos, curtos, prosa,

poesia, até serem depurados num haicai, numa pílula sagaz e significante? Não me venham com explicações, são sempre simplistas. Complexo e inacessível é o leitor e seu mundo único, romântico, às vezes perverso, onde pôr o verso, a memória e o gosto é quase sempre incerto, e por isso tão tentador. A tentação de subjugar-lo à força da palavra, sua real libertação.

P.S. Leitor, socorro, diga o que pensa! Nos acene com sua brisa, ou com sua tempestade. **❶**

"A maioria das gentes não tem apreço pela leitura. Muito menos por textos longos. Mesmo os curtos são lidos enviesados. Poesia então, nem se fala."



DIÁLOGOS (IM)PERTINENTES

O ex-presidente Jânio Quadros foi abordado pela repórter:

– E aí, Jânio. O que há de novo?

– Esta nossa intimidade. Intimidade, minha jovem, só traz aborrecimentos e filhos, e eu não quero nenhum dos dois com a senhorita.

Manifesto

A poesia começa quando o poeta pensa que acabou o poema.

O poema não é a poesia. É somente um dos seus condutores, talvez até o mais aparelhado.

Toda poesia que cede ao poema frustra-se.

Todo poema que cede ao verso, perturba-se.

Todo verso que cede à beleza arrisca-se.

Toda beleza que domine o poeta ameaça-o de não alcançar a poesia.

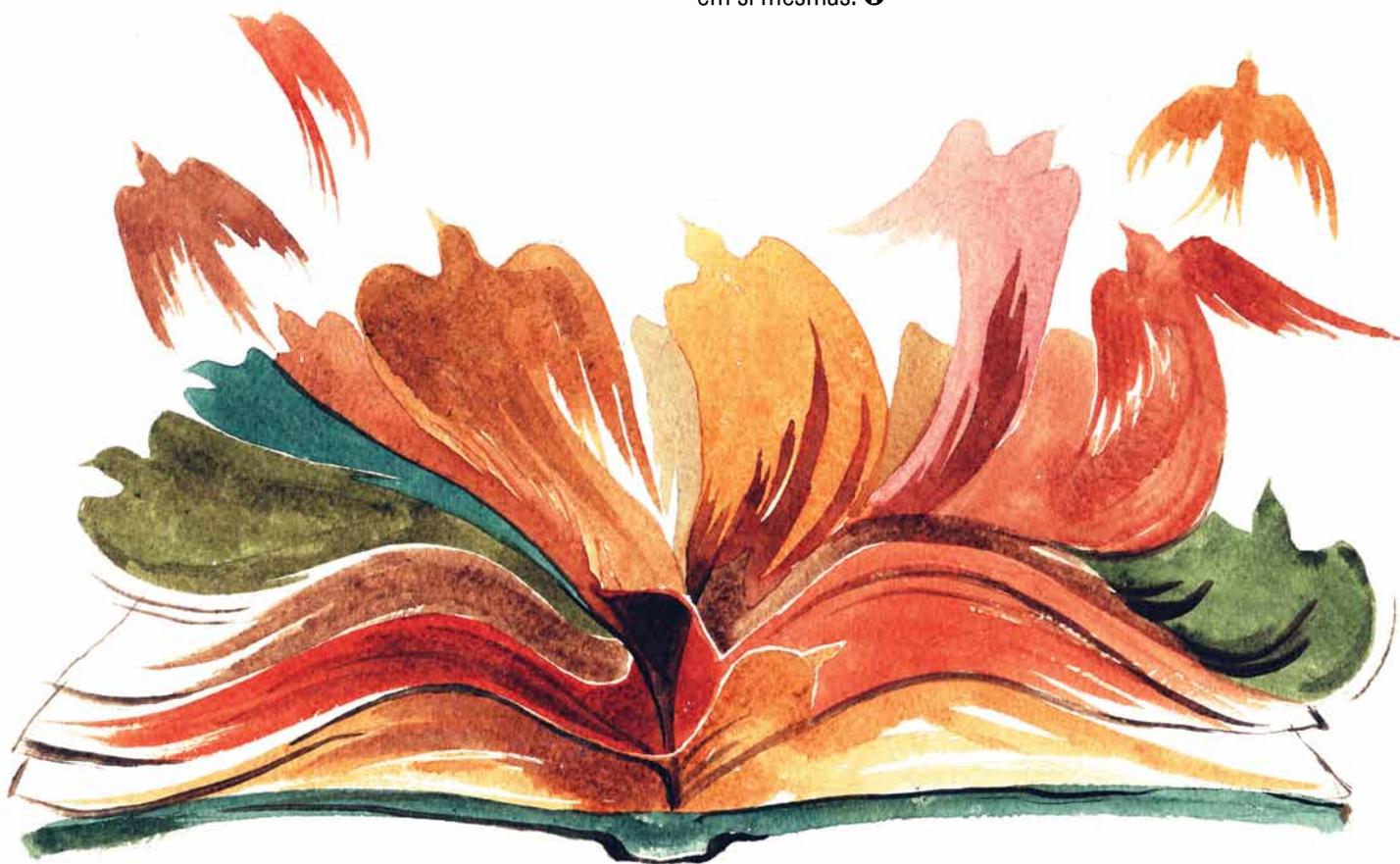
O poema precisa ser escravo da poesia. Deve aviltar-se, ser volúvel, hipócrita ou solidário, mas corajoso o suficiente para compreender e aceitar o seu lugar de coadjuvante.

Há poetas que começam e acabam seus versos no poema e jamais atingem a poesia mesmo utilizando-se da melhor inspiração e de refinada linguagem.

Poesia, poema, verso e poeta são ao mesmo tempo concomitantes, contraditórios e conflituosos. Inimigos íntimos que se amam.

A poesia é soberana. O poema e o verso, invejosos, ambicionam o lugar dela. O poeta é um ser carente, aturdido e lindo, o único com permissão de levar o verso, o poema e a beleza para o julgamento da poesia. Esta, exigente, quase sempre reprova os vários intentos do poeta embora jamais o proíba de dar luz ao poema. A poesia sabe que mesmo quando não alcançada, vislumbres do que é podem estar presentes no poema, em alguns ou muitos; vemos ou nos delírios do poeta. Por isso só interfere no seu trabalho para disparar a inspiração.

A poesia é deusa. Verso e poema são anjos: intermediários entre o território superior e sagrado da poesia; entidades de grande valor transitivo. Jamais verdades em si mesmas. ❶



O poeta é o herói mitológico. Nasce do casamento de uma deusa (a poesia), com um mortal (o poema). É bem-vindo, porque ajuda a quase impossível compreensão do que é a poesia. É um ser alado e bendito, amaldiçoado pela dúvida, cujo afã é o verso e a finalidade o poema. Alça-se à procura da deusa-poesia. Esta, somente em alguns casos e por especial concessão olímpica se deixa alcançar desde que o poeta não se embebede com o verso, com o poema ou consigo mesmo, sobretudo se for talentoso.

Poema e verso jamais podem se arrogar à pretensão de representar com exclusividade a poesia. São meros condutores que ao se suporem representantes da poesia são por ela punidos.

A poesia é tão superior que nem da beleza precisa. Esta, em geral a disfarça ou atenua. Por mais bem que faça – e faz – a beleza é a ilusão da poesia. Só vale quando se serve do poema para tentar atingir a poesia. Esta só precisa de som, ritmo e palavra por viver mais próxima da música que do discurso.

Não é o poeta que escolhe a poesia. Esta o escolhe sem lhe fornecer, jamais, poderes incondicionais sobre o poema e quase sempre lhe negando a precisão do verso; às vezes até embetendo-o com notáveis descobertas no idioma. E quando, por ser superior, humilha, logo depois mostra-se disponível tanto melhor quanto mais fácil e desfrutável. Esconde-se onde se revela, chegando às vezes à humildade de necessitar do poema a quem em seguida desdenha e escarnece.

A única liberdade possível ao poeta é a de buscar a poesia.

Ela quase sempre está onde o poema a oculta ao mesmo tempo em que a proclama através do recurso da beleza, para gáudio do poeta e o aplauso das multidões necessitadas de ilusão.

Artur da Távola (RJ).

DUAS BAGATELAS

I

*O que conheço de mim
é quase só o que sei,
e o que sei é quase só
o que não quero saber.
Resta saber se isso tudo
é só o começo ou se é o fim
ou – o que é pior que tudo –
se é tudo*

II

*Então viver é isso,
é essa obrigação de ser feliz
a todo custo, mesmo que doa,
de amar alguma coisa, qualquer coisa,
uma causa, um corpo, o papel
em que se escreve,
a mão, a caneta até,
amar até a negação de amar,
mesmo que doa,
então viver é só
esse compromisso com a coisa,
esse contrato, esse cálculo
exato e preciso, esse vício,
só isso.*

*Paulo Henriques Britto,
em *Mínima Lírica*.*

POSFÁCIO

*The last pages are never the best pages;
They let nothing else be seen.
They've failed the hope of being what
No page could ever hope to be.*

*The last pages are never the worst pages.
At least one lie they've left untold:
They never promised after them
Would come a single truthful word.*

Paulo Henriques Britto

Jogos Poéticos

Parceira: Cecília Meireles

❶ Quanto mais me desfiguro, me despedaço, mais fico inteiro e sereno. Quanto mais quieto mais teço meus movimentos. Não digam que me observaram, foi tudo ilusão. E muitos luas.

❷ Séculos me habitam: com números, nomes, conceitos, provas, e o poder do sem-fim. Inútil perguntar o que fez minha cabeça, coisas do acaso, de vãs circunstâncias. Mas faço uma concessão: dou endereço do efêmero, sombra do meu passo, incerto e calado, lê-se solidão. E não precisa explicação.

❸ Bebi da leveza. Borbulhante e pálida. Inconsútil como a sombra voante do pássaro. Senti-a na garganta como a leveza aérea da cascata. Ouvi seu canto, desejo de antigo instante. E sorri para a fuga invisível e leve sem amarguras.

❹ Ao me contemplar não entendo o tempo de meu pensamento. Vou me desfolhando e tudo é imenso. Tanto que vou esquecendo cada vago segredo. Será medo?! Sombras conheço de sobra, mas me perco sem governo. Não é lamento, é apenas mais um esforço de mais um silêncio. E assim permaneço, ao que é meu e alheio, surpreso, em cada veio semeado e isento.

❺ Vencendo o múltiplo tormento que carrego, contemplo o jogo inquieto em que padeço. E de alento em alento, assim vou sendo. Prisioneiro desse espaço e jeito me apego ao intento. Será erro? Ou desterro!

❻ Naquelas cores da miragem mais me compreendo num silêncio instrutor, mais do que sou ou não sou, e



não no que estou. E nas mãos invisíveis e sem respostas, colo minhas esperanças no horizonte que avisto. E tudo é só isto!

❶ Os canteiros viam-te passar como a nuvem mais branca do dia, e tu me apetecias. E eu, jardineiro da simetria, me oculto dentro da flor. E tu, inventando os sóis do dia, apenas sorrisas. Tudo demasia, com uma alegria que nunca tive.

❷ A névoa da aurora fez velada a última estrela. Mas em seu espelho de prata delineou-se teu rosto. Um contorno de seda delicada, diáfana pétala da vida. Confusão de meus olhos? Não, gesto de minha memória.

❸ Voo e silêncio são teus encantos. Que se desdobram num céu de distâncias.

❹ Levaram meus antigos sonhos, e deixaram somente a memória e as lágrimas de agora.

❺ Debruço-me sobre meus livros calmos, e ouço a voz de poetas e cientistas que dizem muito, mas pouco é. E minhas retinas fatigadas correm buscando o belo e o novo e só encontram a repetição de mortos. E a dor do pensamento, sozinha, mira e foge. Enquanto isso, o desejo não é deserto.

❻ O passado nunca morre, ele se quer é passado.

❼ O arco-íris tinge a melancolia do dia. Resume o esforço humano de aquecer a alma. E sua renúncia ao tempo de agonia.

❽ Os adeuses eram falsos como tênue a cinza do dia. Um fio descido do céu assegurava sua presença. E havia uma voz na lonjura da pupila dilatada.

❾ Qualquer julgamento é presunçoso. E pouco me lixo. Não sou feliz nem sou triste, humilde nem orgulhoso, sou terrestre, de humanas vestes.

❿ A maioria entra no acaso e ama o transitório.

⓫ O isto ou aquilo: escolha, o dia inteiro é seu.

BALANCETE

Antes quis ser normal.

Como todo mundo, quis ser todo mundo.

*Até a estupidez alheia me era santa,
por ser raiz dessa felicidade besta
de quem só sabe ser feliz.*

Nisso fracassei, como tantos outros.

*Fabriqueei outros projetos, bebi de um trago só
o esterco do ridículo, e constatei
que o gosto era de mel.*

*O mel enjoa. Hoje sou quase puro,
quase honesto, competente, estúpido
como toda a gente, o espelho exato
do que não quis, ou pude, ou soube ser.
Falhei até no fracasso. Agora o jeito
é me encarar de frente
e me reconhecer.*

Paulo Henriques Britto.

SONETILHO DE VERÃO

Traído pelas palavras.

O mundo não tem concerto.

Meu coração se agoniza.

Minha alma se escalavra.

Meu corpo não liga não.

A ideia resiste ao verso,

o verso recusa a rima,

a rima afronta a razão

e a razão desatina.

Desejo manda lembranças.

O poema não deu certo.

A vida não deu em nada.

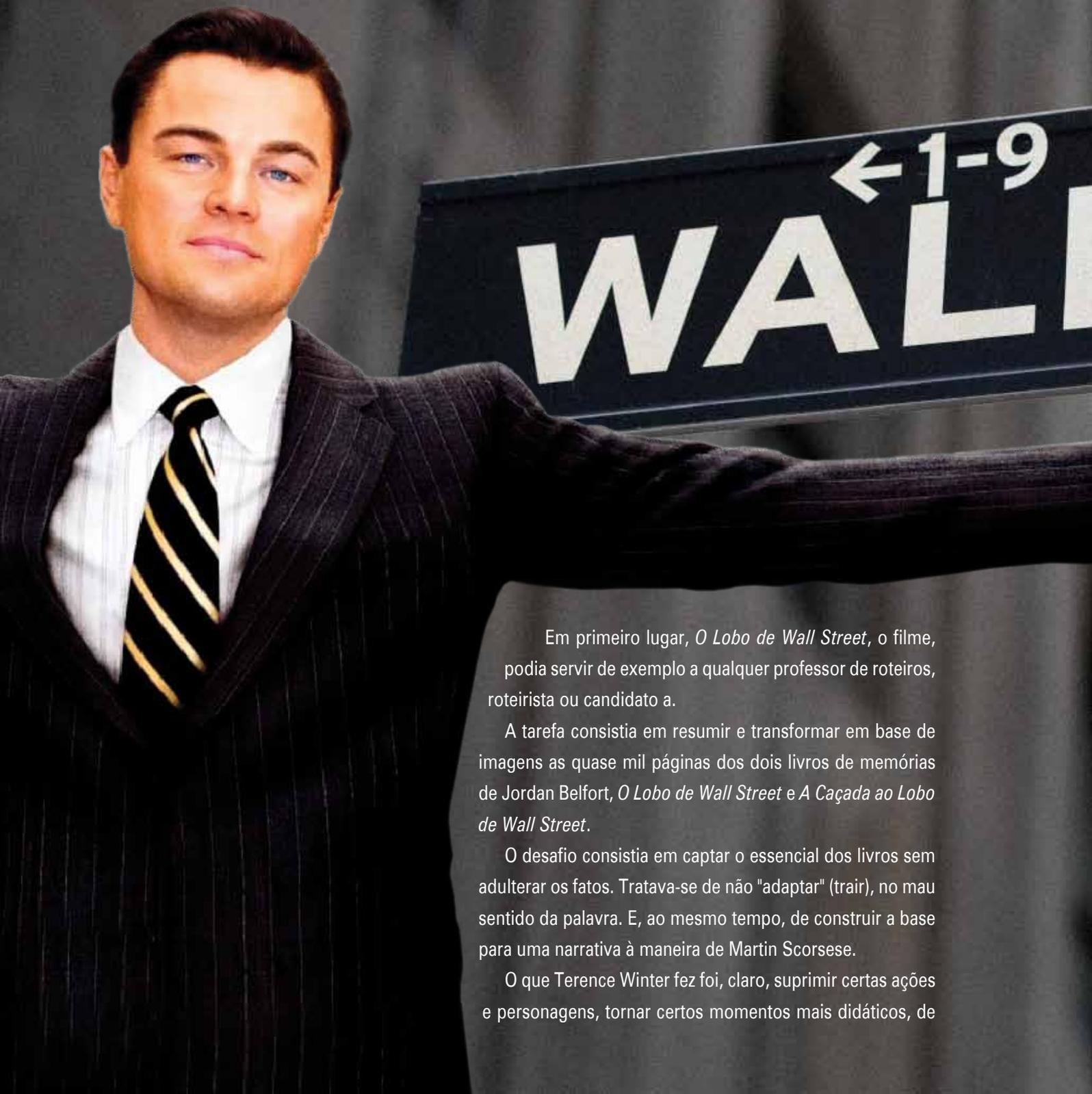
Não há deus. Não há esperança.

Amanhã deve dar praia.

Paulo Henriques Britto

cinema

MEMÓRIAS DE PERSONAGEM VULGAR GERAM LONGA INVULGAR



Em primeiro lugar, *O Lobo de Wall Street*, o filme, podia servir de exemplo a qualquer professor de roteiros, roteirista ou candidato a.

A tarefa consistia em resumir e transformar em base de imagens as quase mil páginas dos dois livros de memórias de Jordan Belfort, *O Lobo de Wall Street* e *A Caçada ao Lobo de Wall Street*.

O desafio consistia em captar o essencial dos livros sem adulterar os fatos. Tratava-se de não "adaptar" (trair), no mau sentido da palavra. E, ao mesmo tempo, de construir a base para uma narrativa à maneira de Martin Scorsese.

O que Terence Winter fez foi, claro, suprimir certas ações e personagens, tornar certos momentos mais didáticos, de

maneira a facilitar a compreensão rápida do espectador das sujeiras financeiras em que estava envolvido o fundador da Stratton Oakmont, Jordan Belfort.

Mas tudo que está lá é, basicamente, o que Belfort conta (foi dada mais atenção a *O Lobo* do que à *Caçada*), e os momentos essenciais da narrativa foram preservados.

Ao mesmo tempo, estamos num típico filme de Scorsese: um mixaria (Jordan), com a ajuda de outro (Danny) rapidamente abala Wall Street com sua audácia (não raro desonesta) nos negócios e no modo de vida, até começar a ser atormentado pelo FBI.



Não que Jordan Belfort seja um qualquer.

Longe disso. Trata-se de um homem que voltou a inteligência a ganhar dinheiro loucamente, a transar com todas as mulheres que pudesse (de preferência sua própria mulher, a quem chama de Duquesa, e prostitutas em geral), e a ingerir todos os comprimidos de quaaludes, sua droga favorita, que tivesse à sua disposição.

Sua volúpia, o estilo de vida, "as loucuras", como ele chama, tudo que o credenciava a ser um jovem cadáver, nas previsões de Wall Street, está no livro. Inclusive uma retrospectiva percepção da futilidade desse tipo de vida. Inclusive o estilo de vulgaridade exemplar.

Vejamos como se refere a Nadine, a Duquesa, a mãe de seus filhos: "Foram suas pernas que lhe conseguiram o emprego; isso e a bunda, que era mais redonda que a de uma porto-riquenha e firme o suficiente para balançar um quarteirão".

O tom está dado. O que Scorsese fez foi partir desse personagem vulgar para chegar a um filme invulgar. O que faz de Jordan um personagem típico de Scorsese é o fato de sair do nada, tornar-se trilionário em poucos anos, e correr o risco permanente de voltar ao nada (ou, pior, de acabar na cadeia).

O que torna o filme tão particular e tão superior ao livro é que o Jordan do livro é o sujeito, o narrador, enquanto o do filme é personagem: não é mais ele que se vê. Ele é visto (apesar da narração, por vezes, em primeira pessoa).

Com isso, Scorsese serve-se de suas memórias para fazer uma análise sintética, porém aguda, do funcionamento desse capitalismo pós-industrial, no qual o que se compra e vende são, ba-

sicamente, quimeras, ficções. O que conta, como explica Mark Hanna, o mestre de Jordan Belfort, é a taxa de corretagem. Essa que vai para o bolso do corretor. É a parte real.

É essa tensão entre real e fictício que faz a base do filme. Pois reais são os filhos, aos quais Jordan tem apego, a Duquesa, e, sobretudo, os agentes do FBI. São estes, aliás, que entram como contraponto na história: a "gente comum", que vive honesta e modestamente. O filme é bem mais incisivo a esse respeito do que o livro, diga-se.

Existe uma diferença sensível entre *O Lobo de Wall Street* e outros filmes sobre esses zé-ninguéns subitamente elevados à riqueza e todo o tempo ameaçados pela autodestruição.

Jordan demonstra como esse mundo de desonestidade mais ou menos intrínseca consegue se recompor mesmo depois de ser apanhado com a mão na massa. Ele é o exemplo, e suas memórias *best-seller* não existem à toa: mesmo fora do mercado ele ainda é uma máquina de fazer dinheiro. Para isso vive.

Inácio Araújo, da Folha.

OS 10 "Ps" DO LOBO DE WALL STREET

1. PARCERIA

O novo filme de Scorsese é a quinta parceria do diretor com Leonardo DiCaprio. Os dois começaram a trabalhar juntos em 2002, em "Gangues de Nova York". Depois vieram "O Aviador" (2004), "Os Infiltrados" (2006) e "Ilha do Medo" (2010). Além de atuar no longa, DiCaprio também assina a produção de "O Lobo de Wall Street".

2. POLÊMICA

Depois de gerar intenso burburinho nos Estados Unidos, pela quantidade de cenas de sexo e palavrões, o filme foi banido de cinemas em alguns países asiáticos, como da Malásia e do Nepal. Na Índia e no Líbano perdeu suas cenas mais picantes. Em Cingapura, o circuito de "O lobo de Wall Street" ficou limitado a um pequeno número de salas, devido à restritiva classificação etária que recebeu, que permite acesso apenas a espectadores com mais de 21 anos de idade.

3. PREMIAÇÕES

Leonardo DiCaprio faturou o Globo de Ouro de melhor ator de comédia ou musical. O filme foi indicado ao Oscar em 5 categorias, mas não levou nenhuma estatueta.

4. PRISÃO

O filme descreve a ascensão e a queda de Jordan Belfort, um jovem corretor da bolsa de valores que, nos anos 1980, construiu um pequeno império a partir de transações escusas. Suas conquistas comerciais foram regadas a orgias sexuais e farto consumo de álcool e drogas de todos os tipos. Suas operações suspeitas logo chamaram a atenção do FBI e, poucos anos depois, ele foi julgado e preso por fraude.

5. PIADA

Um ex-parceiro de negócios de Jordan Belfort entrou com uma ação por danos morais contra Martin Scorsese e os estúdios Paramount pedindo US\$ 25 milhões de indenização. Ele afirma que o longa o retrata como um criminoso louco e perverso. Segundo o site "TMZ", o banqueiro de investimentos Andrew Greene ainda acusa a produção de fazer piada com sua prematura queda de cabelo. No longa, o personagem baseado em Greene, Nicky "Rugrat" Koskoff, é vítima constante de zombarias dos colegas de trabalho por usar uma peruca.

6. PARTICIPAÇÃO

O próprio Jordan Belfort, em carne e osso, aparece em uma cena no fim do filme. Ok, ele faz apenas uma pequena participação apresentando o Jordan Belfort fictício para a plateia de uma palestra sobre como vencer na vida. Hoje Belfort está com 51 anos e ganha dinheiro fazendo apresentações dessa natureza

7. PALAVRÕES

Os diálogos do filme não economizam nos palavrões. O termo "fuck", por exemplo, foi repetido 506 vezes ao longo das três horas de projeção. Um recorde no cinema americano, de acordo com o site da revista "Variety". Antes, o topo do ranking era ocupado pelo filme "O verão de Sam", de Spike Lee (1999), com 435 citações.

8. PÓ

Numa das primeiras sequências, o personagem de Leonardo DiCaprio aspira cocaína no traseiro de uma mulher, com um canudinho. Esta é apenas uma das muitas vezes em que o elenco aparece consumindo a droga, nas mais diferentes situações, ao longo da projeção. Em todas essas cenas, os atores estão cheirando, na verdade, vitamina B em pó. "Isso queimou nosso nariz", declarou DiCaprio.

9. PERFEIÇÃO

Leonardo DiCaprio teve que gravar 27 vezes a cena de beijo com a atriz Joanna Lumley, de 66 anos. No filme, ela interpreta Emma, a tia da mulher do protagonista, que vira laranja de Belfort em uma conta aberta na Suíça.

10. PRODUÇÃO

O filme foi produzido de forma independente e, por isso, conseguiu esta liberdade ao mostrar os excessos de Belfort. Antes de DiCaprio ser o escolhido para interpretar o protagonista, Brad Pitt era um dos mais cotados. A pré produção foi iniciada em 2007, 6 anos antes de sua estreia. Em 2010, a Warner Bros, ofereceu a direção para Ridley Scott, mantendo Leonardo DiCaprio como protagonista. Mas o projeto não vingou e ela desistiu da produção. Em 2012, a empresa independente Red Granite Pictures assumiu o projeto e deu o sinal verde para início da produção. Scorsese voltou para o projeto, desta vez com passe livre para produzir e dar o teor que quisesse para o longa.



Pílulas **mágicas**

É incrível o poder que o povo atribui às vitaminas. Seus defensores juram que elas melhoram o apetite, evitam gripes e resfriados, reforçam a imunidade, conferem bem-estar e aumentam a longevidade.

Essa crença vem ao encontro do sonho acalentado desde os primórdios da humanidade: obter tais benefícios sem nenhum esforço, à custa de um elixir da juventude.

Ninguém colaborou tanto para a popularização desses mitos quanto Linus Pauling, agraciado duas vezes com o prêmio Nobel (Química e Paz), que recomendava doses altas de vitamina C para neutralizar os radicais livres produzidos no interior das células, processo que

teria o dom milagroso de prevenir câncer, enfermidades cardiovasculares, estimular a imunidade e retardar o envelhecimento celular.

Atenta às oportunidades, a indústria farmacêutica investiu pesado na divulgação dessas ideias. Durante décadas, os comerciais de vitamina C para tratamento de gripes e resfriados infestaram o horário nobre das TVs. Campanhas milionárias acompanharam o lançamento de inúmeros complexos vitamínicos.

Os anos 1990 assistiram ao florescimento de um mercado multibilionário nos Estados Unidos e na Europa, que se disseminou pelos países mais pobres. Hoje, americanos e europeus podem comprar o abecedário

inteiro de vitaminas e sais minerais em lojas especializadas, do tamanho de supermercados.

O mercado mundial movimentava 68 bilhões de dólares anuais. Cerca de 20 bilhões apenas nos Estados Unidos, país em que a metade da população faz uso de vitaminas. Os japoneses gastam 15 bilhões por ano.

Esse mercado foi criado sem evidências científicas que lhe servissem de base. Os estudos conduzidos nos últimos vinte anos envolveram números pequenos de participantes, acompanhados durante períodos curtos e com tantos vieses estatísticos que os resultados só contribuíram para criar contradições.

Com a finalidade de analisar as informações mais recentes, a comissão dos Serviços de Saúde dos Estados Unidos encarregada de recomendar medidas preventivas para a população (US Preventive Services Task Force – USPSTF), fez uma revisão cuidadosa das publicações sobre o papel das vitaminas na prevenção de doenças cardiovasculares e câncer, as duas principais causas de morte nos países do ocidente.

A conclusão não poderia ser mais objetiva: “Não há evidências de que o uso de vitaminas diminua a incidência de doenças cardiovasculares ou câncer”.

Muitos defensores da suplementação vitamínica apresentam a justificativa de que se não fizerem bem, mal elas não fazem.

Não é verdade. Além dos efeitos colaterais associados às doses exageradas contidas em muitas apresentações, pelo menos dois estudos realizados para analisar o efeito protetor do betacaroteno em fumantes, obtiveram resultados inquestionáveis: a administração

de betacaroteno aumenta a incidência de câncer de pulmão, nessa população de risco.

Na clínica, canso de ver fumantes tomando complexos vitamínicos que contêm concentrações elevadas de betacaroteno. Alguns o fazem com prescrição médica.

As interações associadas a doses supra-fisiológicas de micronutrientes – como ele – são complexas e imprevisíveis. O caso do selênio e da vitamina E na prevenção do câncer de próstata é outro exemplo.

Em 2001, foi iniciado o estudo SELECT, que envolveu mais de 35 mil homens, divididos aleatoriamente em grupos que receberam vitamina E, selênio, uma combinação de selênio e vitamina E, ou um comprimido inerte (placebo).

Planejado para durar 12 anos, o estudo foi interrompido em 2008, quando ficou evidente que o selênio não exercia qualquer

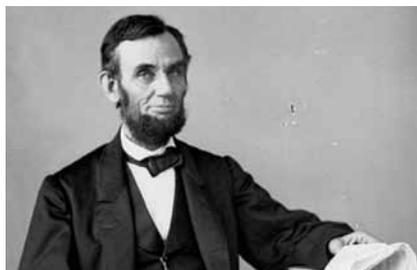
efeito protetor e que a vitamina E aumentava o risco de câncer de próstata, em até 63%. O grupo com menos casos de câncer de próstata foi o que recebeu placebo.

Vitaminas são úteis para tratar deficiências em crianças pequenas, em pessoas com limitações para se alimentar e em marinheiros com escorbuto nas caravelas lusitanas.

Portanto, prezado leitor, se você não é bebê de colo, não está tão velho que não consiga mastigar e não tem a intenção de atravessar o Atlântico ao sabor dos ventos, coma frutas, legumes e verduras e ponha o corpo para andar. Não jogue dinheiro no vaso sanitário.

Dr. Drauzio Varella (SP).

Não há evidências de que o uso de vitaminas diminua a incidência de doenças cardiovasculares ou câncer.



PALAVRAS DE EX-PRESIDENTE

“Às vezes é melhor ficar calado e deixar que as pessoas pensem que você é um imbecil, do que falar e acabar de vez com a dúvida.”

Abraham Lincoln

Quando era jovem, era existencialista.

Não me perguntem o por quê. Nem sabia direito o que era. Temo que ainda não o saiba. Era, e pronto. Questão de modismo. Lia Sartre, que não entendia direito, e achava-o chato, muito chato.

Quando me caiu às mãos Albert Camus foi um achado. Escrevia claro e, naturalmente, o entendia. Pena que tenho um defeito congênito. Quando passo a entender algo mais apuradamente me desencanto. Meu ceticismo fala mais alto.

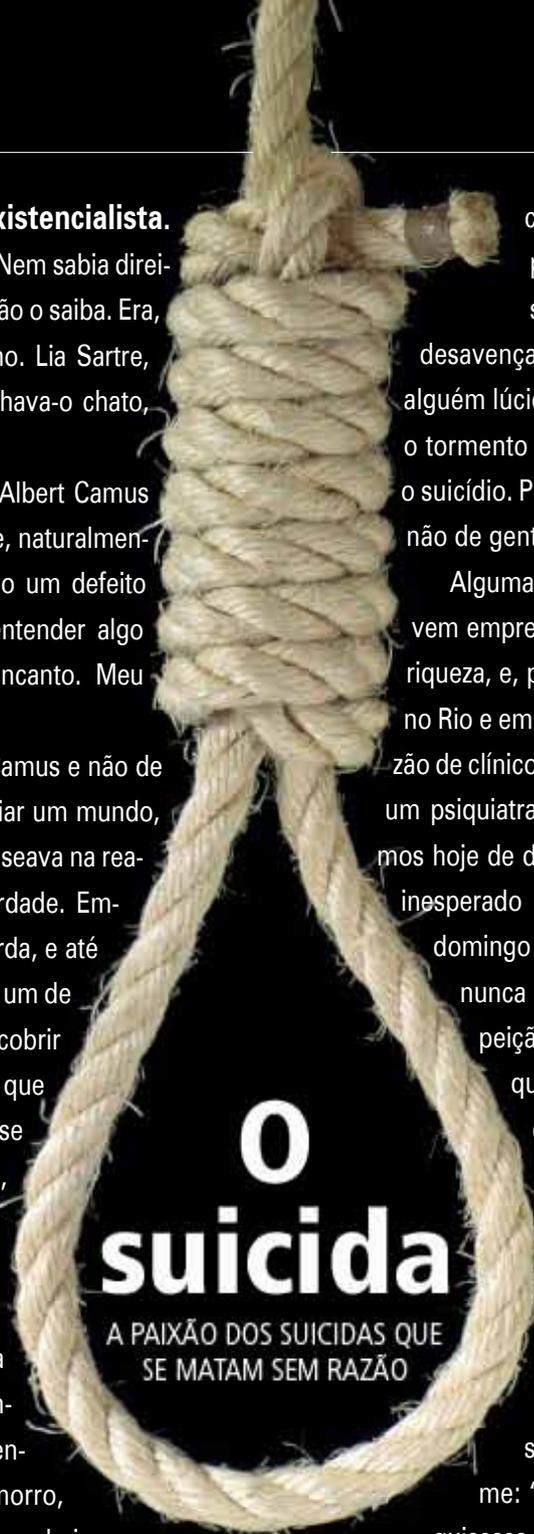
Mas dizia que gostava de Camus e não de Sartre. É que Sartre tentava criar um mundo, às vezes fictício, e Camus se baseava na realidade, falava de gente de verdade. Embora considerasse a vida absurda, e até por isso, considerava que cada um de moto próprio é obrigado a descobrir o sentido de sua existência, e que doutrinas externas, entenda-se por catecismos ideológicos, quando impostos, criam existência ainda mais absurda.

Em *O Mito de Sísifo* (1942), no qual dá relevância ao mito grego, o homem é condenado a empurrar eternamente a pedra até a cimeira do morro, mas, ao lá chegar, ela rola morro abaixo e terá que recomeçar a mesma tarefa inútil. Esse o absurdo humano: todo esforço de projetos, realizações e significados, é corroído pelo tempo. E só o esforço de continuar empurrando para o cimo supera o nada existencial. Alguns precisam do “salto de fé” religiosa para seu intento. De qualquer forma, o corolário de tudo é que sem sermos autênticos, fiéis a nós mesmos, não conseguimos a libertação. Alguns não se libertam de si mesmos, e por doenças ou sem explicação, acabam com seu absurdo existencial. Devido a isso, expli-

cava Camus, que o último grande problema filosófico se centrava no suicídio. E sobre isso rolam minhas desavenças com ele. Nunca vi, e não vejo, alguém lúcido e sem doenças psiquiátricas ou o tormento de grandes perdas discutir a sério o suicídio. Pode ser papo eventual de filósofos, não de gente comum.

Algumas histórias. Há longa data, um jovem empreiteiro, bem-sucedido no amor e na riqueza, e, por injunção profissional, com casa no Rio e em Curitiba, é por mim atendido na razão de clínico. Mas também tem os préstimos de um psiquiatra carioca devido ao que chamaríamos hoje de doença bipolar tipo II. Um encontro inesperado se deu numa churrascaria de um domingo esquecido. Dizia estar bem, como nunca dantes, o quê por si denotava suspeição. Falou-me em se consultar naquela semana para refazer os fatores de risco. Taí uma coisa muito apreçoada e pouco seguida. Na terça à tarde, enquanto sua mulher levava as crianças à escola, sozinho, suicidou-se. Fui chamado à sua residência para as orientações de praxe. Ao voltar ao consultório, seu motorista que me trazia, disse-me: “Pois é doutor, tão rico, com o que quisesse à sua disposição, e vai fazer uma besteira dessas”. Simplesmente não conseguia atinar com o motivo, para ele absurdo. Qualquer um de nós pensaria que, na verdade, não deveria estar tão bem quanto dizia e, possivelmente, num surto maníaco ou depressivo desistira de seu absurdo pessoal.

A mesma coisa disse Hotchner, amigo-biógrafo de Ernest Hemingway quando este se suicidou. “Não entendia porque se suicidam os milionários”. Para nós, médicos, estava muito claro. Com uma doença bipolar mais grave, alterava muito seus estados de humor, e ao



O suicida

A PAIXÃO DOS SUICIDAS QUE SE MATAM SEM RAZÃO

se suicidar estava há tempo num período depressivo grave.

Como entender que em seu início de escritor, Paris começo dos anos vintes, tendo comido o pão que o diabo amassou, se manteve firme apesar da fome e das dúvidas, e que milionário em julho de 1961 tenha colocado o cano de carabina na boca e explodido seu cérebro? (Entenda-se que Hemingway foi desses raros escritores que conseguiu atingir um público de intelectuais e pessoas comuns, em inglês "high-brows" e "low-brows"; ou seja, sucesso de crítica e público).

Como entender que quem tenha ganho o Nobel de Literatura em 1954, e sobrevivido a guerras, possa destruir-se a si próprio, vencendo seu destino? Claro que alguns diriam: depressão grave com ideação e ponto. Outros diriam que, analiticamente, suas obras estavam

permeadas de evocação mortal, principalmente as violentas, e esse seria seu destino trágico? Muito pouco. Outros também veicularam por meio de suas obras de

violência mais abjeta e seguiram seu destino natural. O fato é que a ideação suicida recheou boa parte de sua vida, como uma morte anunciada. E os sinos não dobram por si, dobram por nós que egoisticamente sentimos sua perda devido aos magistras contos e romances.

Seja como for, embora nos dois casos houvesse explicações razoáveis, as pessoas ficam perplexas porque não entendem tais razões, mesmo que parciais. Os médicos têm sempre que conviver com razões parciais. É da natureza da ciência.

Já o "caso" Walmor Chagas tem outras conotações. Deu um tiro na cabeça em janeiro de 2013, com uma arma calibre 38. Seus próximos no sítio de Guaratinguetá, onde morava, se diziam surpresos e sem pistas. Todos atônitos. Vamos aos fatos.

Walmor premeditou em detalhes tudo. Aos 82 anos,

"comparava seu organismo a um calhambeque que tinha que ir todos os dias para oficina", tal o número de consultas e exames dos últimos anos. Diabético, hipertenso, com insuficiência renal crônica, tinha desde 2005 uma degeneração macular que o impedia de sua maior paixão, a leitura. Estava dependente e achava que dava trabalho e que não tinha uma vida digna. Aquele homem de caráter firme, que perdera ainda novo sua mulher e paixão – Cacilda Becker – com um acidente vascular encefálico em pleno palco, e que passara grandes provações até se tornar um dos melhores atores do Brasil, mito no teatro, cinema e televisão, não conseguia ler, essência de toda sua vida, povoada de talento, carisma, som e fúria. E, claro, também de delicadeza e minimalismo profissional. Mas, sobretudo, um empedernido em suas convicções. Não era homem de baixar a guarda. E

ao ficar sem o que mais amava na vida, ler, resolveu sair de cena com um último e grande ato, seu ato final. Planejou item por item o suicídio. Até a cadeira, numa posição

que não o fizesse ir ao chão. O ensaio mental teria que ser seguido com uma atuação sem falhas, afinal, era um grande, lato senso. Sairia de cena por cima, não caído, como epílogo semelhante ao casal de velhos do filme *Amor*, de Michael Hanecke, encontrados mortos lado a lado em seu leito, não suportando ele o nada a que se restringiu a vida de sua querida esposa, exaurida por acidentes vasculares e demência. Teriam que sair de cena juntos. Walmor saiu solitário e digno. Queria uma vida minimamente digna, não mais a tinha.

Essas vidas acabaram, não meu relato, o mais dramático ainda está por vir.

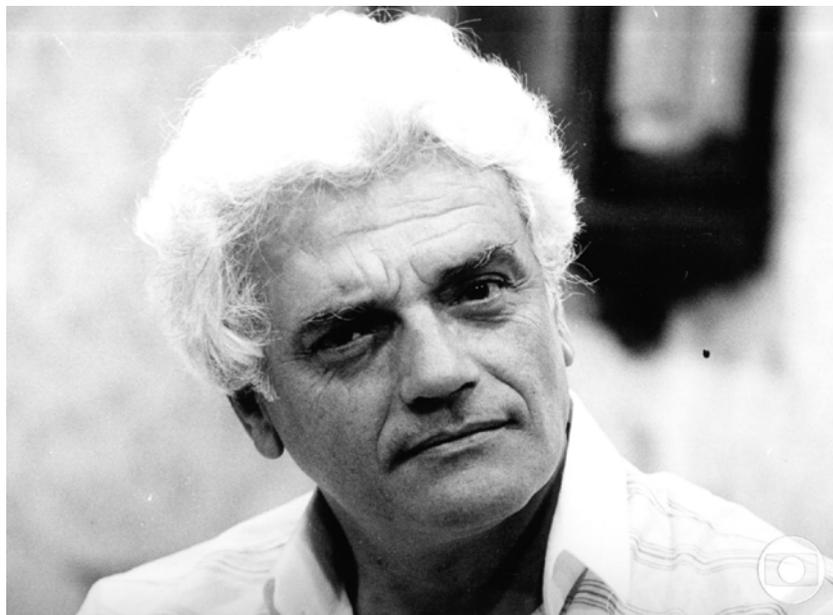
Em 1970, viajei à Europa em companhia de ente querido. Embora a diferença de idade, éramos como irmãos. Nos divertimos muito e sem excessos. Decidíamos tudo em conjunto e nunca notei qualquer alteração de humor. O único momento desagradável foi quando ele, dirigin-

*"Nunca vi, e não vejo, alguém
lúcido e sem doenças
psiquiátricas ou o tormento de
grandes perdas discutir a
sério o suicídio."*

do o carro que alugáramos, e que nos revezávamos na direção, bateu em outro veículo. Coisa pouca, apenas danos nos para-choques. Mas isso não alterou planos nem satisfação. Voltei diretamente para Curitiba e ele foi para o norte do Paraná, onde morava e trabalhava com irmãos. Dias depois, a notícia: suicidara-se. Aqui cabe a pergunta: por quê? Nem sombra de explicação. Até hoje. Um desenlace nebuloso.

Há casos, que devido à depressão, esquizofrenia, dependência de drogas, doenças debilitantes e dolorosas, infortúnios amorosos ou perdas irreparáveis, nos conformamos com a suposta causa. E há casos em que não encontramos as margens das suposições, fímbrias de veracidade. E nos atormenta o inexplicável. Pois tudo que é inexplicável nos aflige ou mete medo. À exceção dos curiosos da ciência, como nós médicos que vivemos de uma ciência movediça, sempre em transformação, seu grande destino. Aos que não possuem ciência nem filosofia, sobram as crenças, voláteis para os que se matam sem razões. ❶

HOMENAGEM: AO GRANDE, NO MÍNIMO



Morto em 18 de janeiro de 2013, aos 82 anos, Walmor Chagas foi um dos maiores atores brasileiros. Seu papel em “Avenida Paulista”, da minissérie da Globo em que encenava o banqueiro Frederico Scorza com o que há de pior numa personagem desse tipo, com direito a final feliz em uma ilha paradisíaca, foi antológico. Como brilhantes foram muitos de seus trabalhos no teatro, cinema e televisão, e que deveriam servir de paradigma para jovens atores. Humilde quanto as suas próprias referências, sempre disse imitar grandes atores do cinema americano, embora buscasse em si o que há de melhor em sedução e elegância.

As palavras de Jô Soares sintetizaram seu talento: “Um ator do menor gesto que ficava maior”. Grande decodificador de gestos, Freud subcreveria. ❶





Profissionais e amadores

"COMO O CORPO NÃO É BICHO CONFIÁVEL, HAVERÁ SEMPRE QUALQUER DISSONÂNCIA NA ORQUESTRA PARA OS PERTURBAR."

Uma amiga minha, mãe solteira, fez-me um pedido dramático: se ela não sobreviver a um linfoma, estarei disposto a cuidar do filho de oito anos? Caí do céu: pela doença e pela responsabilidade do pedido.

Mas primeiro concentrei-me na doença: que dizem os médicos? Que tratamentos existem? Que perspectivas de cura?

Ela respondeu-me que ainda não sabia. Mas os sintomas – gânglios linfáticos inchados, fadiga extrema, febre persistente etc. – apontavam para o pior. Ela própria, furando noites e noites de insônias, lera a respeito na internet e até conversara com vários doentes nos fóruns respectivos. Gente com os mesmos sintomas, a mesma doença, os mesmos terrores futuros.

"É a ignorância que protege o hipocondríaco profissional, não o conhecimento."

Voltei a cair do céu. E, antes de aconselhar ajuda psiquiátrica, perguntei com medo: e que tal esquecer a internet e consultar um médico verdadeiro? Um daqueles personagens que fazem exames e avaliam resultados com base na "ciência" e na "experiência"?

E foi assim que o linfoma se transformou num caso tratável de mononucleose infecciosa. E foi assim que a promessa de quimioterapia, ou radioterapia, ou ambas, se transformou em simples repouso. E foi assim que eu conheci os "cibercondríacos", uma nova forma de hipocondria que a internet promoveu e disseminou.

Quando li pela primeira vez a respeito, confesso que não compreendi o diagnóstico: os "cibercondríacos" são hipocondríacos que usam a internet para pesquisa-

rem todas as doenças que existem no cardápio?

Estranho. Sei do que falo. Sou um hipocondríaco profissional há 37 anos. E qualquer hipocondríaco profissional sabe que só existe uma coisa pior do que as doenças; é a informação sobre elas.

Porque um hipocondríaco profissional é um camaleão natural: se ele ler literatura médica com regularidade, ele pode ter câncer à segunda-feira, esclerose à terça, insuficiência renal à quarta e princípios de Alzheimer à quinta. Ou talvez à sexta, já não sei bem.

É a ignorância que protege o hipocondríaco profissional, não o conhecimento. Qualquer hipocondríaco profissional, quando compra um novo remédio, sabe que a primeira coisa a jogar fora é a bula do medicamento. Cometer a imprudência de a ler é começar a sentir todos os efeitos adversos – da simples coceira às crises psicóticas – o que por vezes agrava a doença real que se procura tratar.

Os “cibercondríacos” não passam de amadores que só dão mau nome ao fascinante mundo da hipocondria. Mas o pior é que o futuro será deles.

A revista *The Economist* dedicou uma matéria extensa aos futuros “gadgets” que prometem revolucionar a medicina. Falo de brinquedos para usar no pulso, no peito, até nos olhos e que servem para medir a pressão sanguínea, o batimento cardíaco, os níveis de glicose nas lágrimas. De preferência, várias vezes ao dia, como quem toma um cafezinho ou fuma cigarro na pausa do trabalho.

Depois, os dados são enviados para o celular e o celular encaminha os ditos cujos para o médico especialista.

Os Estados Unidos estão na vanguarda do investimento e a *Economist*, aplaudindo os avanços, pergunta se eles não irão soterrar os profissionais de saúde com quantidades avassaladoras de informação. Não apenas de doentes comprovados, mas de hipocondríacos amadores.

A revista não precisa sequer perguntar. Com o declínio das religiões tradicionais no Ocidente e o fim de qualquer possibilidade de transcendência, tudo que resta aos homens modernos é a tirania da imanência: os seus corpos, as suas patéticas carcaças – e o medo permanente de que a Deusa Saúde, a única que resistiu no Panteão,

os possa atraí-lo a qualquer momento.

Por isso imagino esses hipocondríacos amadores, com brinquedos no pulso, no peito ou nos

olhos, em vigilância permanente, medindo o comportamento do corpo com paranoica obsessão.

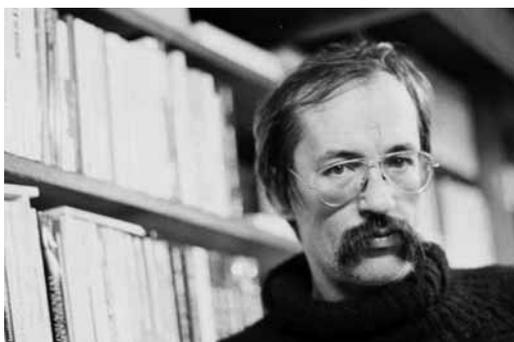
Qualquer sinal de alarme será uma nova preocupação, um novo temor, um novo terror. E como o corpo não é bicho confiável, haverá sempre qualquer dissonância na orquestra para os perturbar, entristecer, angustiar.

Nós, os hipocondríacos profissionais, renunciamos a esses brinquedos como um ex-alcoólatra recusa a mais inocente das cervejas.

Mas o futuro é dos amadores: gente tão preocupada em ser saudável que passará pela vida na perpétua condição de doentes.

João Pereira Coutinho (PT).

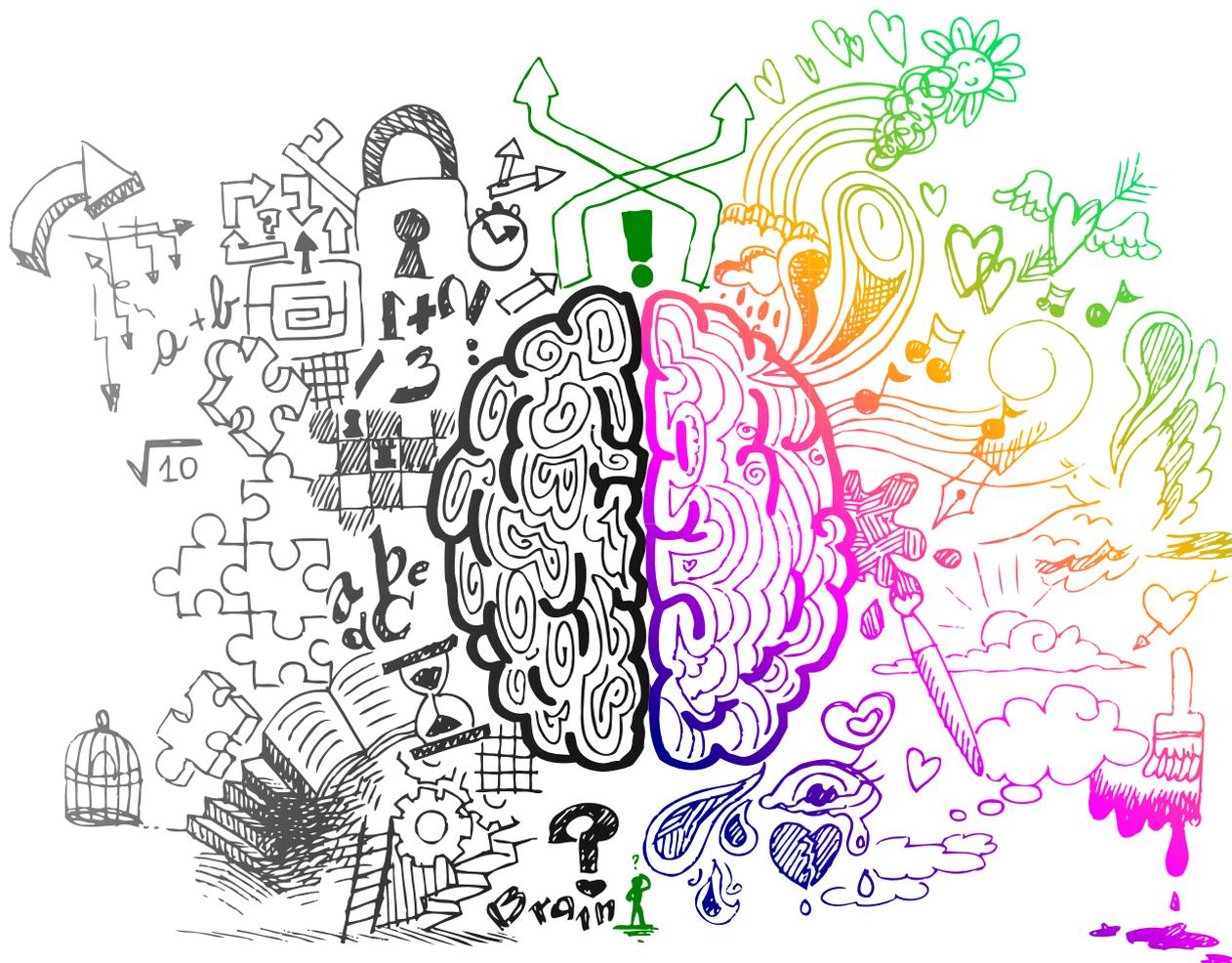
“Os ‘cibercondríacos’ não passam de amadores que só dão mau nome ao fascinante mundo da hipocondria. Mas o pior é que o futuro será deles.”



PALAVRAS DE POETA

“Apagar-me/ diluir-me/ desmanchar-me/
até que depois/ de mim/ de nós/ de tudo/
não reste mais/ que o charme.”

Paulo Leminski.



Carrossel da mente

- ❶ Autoridade: sem ela o homem não pode existir e, no entanto, ela traz consigo tanto o erro como a verdade.
- ❷ Hipérboles? Só no amor.
- ❸ Pensantes: saiam dos gabinetes, olhem a realidade.
- ❹ E há cerca do princípio de tudo: "Tudo começa a nascer do perdido, lentamente".
- ❺ Líderes populistas e autoritários nascem de uma cultura de pobreza material e mental. E não de seu vazio. A propósito: já ouviu falar em algum mandatário suíço?
- ❻ Quais as melhores lembranças? As intangíveis.
- ❼ Escolhas sobre coisas concretas. São melhores do que as de quaisquer cartilhas ou catecismos.
- ❽ Sou pautado por prudência, ceticismo e humor. E sigo a tríade da simplicidade: amor, serviço e humildade.
- ❾ Liberdade é a consciência do limite. Cavalheiro nunca é invasivo ao alheio.
- ❿ A vida humana é drama; e pouca iluminação há para sua cura.
- ⓫ A excelência da literatura está em sua ambiguidade.
- ⓬ Vivemos a época da frivolização da cultura.
- ⓭ Sabe o que é "autografia"? Algo intermediário entre o ensaio e a reminiscência.
- ⓮ O melhor é sempre pensar contra si próprio. Faz explodir nossas certezas.
- ⓯ Nunca dê crédito a explicações. Deus é a resposta a perguntas sem respostas.
- ⓰ A cultura é a experiência ética e estética que nos permite compreender os problemas do mundo.
- ⓱ Tudo a criança enxerga enorme, por isso se mara-

vilha. Já o adulto se deslumbra com o microscópio, e o invisível.

❶ Adoro quem é dissonante, provocador. É com quem mais aprendo. Mas só quando acompanhado de refinamento e elegância intelectual. O simplesmente do contra é um mero conservador às avessas.

❷ "A luz do sol é o melhor desinfetante; a luz elétrica, o policial mais eficiente."

Louis Brandeis (1856–1941), juiz da Suprema Corte norte-americana.

❶ Incompetência, corrupção, burocracia e ideologia são os males crônicos de qualquer país. Impedem o desenvolvimento sustentado.

❷ Esopo foi um escravo grego que não sabia escrever. Era analfabeto. Viveu ditando suas fábulas. Mas, tal Cristo, escrever para quê? Outros fizeram esse serviço. E se tornou leitura obrigatória.

❸ "Amigo é quem diz o que é preciso."

Domingos Pellegrini.

❶ Coração/ músculo acústico/ em liquidação (idem).

❷ O que é um moralista? Um dissecador da alma humana.

❸ Supomos autossuficiência quando, na verdade, temos a fragilidade do vidro. *We are all frail. Glassy essence.*

❹ Munimo-nos de vacinas, terapias, cirurgias, medicinas alternativas, tratamentos exóticos, tendo como resultado possivelmente prolongar nossa vida e, junto, nossa inquietude. Mas o grande liquidante nos encontrará.

❺ Obesidade e desnutrição. De um lado excesso, do outro a penúria. Inseparáveis neste nosso mundo distorcido. E os dois nos matam, seguramente.

❻ O sentido do poder é o que se esquece mais rapi-

damente. Se você quiser entender a fumaça do poder mire-se em *Medida por Medida*, de Shakespeare. O poder sempre corrompe. Os reis e ditadores de todos os matizes não nos desmentem.

❶ Há um sonho subterrâneo nos humanos: uma medicina suave que trate câncer e quetais com suco de plantas e sessões de meditação silenciosa. Pena que não funcionem.

❷ "O saber tem partidários, a ignorância tem apóstolos".

Jean-Claude Carrière.

❶ Não esqueçamos a lição de Bruno Bettelheim em seu *Usos do Encantamento* (1976) quando afirma eloquentemente que os contos de fada não insinam as crianças a imitar a crueldade e a destruição, mas a vencê-las.

❷ "Se o brilho de mil sóis

Explodisse no céu,

Seria semelhante

Ao esplendor do Todo-Poderoso."

Bhagavad-Gita.

❶ A larva é o roteiro; o filme a borboleta.

❷ O romance que antecipou a antipsiquiatria, uma pequena obra-prima, é *O Alienista*, de Machado de Assis. Vale a pena conferir.

❸ Amei muito a vida, o mundo, os livros, mas devo confessar que amei e continuo amando muito coisas mais baixas, como o futebol. Também é com o que mais sofro.

❹ Nossa consciência racional é feita uma fina camada de chocolate num grande picolé, o inconsciente. Por isso deve ser cultivada. Quer saber quem está cultivando? O que diz e o que faz têm que ser coerentes.



PALAVRAS DE FILÓSOFO

"O que sei com maior certeza sobre moral e deveres dos homens, devo ao futebol."

Albert Camus, escritor franco-argelino, Nobel de Literatura, goleiro na juventude (1913-1960).



E O DOUTOR **CHOROU**

Tinha 17 e poucos. Tipo sarado, obcecado por exercícios. Mas, naquele dia, de manhã como de costume, não se sentiu bem para ir à academia. Estava indisposto, com uma vaga dor no andar superior do abdome e inapetente. Não almoçou, os pais estranharam. Acharam que era uma “gripe”. O termômetro marcava 37,5°C.

À noite, a dor abdominal se acentuou e migrou para o quadrante inferior direito. Foram à emergência. Tinha uns vinte na frente. Mas o plantonista, enquanto chamava um paciente, notou-o curvado na cadeira com semblante doloroso. Pediu à enfermeira para colocá-lo como prioritário. Ao examiná-lo, embora pela história e localização da dor pensasse em apendicite, não detectou sinais peritoneais. Como houvera duas evacuações líquidas recentes e tinha Giordano positivo à direita, pensou também em litíase urinária e adenite mesentérica (pseudo-apendicite). Exame de urina normal. Sedou a dor e pediu um ultrassom factível no momento. E normal, apenas muitos gases, o que atrapalhou um pouco o exame. Dispensou o paciente com medicação sintomática.

No outro dia pela manhã estava pior. Andava meio curvado. Retornou à emergência; outro médico examinou, pensou em apendicite, mas não havia sinais peritoneais. Como a dor era intensa e não cedia à analgesia, pediu a colaboração de um cirurgião. Experiante, mais de trinta de centros cirúrgicos. Este examinou, continuava não havendo sinais peritoneais, mas fez o diagnóstico presuntivo de apendicite aguda retrocecal.

Foi levado à cirurgia, que confirmou o diagnóstico. Apendicite aguda supurada e perfurada. Operado e drenado, o pós-operatório imediato transcorreu com febre baixa e redução da dor. A família foi avisada pelo cirurgião de que fora uma cirurgia difícil, que o apêndice estava rompido e que ficaria uns dias no hospital com antibióticos e outros cuidados. Pela gravidade, não estava descartada a possibilidade de alguma complicação, nem mesmo de nova cirurgia, caso ocorresse algum abscesso abdominal.

Aí começou a encrenca. A família não se conformava que o diagnóstico não tivesse sido mais precoce. Afinal, era uma "simples apendicite"! A mãe, mais exaltada, a mãe. O pai, passivo, não falava. O cirurgião, de longa estrada, ven-

do a descompostura materna, passou a visitar o paciente mais amiúde. A cada visita, a irritabilidade da mulher aumentava, arguindo que o filho ainda tinha dor e febre – temperatura sempre normal –, e como ainda não estava recuperado alguém tão forte quanto ele. O cirurgião queria explodir, mas sabia que tinha que se conter. E a cada visita, pacientemente, explicava a evolução e seus eventuais inesperados, o que não continham uma mãe desabrida.

No sétimo dia, logo cedo, o médico passa e remove drenos. O paciente afebril, sem dor, e se alimentando com o intestino funcionando, prenunciava alta próxima. Foi isso que deixou claro à família. No final da manhã, ainda no hospital, é chamado com urgência ao apartamento 412. O paciente passava mal. Deu tempo de ver uns estertores. A tentativa de reanimação foi infrutífera. Atestou o óbito à família.

A mãe, completamente descontrolada, xingava o médico de impropérios insanos, acentuando que tinha matado seu filho. O descontrole passou aos corredores para múltiplos olhares incrédulos, e o médico acuado não sabia o que fazer. Quanto mais tentava acalmar a mãe, mais era acusado. Com a ajuda de enfermeiras e um segurança, se escondeu num banheiro, ponto de fuga mais próximo. Sua cabeça girava a mil. A dor da humilhação corroía sua autoestima.

Olhou-se no pequeno espelho, e viu-se como nunca, pálido e extenuado como nunca depois de longo período num centro cirúrgico. Sabia que, provavelmente, tudo acabaria em processo. Não era isso que importava naquele fugidio instante. Era ter fugido da trincheira de luta, cabisbaixo, acusado sem culpa.

Não era homem de lágrimas. Já tinha tido muitas perdas e sabia ser forte. Mas, naquele momento, escondido num pequeno mictório malcheiroso e com um pequeno espelho, mais uma vez inclinou o olhar que não era seu, estrangeiro de si mesmo, e uma única lágrima rolou envergonhada. ●

"A mãe, completamente descontrolada, xingava o médico de impropérios insanos, acentuando que tinha matado seu filho."

Glossário do nosocômico

Glossário é um conjunto de palavras de uma área específica. Já um glossário é mais completo, por abordar também situações.

O glossário é uma coletânea de palavras ou cenas observadas ao longo dos últimos 50 anos, principalmente nas salas de aula e enfermarias do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná e elaboradas por Afonso Coelho, com a colaboração de Valdir de Paula Furtado e tendo como ouvinte experimental o Prof. Dr. Reginaldo Werneck Lopes.

ANTEFÁCIO

Glossário do Nosocômico representa, já pelo título, a expressão de um mestre do motejo e do trocadilho, Afonso Coelho.

Glossário se origina de “crassus” (grosso), sendo, pois, um glossário de “grossuras” que foram coletadas ao correr dos anos no Hospital de Clínicas (nosocômico), praticadas por agentes que tornaram o nosocômio muito cômico.

Ouvinte experimental foi a maneira sutil dos autores de chamarem de ‘cobaia’ o Prof. Dr. Reginaldo Werneck Lopes.

PRECISÃO

Na reunião da disciplina de Gastroenterologia discutia-se como deveria ser o estágio dos doutorandos para que não ficassem dependentes ou escravos dos médicos residentes, mas que houvesse planejamento harmonioso entre os grupos. Um dos professores disse que na sua área o doutorando “era tratado como médico na mais perfeita assepsia da palavra”.

SEMI-OLOGIA

O meu colega Dr. Luis Eduardo Santos tinha mente muito criativa e que, pela sinceridade com que apresen-

tava suas colocações (criações), impressionava os colegas menos avisados. Uma delas era pesquisa do prêmio cerebral, em que o médico coloca a mão na cabeça do paciente e pede-lhe que pense “trinta e três”.

Outro diagnóstico clínico certo é o de miopia cerebral nas pessoas que costumam colocar os óculos na testa e não sabe onde os deixaram.

O Luis Ernesto perguntou ao Prof. Baranski se ele conhecia a técnica semiológica de palpação profunda do abdome visando a cauda do pâncreas. O professor respondeu negativamente, com o que o Luis Eduardo disse: “É simples, comece pela palpação da cabeça, fazendo um tipo de carinho, que o pâncreas abana a cauda”.

Pena que o Luis Eduardo não nos deixou descrição das alterações na colecistografia por ele denominadas de vesícula em xambú.

POSPEDÊUTICA

Na sala de necropsias, os alunos do quinto período do curso de Medicina eram encarregados de ler o resumo clínico que acompanha a solicitação do exame. Com frequência, após dados da anamnese, constava – entre parênteses – a expressão “sic”.

Perguntados sobre o significado desta expressão, a resposta, invariavelmente, era de que “sic” é a abreviação de “segundo informação colhida” ou “segundo informação do consulente”.

A história é outra: “sic” é a expressão latina que significa “assim”. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1.ª edição, 1975, registra: “sic” – palavra que se pospõe a uma citação ou que nela se intercala, entre parênteses ou colchetes, para indicar que o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça.

Note-se que, sendo uma expressão latina, deve ser grifada ou entre aspas – ou ainda em itálico.

SEQUELA

Na semana seguinte, um dos alunos, eufórico, veio me contar que em um prontuário descobriu uma palavra inglesa sem aspas, não grifada e aportuguesada: tique nervoso que, segundo o aluno, deveria ser “ticket” nervoso.

ENTREPTOSCÓPIO

Em nossa primeira aula de Semiologia, o professor nos ensinou a usar o estatoscópio. Alertou que não deveríamos adquirir aqueles com cápsula grande e pesada porque machucam os ouvidos quando pendurados no pescoço.

URODIÇÃO

Na disciplina de Urologia, muitos alunos estudavam em uma apostila bem elaborada com todas as aulas teóricas. Mas não era a única. Havia outra, mais velha, não tão bem elaborada, disponível em folhas avulsas. Eu e o Luis Eduardo estudávamos nestas folhas o tópico litíase renal. Na descrição morfológica dos tipos de cálculos “caraliformes”. Decidimos falar com o Prof. Átila João Rocha e sugerir a troca por outro termo, erudito: “cálculos faloides”. O Prof. Átila descartou a nossa erudição e simplesmente trocou o primeiro “a” por “o” e os cálculos tornaram-se coraliformes, em forma de coral.

CIRURGIA VASCULAR INÉDITA

Nos sábados à noite nos reuníamos na Av. João Pessoa (hoje Luiz Xavier, o calçadão da XV em Curitiba) e terminávamos com chope na Guairacá ou na Iguazu. Uma noite, na Iguazu, chegou um colega que nos contou como estava maravilhado com a cirurgia vascular. Estivera a manhã toda operando com o Prof. Iseu Affonso da Costa, na Santa Casa. O Sanito W. Rocha, enfasiado com a narração repetitiva, perguntou como foi feita a ligadura dos vasa vasorum. Ao que o colega respondeu que não tinha observado “este importantíssimo tempo da cirurgia”.

SUPER BACILO

Em reunião anatomoclínica com a Gastroenterolo-

gia, apresentei um caso raro de tuberculose gástrica. Um professor, ao comentar o caso, disse que o meio fortemente ácido do estômago não criava condições de sobrevivência do bacilo de Koch, apesar de ser ácido-álcool resistente.

CLUBE DO OSSO

Daquela saudosa reunião participaram ortopedistas, patologistas, radiologistas e seus residentes, com a presença sempre estimulante do Prof. Heinz Rücker. As radiografias eram descritas e comentadas pelo Dr. Carlos Aranha Pacheco, com grande experiência em radiologia óssea. Foi apresentado um caso osteomielite severa de fêmur. O Dr. Pacheco interpretou o exame radiológico, destacando imagem de lesão osteolítica envolvendo tecidos densamente calcificados, caracterizando um sequestro ósseo. Só que ele pronunciava “sekestro”, não levando em conta o trema, então em pleno uso. Ao comentar o caso, afirmei: “A sekencia da evolução do processo tem como consekencia ou seke-la, o sekestro.”

QUANDO A ANATOMIA SE TORNA PATOLÓGICA

Prova oral da disciplina de Anatomia Patológica, ponto sorteado pelo aluno: hipertensão porta. Comecei a arguição pedindo que desenhasse no papel o sistema porta. No desenho e na explicação do aluno: a artéria hepática saía do fígado para irrigar o estômago, junto a artéria esplênica que se continuava com a veia mesentérica superior. A veia cava inferior se bifurcava em veia porta D e veia porta E, que saíam do hilo hepático. Conclusão: a verdadeira Anatomia Patológica.

Em outra prova oral, a preparação histológica sorteada pelo aluno foi “miocardite reumática” com numerosos nódulos de Aschoff, que são formados, entre outros componentes, pelas células de Anitchkow, que são mononucleadas e apresentam uma distribuição peculiar e característica da cromatina, sendo a parte central em fita e, na periferia, finos prolongamentos, dando ao conjunto um aspecto de “lagarta”. O aluno

descreveu corretamente a célula, porém, disse que o núcleo era em trator. Ele confundiu a expressão "caterpillar lagarta" com uma conhecida marca de máquinas agrícolas.

Prova oral e o ponto sorteado foi carcinoma "in situ". Resposta do aluno: "É o carcinoma que está dentro da célula". Argumentei: "O carcinoma é uma neoplasia composta de numerosas células proliferadas, como poderia estar dentro de uma célula?". O aluno respondeu: "Está sim, até mesmo na denominação", e escreveu carcinoma "in cito".

NO ELEVADOR

Os Drs. Taufik Arrata e José Faria Ratton estavam já para subir quando o ascensorista anunciou que o Dr. Israil Cat se aproximava. Os dois ficaram apavorados e saíram do elevador.

Entra no elevador o Prof. Domicio Costa e, para provocar o Dr. Paulo Barbosa da Costa, perguntou: "Que tal Paulo, já decidiram se é hemátia ou hemácia? Respondeu o Dr. Paulo, com aquela fleugma mineira: "É eritrócito, Professor."

PLANTARES

Em nova edição do "*Histopathology of the skin*", de W. F. Lever, o autor mencionava que o termo "ceratose actínica" é geral e engloba lesões provocadas por diversas formas de irradiações. No caso da irradiação pela luz do sol, o melhor termo seria "ceratose solar". Resolvi inovar e, no primeiro caso que recebi desta entidade, diagnostiquei "ceratose solar". Recebi então um telefonema do colega que enviou a biópsia, o qual, muito polidamente, queria esclarecer um aparente engano meu, pois a lesão era de face e não da sola do pé. Com idêntica polidez esclareci que o termo se referia à irradiação do sol e não à região plantar.

Em outra ocasião recebi uma lesão da região plantar com diagnóstico de "verruga" ao exame microscópico tratava-se de "*Molluscum contagiosum*", lesão viral mais frequente no grupo etário pediátrico. Nos

adultos afeta pacientes inuocomprometidos, particularmente aqueles com Aids. O médico que fez a biópsia trabalhava em uma empresa e o paciente era o diretor da mesma. Foi preciso muita cautela para convencê-lo a fazer a pesquisa de HIV, que foi positiva.

REGIÕES ANATÔMICAS PARECIDAS

Telefonou-me o colega otorrinolaringologista para encaminhar um paciente, seu amigo de longa data que apresentava lesão de região glótica e que estava apreensivo, pois devia fazer um discurso no fim de semana. O paciente trouxe a biópsia e disse que tinha urgência do resultado e, logo agora que tinha esse compromisso, apareceu esta lesão na região glútea. Então pensei que devia convidá-lo a sentar-se.

"NOSOCOMICAL GLOSSARY"

Nos Estados Unidos tinha em minha escrivaninha um calendário brasileiro. Havia um residente de Clínica Médica com o qual preparava as reuniões anatomo-clínicas conjuntas de Medicina Interna e Patologia. Ele ficou curioso em saber qual o motivo e significado da palavra SEX na folhinha. Respondi que era uma lembrança, um alerta, de que após sexta-feira vinha o fim de semana que prometia momentos românticos. Ele me pediu e eu dei a folhinha de presente para ele. No Hospital Universitário havia uma funcionária chamada MÉRIDA que era muito solicitada pelo alto-falante: "Miss Merda, Miss Merda, please go to the admitting office". Dava uma saudade do Brasil.

NOVOLOGISMOS

Num glossário não poderiam faltar algumas palavras (novas):

COMBOSTÍVEL - material energético obtido pelo processamento dos dejetos dos astronautas segundo a NASA.

CONDONMINIO - uso do mesmo preservativo pelos componentes de um grupo em suas orgias.

Dr. Affonso Coelho (PR).

As dez regras da terapêutica médica eficaz

Um dos maiores desafios do médico em início de carreira é a prescrição médica. No dia a dia da medicina ambulatorial, o profissional precisa, muitas vezes, atender vários pacientes em pouco tempo, tentando redigir uma receita o mais adequada possível para aquela situação.

Elaboramos estas *Dez Regras da Terapêutica Eficaz* com o objetivo de orientar o jovem médico a evitar erros na difícil arte e ciência da terapêutica medicamentosa.

Certamente, o conhecimento da terapêutica médica não se resume a poucas regras, mas procuramos idealizar dez preceitos práticos e concisos, com orientações de grande importância aos iniciados na arte de curar.

Nos inspiramos nas Regras Terapêuticas atribuídas a Robert Frederick Loeb (1895-1973), professor de medicina interna da Universidade de Columbia (Estados Unidos). Refere-se que Loeb citava quatro ou cinco regras aos seus discípulos, sempre de modo bem-humorado e despretensioso.

A seguir reproduzimos suas quatro regras, conforme foram citadas por Jairo de Almeida Ramos na sua célebre obra *Atualização Terapêutica* (1963).

AS REGRAS TERAPÊUTICAS DE LOEB

1. Não faça ao paciente aquilo que não gostaria que fizessem a você. / 2. Se o que está fazendo é útil e eficaz, continue a fazê-lo. / 3. Se o que está fazendo não surtiu efeito, saiba abandoná-lo no momento oportuno. / 4. Se não souber o que deva ser feito, não faça nada.

AS DEZ REGRAS DA TERAPÊUTICA MÉDICA EFICAZ DO DR. TUOTO

(Destinadas ao clínico que atua em medicina ambulatorial)

1. Antes de prescrever qualquer medicamento, você precisa estabelecer um diagnóstico, ao menos provisório ou sintomático. Evite o tratamento apenas sintomático.

2. Antes de prescrever, confirme os antecedentes de

alergia medicamentosa de seu paciente.

3. Somente prescreva medicamentos que você conheça profundamente. Dedique atenção especial aos seus efeitos adversos e interações medicamentosas. Evite os medicamentos recém-lançados no mercado.

4. Evite prescrever mais do que três medicamentos diferentes ao mesmo paciente. Em geral, a prescrição de mais do que três substâncias representa dúvida e incerteza do médico quanto ao diagnóstico correto.

5. Siga rigorosamente a posologia recomendada para cada medicamento.

6. Tenha muito cuidado antes de prescrever corticosteroides (são a eterna "faca de dois gumes" da terapêutica); opioides (mascaram a dor, podendo retardar o diagnóstico correto e agravar a doença); e benzodiazepínicos (seu paciente deseja ser curado, não anestesiado).

7. Se o seu esquema terapêutico está sendo eficaz, mantenha-o.

8. Não insista na medicação que não apresentou resultados benéficos no período de tempo adequado à sua ação efetiva.

9. Não altere a medicação que está sendo eficaz com receio de críticas do paciente ou por insistência do mesmo.

10. Se não tiver certeza da necessidade do uso de medicamentos, não os prescreva. Faça apenas recomendações gerais para uma vida saudável e observe a evolução do quadro clínico.

Dr. Elvio Armando Tuoto (PR).

Este artigo é dedicado – in memoriam – ao médico brasileiro Jairo de Almeida Ramos (1900-1972)

REFERÊNCIAS

1 - Ramos JA (1963): *Ciência e arte da terapêutica*. In: Prado FC, Ramos JA, Valle JR (Organizadores e editores). *Atualização terapêutica*. São Paulo, Livraria Luso-Espanhola e Brasileira, 5ª ed. revista e aumentada. / 2 - [No authors listed] (1973): Robert Frederick Loeb. *Lancet*. 302(7836):1038. / 3 - Kufe DW, Pollock RE, Weichselbaum RR, et al., editors (2003): *Laws of Therapeutics*. In: *Holland-Frei Cancer Medicine*. Hamilton (ON), Canada, BC Decker Inc., 6th ed. / 4 - Bonfim JRA (2006): *O registro de produtos farmacêuticos novos: critérios para a promoção do uso racional de fármacos no Sistema Único de Saúde*. Dissertação (mestrado) - São Paulo, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Área de concentração: Saúde Coletiva.

SONHAR

*Sonhar é transportar-se
em asas de ouro e aço
Aos páramos azuis da
luz e da harmonia;
É ambicionar o céu; é
dominar o espaço
Num voo poderoso e
audaz da fantasia.
Fugir ao mundo vil, tão
vil que, sem cansaço,
Engana, e menospreza,
e zomba, e calunia;
Encastelar-se, enfim, no
deslumbrante Paço
De um sonho puro e bom,
de paz e de alegria.
É ver no lago um mar, nas
nuvens um castelo,
Na luz de um pirilampo
um sol pequeno e belo;
É alçar constantemente o
olhar ao céu profundo.
Sonhar é ter um grande
ideal na ingloria lida:
Tão grande que não cabe
inteiro nesta vida,
Tão puro que não vive em
plagas deste mundo.*

Helena Kolody

RETRATO ANTIGO

*Quem é essa
que me olha
de tão longe,
com olhos que foram meus?*

Helena Kolody

MINICONTOS MÉDICOS

Litíase

O médico residente empolgado disse ao professor orientador:
– A dona Maria Rosa está com pedra na vesícula e o seu Carlos...
– Não me interessa por dona Maria Rosa ou seu Carlos – retrucou o professor. – Me informe apenas o número do leito e o diagnóstico.

– O leito 29 está com pedra na vesícula. O leito 14, com pedra na bexiga e o leito 17, com pedra no rim direito. E, se me permite, caro professor número 01, o senhor tem uma pedra enorme no coração.

O neurônio Aloísio

O neurônio Aloísio estava muito distraído e esquecido. Não conseguia mais amarrar os sapatos. Não lembrava onde tinha guardado os documentos. Tinha até se perdido a caminho do hipocampo. E agora esqueceu o próprio nome.

– Você sabe meu nome completo? – perguntou ao neurônio Ramón.
– Claro. Você se chama Aloysius Alzheimer.

Ennui

O médico explicou para a paciente:

– Tenho boas notícias para a senhora: sua videolaringoscopia, cineangiogramia coronariografia, colonoscopia, ultrassonografia de abdômen total, espirometria, audiometria, angiorressonância magnética cerebral e todos os 97 exames laboratoriais estão perfeitamente normais.

– Mas doutor – disse a paciente – então, o que é que eu tenho?

– Nada, absolutamente nada, – afirmou o médico – mas diga às suas amigas que tem uma doença muito rara e com um nome difícil: *taedium vitae*, que os franceses chamam de “ennui”.

Dr. Elvio Armando Tuoto (PR).

DEBATE

Quanto vale a medicina no Brasil?

O exame clínico constitui, junto com a anamnese, axiomas para uma medicina sólida e consistente. Sua simplificação constitui uma falácia usual nos dias atuais, onde a mercantilização da medicina é gritante, principalmente na complementar, onde são estipulados valores ínfimos a serem cumpridos. Além disto, a medicina se vê refém de políticas públicas incompetentes e sua não regulamentação no país, via ato médico, favorecendo a perda de credibilidade diante da população.

A luta pela valorização do ato universal médico, condtido na semiologia, deve ser premissa para todos os médicos. É surpreendente e perplexo que surjam ideias díspares, onde propõem-se como inferior uma consulta de dita especialidade, e sua hierarquização. Não há como quantificar ou estratificar a semiologia médica.

Em qual premissa se baseia tal ideal? Nível de complexidade do diagnóstico? Prognóstico do paciente?

Necessidade de intervenção cirúrgica? Sob qualquer prisma, tal iniciativa soa hipócrita e demagógica, só podendo ser levada a sério se analisada de maneira superficial e tendenciosa. Pois, sabe-se bem, mesmo uma infecção de vias aéreas superiores mal conduzida ou uma mácula melanocítica mal avaliada podem apresentar morbidade e mortalidade significativamente maiores que uma insuficiência venosa periférica superficial.

A modificação do *status quo* da medicina e dos médicos no Brasil depende da unificação de ideias e ideais. Não há e não é prudente a formação de castas dentro da medicina. Tal situação só enfraqueceria a luta pela valorização médica. Surpreendente que o **IÁTRICO**, revista balizada pelo Conselho Regional de Medicina, abra espaço para tais ideias.

Pertinente e necessário que haja direito de resposta, no canal debate, a fim de democratizar a discussão.

Dr. Rubens Pontello Jr. (PR).

Quanto vale uma consulta?

Artigo publicado na edição anterior, abrindo o debate sobre quanto vale uma consulta, nos leva a uma reflexão. Vejamos alguns exemplos citados: o que tem a consulta de um dermatologista a ver com a de um psiquiatra? Realmente é muito diferente atender e conduzir um paciente com melanoma de um paciente com esquizofrenia. E de um ginecologista com a consulta pré-anestésica? Avaliar os riscos cirúrgicos de múltiplas interações medicamentosas de um lado e câncer de mama do outro.

A um simples olhar me parece que a complexidade e a importância dessas queixas são iguais em magnitude e importância.

Pensar que consultas não devem ser remuneradas pelo mesmo valor merece uma avaliação mais profunda, pois o risco de uma segregação é grande. Por mais simples que pareça a queixa do nosso paciente, o verdadeiro impacto e a importância são muitas vezes por nós desmerecidas. Definir a complexidade de uma consulta médica é uma tarefa árdua e complexa e não simplesmente por um olhar superficial nas especialidades médicas.

Fico muito feliz sobre a ideia e publicação do artigo, pois nos permite refletir e ouvir opiniões que sempre são bem-vindas e construtivas para um debate mais profundo.

Dr. Anber Ancel Tanaka (PR).

IÁTRICAS

PROFISSÃO DE FÉ

Prezada Beatriz,

Reconheço a dificuldade de fazer presença num nicho tão restrito quanto o de uma revista. Afinal, infelizmente a população brasileira é formada por 70% de analfabetos funcionais. E dos restantes poucos têm o hábito da leitura. Que é propensão, mas também ambiente familiar pelo gosto de se inteirar das coisas, duvidar das mesmas, e descobrir o inesperado com o qual nos identifiquemos ou não. Ou seja, essa curiosidade que nos faz abraçar certas ideias ou, simplesmente, deletá-las, por desimportantes. Isso é fazer uma cabeça adulta, da qual o poema *Balancete* neste número nos dá conta. Pode ser por via de prazer ou esforço, frequentemente com os dois. Vivemos pois, enquanto revista, numa franja delicada, onde a maioria que nos leem se dá à possibilidade do prazer e do esforço, e com isso alargar sua cognição. Este texto está simples, para alguns impenetrável. É simples prosa, que pode ser aprendida na escola, com esforço. Já a poesia se aprende por conta própria, ao sabor do ritmo e no esforço para descobrir seus significados. Tudo que quis dizer neste texto está condensado no poema *Profissão de Fé*, de Paulo Henriques Britto,

um dos meus poetas preferidos da atual geração. Poema onde de pole o texto áspero.

Profissão de Fé

*Já não consigo mais acreditar
em nada que não se ofereça dócil
a essa trama traiçoeira e fina
do dizível, que não se faça lousa
fria e lisa, nada que não se deixe
assassinar sem queixa,
e não se encaixe
exatamente em seu lugar preciso –
como também não sei amar senão
o que resiste a toda tentativa
de se fazer polir, a coisa áspera
que não cabe em parte al-
guma, que escapa
a toda identificação, que escorre
e permanece toda inteira e pura,
anônima, amorfa, indecifrável.*

Obrigado por ser leitora assídua e parabéns por estar sempre querendo alargar seu horizonte linguístico.

ALGUNS GOSTAM DE POESIA

Prezado Rodolfo,

Pergunta-me por que todos os números do **IÁTRICO** têm poesia. Não entendes a finalidade. É meu caro, poesia é uma finalidade sem fim. E se assim o fazemos é porque simplesmente alguns gostam. Gostam de saborear o ritmo e a melodia próprios das palavras. Mas melhor resposta vem de uma poeta, a po-

lonesa Wislawa Szymborska (pronuncia-se Vissuáva Chembósrka), prêmio Nobel de 1996, com seu poema *Alguns Gostam de Poesia*. Eis minha melhor resposta:

Alguns –

ou seja nem todos.

*Nem mesmo a maioria de
todos, mas a minoria.*

*Sem contar a esco-
la onde é obrigatório*

*e os próprios poetas
seriam talvez uns dois em mil.*

Gostam –

*mas também se gos-
ta de canja de galinha,*

*gosta-se de galan-
teios e da cor azul,*

*gosta-se de um xale velho,
gosta-se de fazer o que*

se tem vontade

gosta-se de afagar um cão.

De poesia –

Mas o que é isso, poesia.

*Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.*

Pois eu não sei e não sei

e me agarro a isso

como uma tábuca de salvação.

Como vê, poesia é uma inutilidade, um unitensílio, mas, quando cai a hora, cena sem ensaio, corpo sem medida, cabeça sem reflexão, gostamos de contar estrelas. É isso.

DROGAS**Prezado Rodolfo,**

Já fui favorável à liberação de drogas. Pensava ser melhor, se contrapondo ao tráfico e à corrupção policial e a uma sociedade que não se antecipa à solução de problemas. Mas fui mudando essa inclinação. Primeiro vendo os desastres causados pelas drogas lícitas, principalmente o álcool. Não é mole ver duas Suíças de alcoólatras que definham famílias, empregos, amigos que querem ajudar e se veem impotentes ou cooperativos com o vício, e que ainda arrastam vítimas agudas no trânsito ou em assassinatos nos bares da vida ou alhures. É uma carga pesada. Grande peso para sociedade e um governo que não tem políticas públicas claras para lidar com problema. Isto é apenas um exemplo. Só mais um para pontuar minha vivência. A rotina de atender enfisematosos com seus cilindros de oxigênio. Fome de ar é algo terrível.

Pois bem, neste momento em que se inicia nova abertura para liberação de droga – maconha –, tenho a dizer que não obstaculizo a liberdade individual, mas aceno que não é uma droga leve como dizem. Já está bem definido seu papel tóxico sobre o cérebro, seja desencadeando doenças ou provocando-as por si. Agora sei bem que desde o início dos tempos o humano nunca esteve contente com seu estado mental e sempre quis muda-lo, mesmo que transitoriamente.

Para finalizar, caro Rodolfo, dou palavras a um poeta que experimentou de tudo no início dos anos sessentas: “Vi os melhores espíritos de minha geração destruídos pela loucura, famélicos histéricos nus, se arrastando na primeira luz do dia pelas ruas dos bairros negros à procura de uma seringa raivosa...” Allen Ginsberg, poeta, em “Howl” (Uivo).

E como se as melhores cabeças de uma geração fossem cortadas por uma guilhotina química. Um abraço. 🍷

RAZÃO DE SER

Escrevo. E pronto.

*Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.*

*Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.*

*A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.*

Eu escrevo apenas.

Tem que ter por quê?

Paulo Leminski

M. DE MEMÓRIA

*Os livros sabem de cor
milhares de poemas.*

Que memória!

Lembrar, assim, vale a pena.

*Vale a pena o desperdício,
Ulisses voltou de Tróia,
assim como Dante disse,
o céu não vale uma história.*

*um dia, o diabo veio
seduzir um doutor Fausto.*

Byron era verdadeiro.

Fernando, pessoa, era falso.

*Mallarmé era tão pálido,
mais parecia uma página.*

*Rimbaud se mandou pra África,
Hemingway de miragens.*

Os livros sabem de tudo.

Já sabem deste dilema.

*Só não sabem que, no fundo,
ler não passa de uma lenda.*

Paulo Leminski

Sobre a **impermanência**

"IMPERMANENTE É EFÊMERO, TEMPORÁRIO.
A MEDICINA É, TAMBÉM, UM EXERCÍCIO DO AGORA."

Poderia começar contando a sensacional história

de Beatriz. Digo sensacional porque causa sensações e, além disso, porque foi encurralada por sensacionalismo, o que tornaria esse início tão mais fácil. Para mim, não para ela. Apareceu até na tevê, no jornal mais importante, por que quem não tem compaixão? Não se deixa prender dois segundos à mulher estuprada? À história da mulher estuprada. Qualquer médico contaria o caso com extrema vivacidade, entre olhares fixos e ligeiros arpejos: "Credo! Que horror!". Qualquer um esqueceria a ética no café da manhã, olharia a esposa removendo as sementes de mamão com as mãos delicadas e diria: "Uma brutalidade o que fizeram com a moça, meu amor! Com essa Beatriz."

Porque quando a dor é assim, tão enorme, a gente se lembra sim do nome. Ah, o nome! Enquanto apontava o lápis mesmo, o subtexto era o fato de trocar o tal nome

da Beatriz. Como se pode repetir a alcunha dela assim, exposta? Sendo ela ela mesma. Com que voz se conta essa história real, usando seu nome real, o hematoma real que se formou em seu crânio quando a golpearam com o cano pra matar? E como se fotografa assim, com a legenda pendurada, quase um registro de cadeia "a Beatriz de avental azul, aquela sentada ali. Tem que chamar a psicóloga, a ginecologia e a neurologia. E ela ainda está com dor, precisa fazer medicação."? Beatriz não poderia ser isso, o nome gravado no cantinho da radiografia, pertinho da data inapagável. Imortaliza o aniversário. Mas Beatriz. Beatriz no latim é a que traz felicidade. Traz a felicidade. Então tive que parar assim em seu nome, como quem para sobre uma queimadura na

face alheia, nas equimoses em seus braços, como uma sujeira na lente de contato, incômoda. Beatriz seria excelente, poderia ser muito bem utilizada, mas tanto já foi. Tudo que quero de Beatriz é que o mundo a trate bem, que as pessoas lhe sorrissem como merece. Que deixe o consultório com o sorriso branco e grande aparecendo porque eu fiz uma piada qualquer antes de abrir a porta para que fosse embora. Tenha um bom dia! Beatriz indo embora com o sorriso, pra entrar dona Maria, dona Joana, a dor no ombro, a tuberculose, o hagaiê. Quem estiver na vez. Esqueçamos Beatriz, como Hitchcock esquece a moça morta no chuveiro.

O mais chocante dentre todos apareceu justamente no dia sete do seis de dois mil e seis, não falei da me-

mória seletiva? Enquanto eu tentava passar de ano naquele hospital enorme, as escadas infinitas do pé direito alto e os elevadores lotados. Eu subia e descia, falar com o pa-

ciente, e subia, para falar com o paciente, os corredores da direita e esquerda tão iguais, falar com o paciente. Encontrei o tal numa lista da monitora, que já havia conversado com este e outros, selecionando-os. Foi quase um encontro às cegas, quase um anúncio que achei no jornal, quase fiquei tímida e ansiosa. Era um senhor de seus sessenta anos, de hábitos rudes feito avô teimoso, óculos, alguma barba grisalha. E já estava falado. Digo, já havia sido consultado, umas mil vezes a cada dia, há tantos de nós desfilando guarda-pós pelas enfermarias. Só precisava mesmo era consultar por mim, não por ele. Consultar para escrever num papel e mostrar ao meu professor como eu havia ido até lá naquela tarde invernal, sentindo a pedra do chão socar os ossos gelados

*"Mostrar que eu sabia o que fazer
diante de uma pessoa morrendo,
pra que um dia eu pudesse ser, no
duro, a pessoa fazendo algo
diante da morte alheia."*

dos pés nas botas, subido aquela escada maldita e descido tantas vezes, porque o paciente nunca está onde você pensou que estaria para falar com ele. Mostrar que eu sabia o que fazer diante de uma pessoa morrendo, pra que um dia eu pudesse ser, no duro, a pessoa fazendo algo diante da morte alheia, que se derrama nos lençóis timbrados. As pequenas letrinhas dizendo por quilômetros “Hospital de Clínicas, Hospital de Clínicas, Hospital de Clínicas...”, e foi lá que ele morreu.

Mas isso só aconteceu depois.

A morte não teve nada de extraordinário: uma úlcera qualquer, a pneumonia qualquer. Pode até ser que fosse etilista, para o estômago sangrar assim, de cuspir bolotas coaguladas, e há tantos destes. Mas foi a primeira. Minha primeira morte. Não que fosse o primeiro morto (este, um cadáver do setor de anatomia, todo aberto sobre a mesa no primeiro dia de aulas práticas. Diziam que

seu nome era

Nelson e, antes

de ter o corpo

doado à uni-

versidade, e os

músculos e fás-

cias dos mem-

brós dissecados em filés, era carteiro. Tinha os cabelos grandes, mas dormi durante essa aula de Medicina Legal e não tenho certeza se podem ter crescido depois que já havia batido as botas. Gosto de pensar que ele curtia um rock. Gosto de pensar que tive uma matéria chamada Medicina Legal. Quando o conheci, Nelson, cruzei a sala com as macas de metal e o cheiro de formol de porta a porta, pastinha com o caderno sobre o rádio e a ulna, presa pelo bíceps, saindo pelo outro lado sem pestanejar. Encontrei um colega do lado de fora, sentado sem intenções de levantar para a hora da aula. Nossos olhares se compreenderam e ficamos ali alguns minutos, até que a angústia se dissipasse e pudéssemos fazer o precisa ser feito. Fazer o que precisa ser feito.), não que fosse o primeiro atestado de óbito (uma velhinha de causas tão naturais, cujo queixo fora amarrado com um

tecido estilo dor-de-dente, para que não permanecesse “assim tão aberto, tão feio, doutora”. Não havia culpado praquela boca aberta, tão fácil assinar!), mas era o primeiro que apagava. Este, que sequer decorei o nome (certamente o soube, regras básicas da propedêutica), num dia esteve e no outro não. Num dia me recebia com uma esperancinha de que eu fosse a cuja com a notícia, o exame, a chave da saída dali, e eu não era, realmente não era. No seguinte virava nome apagado do quadro, para botar outro no lugar.

Não que fosse ele próprio de grande importância. Não. Era apenas meu exercício, meu artifício, sendo eu um dos seus incômodos de ficar internado naquele hospital público. O que magoou foi a impermanência, à qual não estava nada acostumada. Sua figura do peixe sendo tirado do aquário até parar de debater, e então não há mais o que ser feito. O estudo do médico, as tardes en-

fadonhas, to-

dos os exa-

mes e mesmo

a semiologia,

todos os jale-

quinhos, nada

serviu dessa

"Você vai amadurecendo as feridas daquela impermanência pelo cansaço, pelas pernas roxas e rígidas sobre a mesa, pelas pirocas recortadas pra estudar que nalgum dia até suscitaram piada sua"

vez. Ou seria outra aula sonolenta que perdi? O contraste da morte dói muito mais do que a morte em si. E eu. Que invadi o quarto e, sem notar, tomei de cara feia sua última tarde. Eu que exercitava a paciência com tanta má vontade enquanto não conseguia suas respostas. Que não entendi que estar ali embolado naquela roupa de cama estranha, dentro daquele quarto com outros três velhos morrendo ou quase, era tão pior que perder a tarde à toa de bicicleta, a tarde à toa com um livro que não falasse de doenças de um jeito chato.

“Professor, o meu paciente, que eu havia preparado para essa semana (preparado?), ele faleceu ontem.” Pronto, o exercício acabou, o cachorro comeu o dever. Porque, professor, não ia dar tempo – o tempo era resposta fácil. E o doutor fez que sim com a cabeça. Não sabia meu nome porque não tinha chamada, ele matava umas aulas,

eu matava outras, mas passei de ano. Passei de ano. Fui passando de ano, sem que ninguém sequer explicasse a tal morte. E então você vai amadurecendo as feridas daquela impermanência pelo cansaço, pelas pernas roxas e rígidas sobre a mesa, pelas pirocas recortadas pra estudar que nalgum dia até suscitaram piada sua, tantas, tanta mulher-estuprada-credo-que-horror-que-brutalidade! Pelos milhares de pacientes efêmeros sem nome.

E hoje eu sei que não há como explicar. É como aquele professor malvadíssimo me mandando furar o porco com a faca. Com o bisturi. Vivo. O que o porco me fez? Alguém realmente faz isso por gosto? Alguma criatura sente prazer espontâneo em folhear as pernas de Nelson depois de almoçar bife com sagu no R.U.? “Desse jeito, você nunca vai conseguir ser médica!”, o açougueiro, o picanhólogo me desafia. É como a angús-

tia por beliscar o abdômen róseo anestesiado do suíno: “Belisca com vontade que tem que ver se a anestesia pegou. Ou você prefere que o porco sinta dor?”. É claro que não! Eu sou amiga do porco, não entendeu? Quero que ele sorria como a Beatriz, como o Nelson ouvindo um rock. Não está no livro. Você simplesmente enfia o bisturi no porco como se fosse bisteca – essa eu mesma não como. Mas bisteca não é porco. Bisteca é o porco grelhado pela impermanência. Talvez o porco sim tenha sido meu primeiro morto. Abri, fechei, e depois da aula ele, com os outros, foi para a fazenda. Como um cachorro velho, o gato que sobe no telhado. Como o resto do bife do R.U., com cheiro persistente de formol, indo pro lixo. Como o peixinho estático descendo a descarga.

Assim é a tal.

Dra. Alanna Ajzentel e Camargo (PR).

MEMES

❶ *A estenose tricúspide e pulmonar adquiridas são enfermidades raras e suscitam a suspeita de síndrome carcinoide. A determinação do ácido 5-hidróxi-indolacético (5-AHIA) na urina, um derivado da serotonina é diagnóstico.*

❷ *Um terço dos pacientes com sinais de insuficiência cardíaca congestiva tem disfunção diastólica com função sistólica normal. Coração de tamanho normal e fração de ejeção normal levam à suspeita. A distinção é importante já que o tratamento é diferente. Na disfunção diastólica inotrópicos e vasodilatadores arteriais podem ser prejudiciais.*

❸ *Os mixomas atriais podem imitar a estenose mitral ou a endocardite infecciosa. Deve ser suscitado quando uma embolia sistêmica ocorre em pessoa jovem e sã, sem outras causas de embolia. Devem ser extirpados cirurgicamente. Porém têm recorrência de 5%, o que torna necessária vigilância*

pós-cirúrgica.

❹ *A dor da pericardite pode ser indistinguível da do infarto agudo do miocárdio. O início brusco da dor, o atrito pericárdico e a febre podem ser distintos.*

❺ *A miocardiopatia alcoólica é a miocardiopatia reversível mais frequente.*

❻ *Não se esqueça: tempo é miocárdio. Aja rápido.*

❼ *A vacinação contra gripe e pneumococo reduz o risco de pneumonia em população suscetível como os idosos.*

❽ *Não existe “bronzeamento saudável”.*

❾ *Idosos com pneumonia apresentam menos sintomas, mais leves ou atípicos. Considere a possibilidade de pneumonia em todo idoso que altere subitamente seu estado mental.*

❿ *A causa não infecciosa mais comum no pós-operatório é a febre medicamentosa.*

⓫ *Amoxicilina-clavulanato VO é uma profilaxia adequada para maioria das feridas por mordedura.*

❶ *Um dos maiores riscos para o desenvolvimento de cirrose em indivíduos com hepatite C crônica é o uso de álcool. Devem ser desaconselhados para qualquer ingestão.*

❷ *A maioria das úlceras é causada pelo H. pylori ou por anti-inflamatórios.*

❸ *Biguanidas (metformina) são efetivas para o tratamento do diabetes tipo 2. Quando administradas como monoterapia não causam hipoglicemia. Já a insulina e secretagogos da insulina apresentam risco de hipoglicemia como complicação da terapia. É necessária cautela nas associações. As biguanidas reduzem morbidade e mortalidade.*

❹ *Pacientes idosos com novos sintomas considere efeitos colaterais de fármacos como prioridade.*

❺ *Não existem “exames de sangue de rotina” ou “radiografia de tórax de rotina”.*

❻ *Monoartrite aguda é igual a agulha (artrocentese). Causas principais trauma, infecção e cristais.*



Woody Allen, **pedófilo?**

Tempos atrás, ofereci a um amigo o documento de Barbara Kopple sobre Woody Allen. Intitula-se *Wild Man Blues* e é uma reportagem "íntima" com o diretor durante as suas viagens pela Europa para tocar clarinete.

O amigo agradeceu. Mas depois disse que tinha receio de assistir ao produto: ele, um fã de Woody Allen desde *Noivo Neurótico*,

Noiva Nervosa (1977), ficara chocado com as acusações de pedofilia que a própria filha, Dylan, hoje com 28 anos, lançara contra o pai. "Tenho dois filhos pequenos, João", disse ele. "Como olhar para Woody Allen da mesma maneira?"

"Será normal continuar a assistir aos filmes de Woody Allen quando existe sobre ele uma sombra sinistra?"

Eis a pergunta que incontáveis fãs do cineasta formularam nos últimos tempos e que Chuck Klosterman, um alegado especialista em ética do *New York Times*, abordou na sua última coluna.

Será normal continuar a assistir aos filmes de Woody Allen quando existe sobre ele uma sombra sinistra? E será legítimo deixar de assistir aos filmes por causa dessa sombra?

Klosterman prefere ficar em cima do muro e responde afirmativamente às duas questões. É legítimo separar a obra e o homem. E é legítimo recusar o Woody pedófilo.

Com todo respeito por Klosterman, a sua resposta

"Woody Allen não foi acusado formalmente de coisa nenhuma. Não foi levado a tribunal. E os médicos que analisaram a criança em 1992 não encontraram vestígios de nenhum abuso."

só revela estupidez e covardia. Se a ética fosse apenas uma forma de relativismo em que tudo é igual ao seu contrário, não valeria a pena discutir moralmente nenhum assunto racional.

Por isso proponho: é legítimo separar o homem da obra e é perfeitamente legítimo continuar a assistir aos filmes de Woody Allen, apesar das suspeitas. Por duas razões fundamentais.

A primeira, óbvia, é que um Estado de Direito civilizado considera qualquer indivíduo acusado de um crime como inocente até prova em contrário.

Woody Allen não foi acusado formalmente de coisa nenhuma. Não foi levado a tribunal. E os médicos que analisaram a criança em 1992 não encontraram vestígios — físicos, psicológicos — de nenhum abuso.

As pessoas podem recusar os filmes de Woody Allen porque pensam que uma acusação basta para fechar uma condenação. É uma atitude possível, mas apedeuta e irracional.

Mas existe um segundo motivo pelo qual é aconselhável separar o homem da obra: porque mesmo que Woody Allen tivesse sido condenado em tribunal por abuso sexual de menores, isso não retiraria aos seus filmes uma qualidade intrinsecamente estética.

O jornal *The Guardian*, semana atrás, contribuiu para o debate com uma lista generosa de grandes artistas que, em privado, tiveram condutas aberrantes, para não dizer criminosas.

O caso de Caravaggio é talvez o mais relevante: o maior pintor do século 17 era um homicida que fugiu de Roma para escapar da prisão. Será por causa disso que o leitor recusa *David com a Cabeça de Golias* ou *O Martírio de São Mateus*, obras-primas absolutas do barroco italiano?

O mesmo para Benvenuto Cellini, anterior a Caravaggio e com mais mortes no currículo do que o seu sucessor. Os crimes de Cellini mancham as suas esculturas, como o *Perseu* de Florença ou a *Crucificação do Escorial*?

E, para ficarmos em abuso de menores, será que o leitor também evita os quadros de Egon Schiele, o grande pintor expressionista que tinha uma inclinação problemática por "jeunes filles en fleur"?

O desejo de que os grandes artistas tenham condutas privadas igualmente irretocáveis pode ser uma exigência narcísica da nossa admiração por eles.

Mas já é tempo de crescer um bocadinho, deixando à Justiça o que é da Justiça — e agradecer aos céus, e aos homens, a grande dádiva da arte.

João Pereira Coutinho (PT).



DO CADERNO VERDE

"Começo a conhecer-me. Não existo. / Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram."

Fernando Pessoa.

Magia de **camarão**

"A MELHOR MANEIRA DE SER FELIZ É CONTRIBUIR PARA A FELICIDADE DOS OUTROS".
(CONFÚCIO)

Minha grande amiga Alzira Tokie Koiki é médica anesthesiologista no Hospital Erasto Gaertner, de Curitiba. Há vários anos ela tem se preocupado com a boa alimentação de todos na equipe de anesthesiologia e prepara em sua casa uma refeição diária, bem balanceada, saborosíssima e traz para os colegas.

A hora do almoço é quase uma festa! Sempre aguardando pelas surpresas do dia.

Com o tempo, nós cirurgiões, também passamos a

fazer uma boquinha com seus talentos gastronômicos. Até os médicos residentes aplacam sua fome com a comidinha gostosa que ela traz. Imaginem a quantidade diária! Algumas mães de residentes já vieram inclusive agradecer-lá pelos cuidados com seus filhos.

A receita que agora compartilho com vocês é umas dessas gostosuras que ela traz, mas gostoso mesmo é o carinho com que ela nos trata.

Dr. José Clemente Linhares (PR).

COMO FAZER

INGREDIENTES (4 porções)

- 500g de camarões médios
- 3 ou 4 abobrinhas cortadas em cubos
- 1 xícara de azeite de oliva
- 1 colher de sopa de raspas de limão siciliano
- 1 colher de chá de pimenta calabresa
- 8 tomates cereja
- Salsinha e cebolinha a gosto
- Meia cebola picada
- 1 colher de sopa de manteiga
- Sal a gosto

MODO DE FAZER

- Misturar e deixar marinar os camarões, as abobrinhas o azeite, as raspas de limão e a pimenta calabresa por meia hora.
- Refogar meia cebola picada em manteiga.
- Juntar o camarão e a abobrinha.
- Temperar com sal.
- Quando o camarão estiver vermelho, juntar os tomates cereja e o cheiro verde e desligar o fogo.
- Servir frio.

"Quero inventar o meu próprio pecado"

"A PORCA MUITO GORDA E A FACA MUITO USADA REPRESENTAM A REPETIÇÃO DE PROCEDIMENTOS EM VIA DE ESGOTAMENTO."

Nos últimos dias, tem-se falado muito dos 50 anos do golpe militar. Dia desses, depois de ouvir no rádio um programa sobre o assunto, mudei a sintonia e dei com o início de uma obra-prima, *Cálice*, de Gilberto Gil e Chico Buarque. Lembrei-me do dia em que Chico Buarque e o sempre querido MPB-4 tentaram cantar essa música no Anhembi, em São Paulo, durante a Phono-73.

Eu estava lá e presenciei a cena: um a um, os microfones do palco foram levados a Chico pelo MPB-4. Mal Chico entoava o primeiro verso de *Cálice*, o microfone era desligado. Um a um, todos foram desligados, e Chico resignou-se: "Vamos ao que pode, vamos ao que pode".

Cálice, não podia. Muita coisa não podia. Quase fui expulso do colégio porque afixei no mural uma matéria do "JT" sobre a poluição em Cubatão. Não se podia falar de problemas. Não havia problemas no país. Nenhum. Quem citasse algum era "subversivo", "comunis-

ta", "antipatriota" e outras cretinices.

Na pungente *Cálice*, há passagens cuja compreensão demanda conhecimento linguístico e, sobretudo, do mundo em que a letra foi gerada, como em "De muito gorda a porca já não anda / De muito usada a faca já não corta". Com a figuração que há nesses versos, com ênfase para o valor causal das expressões "de muito gorda" e "de muito usada" (a porca não anda mais porque está muito gorda; a faca não corta mais porque está muito usada), os autores representam o esgotamento dos procedimentos da ditadura e também da capacidade deles de suportá-los.

Há também fortes versos literais, que dispensam explicação ("Tanta mentira, tanta força bruta"). Merecem destaque dois versos preciosos, que retratam a fina análise que os autores fazem do tempo em que produziram o texto: "Quero inventar o meu próprio pecado / Quero morrer do meu próprio veneno". Para os que não viveram aquele momento e para os que

COISAS... E TAL

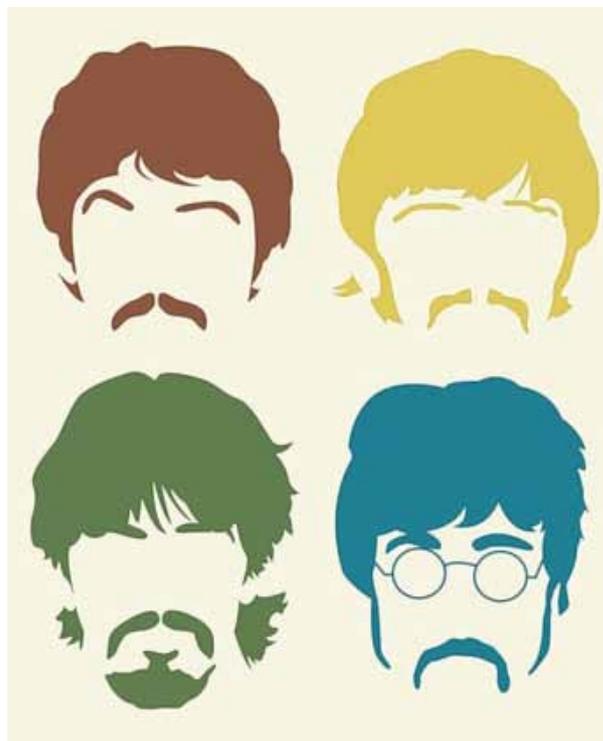
1. **FICO ASSIM SEM VOCÊ** - Adriana Calcanhoto.
2. **LENHA (ZECA BALEIRO)** - Simone.
3. **O CADERNO (TOQUINHO/ MUTINHO)** - Toquinho.
4. **JUNTAR O QUE SENTIR (R. TEIXEIRA)** - Renato Teixeira e Maria Bethânia.
5. **ESSA TAL FELICIDADE (T. MAIA)** - Tim Maia.
6. **CARVÃO (A. CAROLINA)** - Ana Carolina.
7. **VIAGEM (J. DE AQUINO/ PAULO S. PINHEIRO)** - Nelson Gonçalves.
8. **BANDOLINS (O. MONTENEGRO)** - Oswaldo Montenegro.
9. **MEDLEY (SONHO LINDO/ GOSTAVA TANTO DE VOCÊ/ SE VOCÊ QUISER)** - Tânia Mara.
10. **BEIJA-ME (M. ROSSI/ R. MARTINS)** - Zeca Pagodinho.
11. **O MEU AMOR (C. BUARQUE)** - C. Veloso e I. Sangalo.
12. **ATRÁS DA PORTA (C. BUARQUE/ F. HIME)** - Elis Regina.
13. **GÊTÂ (R. SEIXAS/ P. COELHO)** - Raul Seixas.
14. **EU NUNCA AMEI ALGUÉM COMO EU TE AMO (E. LAGES/ PAULO S. VALLE)** - Ivete Sangalo.
15. **VOCÊ (R. CARLOS/ E. CARLOS)** - Marina Elali.
16. **TUDO O QUE SE QUER (WEBBER/ STILGOE/ HART/ N. MOTTA)** - Verônica Sabino e Emílio Santiago.
17. **EU SEI QUE VOU TE AMAR (V. DE MORAES/ T. JOBIM)** - Agnaldo Rayol e Marina Elali.
18. **SINHÁ MOÇA (BARRETTI/ BARBOSA/ GUARABYRA/ V. MARTINS)** - Leonardo.
19. **DIGA LÁ, CORAÇÃO (GONZAGUINHA)** - Leila Pinheiro.
20. **CORAÇÃO DE ESTUDANTE (M. NASCIMENTO/ W. TISO)** - Milton Nascimento.

o viveram e não o entenderam ou fingem que não o entenderam: havia "pecados", alguns deles (quase todos) capitais, definidos como tal pelos "donos da verdade". Quem cometia um desses "pecados" (refiro-me especificamente aos de matiz ideológico) era torturado, condenado ao exílio etc. Mesmo quem não fazia nada de nada pagava pelo "pecado". Bastava uma "autoridade" não "simpatizar" com alguém ou um vizinho pura e simplesmente dizer que Fulano era "comunista" para que...

Os versos "Quero inventar o meu próprio pecado" e "Quero morrer do meu próprio veneno" soavam como um retumbante grito contra as "verdades" dos ditadores e traduziam o sentimento de quem não aceitava o estúpido código do pensamento incontestável, imposto pela ditadura. Chico já falara disso nos versos da primorosa *Apesar de Você*: "Você que inventou o pecado / Esqueceu-se de inventar / O perdão".

A nauseabunda ditadura militar terminou, mas continuamos mergulhados em outra(s) ditadura(s), com a devida complacência e/ou participação do poder público da nossa "democracia". Os versos de Chico e Gil parecem vivos, visto que no Brasil de hoje não me parece possível dizer que temos o direito de inventar os nossos próprios "pecados" ou de morrer do nosso próprio veneno. O código que define o que é "certo" continua sendo o de grupelhos (governantes corruptos, incompetentes, policiais corruptos, violentos, bandidos de todos os tipos, assaltantes, assassinos, traficantes etc., etc., etc.). Os "pecados" que cometemos são os que ferem o "código" deles. O veneno de que morremos também é o deles. É isso.

Pasquale Cipro Neto (SP).



BEATLES AGAIN

1. **HELP** - Tina Turner
2. **YESTERDAY** - Ray Charles
3. **GET BACK** - Sara Vaughn
4. **LET IT BE** - Tom Jones
5. **PENNY LANE** - Beatles
6. **MICHELLE** - Mat Monro
7. **YOU'VE GOT TO HIDE AWAY** - Joe Cocker
8. **MAYBE A'M AMAZED** - Dave Grohl e Norah Jones
9. **HEY JUDE** - Wilson Pichett
10. **BLACKBIRD** - Carly Simon
11. **IMAGINE** - Ray Charles e R. Studdart
12. **HERE, THERE, AND EVERYWHERE** - Perry Como
13. **AND I LOVE HIM** - Sara Vaughn
14. **SOMETHING** - Frank Sinatra
15. **COME TOGETHER** - Roberta Flack
16. **IN MY LIFE** - Rod Stewart
17. **ELEANOR RIGBY** - Shirley Bassey
18. **LIVE AND LET DIE** - Paul McCartney
19. **BECAUSE** - Beatles
20. **GOT GET INTO MY LIFE** - Earth, Wind e Fire.

*Acesse as trilhas sonoras do IÀTRICO em www.crmpr.org.br



PALAVRAS DE BEATLE

"Amo a liberdade, por isso deixo as coisas que amo livres. Se elas voltarem é porque as conquistei. Se não voltarem é porque nunca as possuí."

John Lennon



QUEM VAI
FICAR NO GOL?

REFLEXÕES SOBRE A OBRA DO COMPOSITOR E INTÉRPRETE
ERASMO CARLOS, O TREMENDÃO, DA JOVEM GUARDA, OU O
GIGANTE GENTIL, AGORA SOB SEU MOMENTO DE DOR.

Reconhecidamente um dos melhores autores de

música do Brasil, Erasmo Carlos compôs e gravou a canção intitulada *Quem vai ficar no gol?*. Pelo título, nos tempos que antecedem a Copa do Mundo de Futebol, nos reporta ao esporte favorito dos brasileiros, mas que, com reflexão analítica de seu conteúdo, já profecia a continuidade das mazelas a que o povo era submetido 13 anos atrás.

Quem vai ficar no gol – ou seja, o goleiro – é a posição de maior responsabilidade dentro da equipe, cabendo-lhe evitar que o adversário consigne o ato (gol) que levará à derrota. A equipe é – ou espera-se que seja – participe das ações, mas só ao goleiro cabe utilizar-se de todo o seu corpo para as defesas.

O adversário, nessa obra de Erasmo Carlos, representa as adversidades inerentes a uma sociedade moderna, muitas delas imprevisíveis desde que dinâmicas e constantemente modificadas conforme as evoluções e necessidades do povo que a compõe. Para que sejam evitadas e superadas – evitando-se o gol não pretendido – há que ter rigoroso planejamento estratégico prévio ou meios de resoluções inteligentes e hábeis.

A função de goleiro (o que vai ficar no gol) é representada pelo detentor do poder maior, ou seja, o governante legítima e lucidamente eleito pelo povo a defendê-lo naquilo que é de interesse geral (a equipe está no jogo e no desempenho de seu papel conjunto). Sua visão do campo permite-lhe peculiar olhar de toda a movimentação durante o jogo (equipe e plateia/povo) para as defesas que lhe cabe executar. A letra dessa composição, portanto, não se refere diretamente ao esporte futebol. Mostra de forma clara a intenção do autor em clamar a sociedade para uma reflexão e conscientização do que ocorria e ainda ocorre em nosso país, onde não se vislumbra uma figura que possamos vir a escolher para assumir a posição de goleiro, principalmente no momento atual em que as redes já começaram a ser postas nas balizas.

“É QUE O RÁDIO SÓ TOCA O QUE O POVO QUER ESCUTAR/E O POVO SÓ COMPRA O QUE OUVIU O RÁDIO TOCAR.”

À época do lançamento do álbum *Pra falar de amor* (2001), a grande forma de divulgação de músicas e notícias ocorria através do rádio e, mesmo hoje, quando a informação televisiva e pelos meios eletrônicos tornou-se mais acessível, o rádio continua sendo o meio de comunicação mais comumente utilizado para atingir a grande massa populacional.

Por estes vários meios de comunicação os governos divulgam notícias e estatísticas alvissareiras ao povo, maquiando-as a seu favor e se utilizando de onerosos criadores de estratégias de propaganda que, repetidas à exaustão, arditamente camuflam suas intenções eleitoreiras, convencendo ao povo que a administração pública é eficaz e, com isso, “vendendo” uma imagem de capacidade gerencial em favor da nação como um todo, induzindo-o à compra (e voto) dessa falsa ideia.

“QUANDO O SALÁRIO AUMENTA, A VOZ DO POVO QUER FESTEJAR.”

Os aumentos salariais do funcionalismo público, tão merecidos por alguns e que determinam movimentos reivindicatórios justos, em sua grande maioria ignoram que o provimento advém de seus próprios recursos, quando do pagamento dos elevados e mal geridos impostos deles mesmos cobrados. O mesmo cabe aos movimentos da população em busca de melhorias e redução dos custos de transporte, educação, saúde, justiça e segurança. Aos gestores públicos incorre prover na qualificada e honesta disponibilização dos valores arrecadados compulsoriamente pelo Estado.

A euforia popular por aumento salarial e periódicas elevações (coincidentemente anunciadas em fases pré-eleitorais) das malfadadas “bolsas” governamentais, embora a consciência de que para ter o aumento, o dinheiro sai de algum lugar e, seja de onde for, é o próprio povo quem vai pagar. E, assim, mais uma vez, descortina-se a incapacidade popular de discernir o engodo a que atualmente é submetida.

“PAGOU UMA NOTA PRETA POR UM SAPATO ITALIANO/...EMBAIXO DA PALMILHA ESTAVA ESCRITO MADE IN BRAZIL.”

A indústria brasileira, de reconhecida capacidade internacional na qualidade de seus produtos, em decorrência de medidas burocráticas e de taxações econômicas absurdas, encontra-se sob o jugo de um governo cujos interesses políticos externos se sobrepõem aos direitos dos empreendedores privados brasileiros. Produtos estrangeiros de questionável qualidade invadem o espaço de nacionais, que os superam, mas que exigem maior valor para aquisição face impostos e taxas sem precedentes.

A desleal concorrência internacional, avalizada pelo atual governo, torna insuportável e insustentável a manutenção funcional de várias empresas brasileiras. Porém, a população não se atenta de que as consequências disso determinam aumento na taxa de desemprego em nosso país e suas graves repercussões econômicas e sociais. Nossos irmãos continuam, assim, a fazer compras de produtos brasileiros no exterior ou, em nosso país, a comprar produtos importados mas que foram confeccionados com material nacional. A não percepção desse caos pela grande maioria da população – que não se atenta do que seja valor nacional e da sua dimensão na participação do crescimento econômico e social da nação – perpetua sua inércia perante as desastradas gestões.

“JOÃO FEZ ANIVERSÁRIO E CONVIDOU UMA MULTIDÃO/...TODOS COMERAM MUITO E BEBERAM MAIS DO QUE JÁ SE VIU/QUANDO CHEGOU A CONTA O GARÇOM GRITOU: SEU JOÃO SUMIU.”

Voltamos à segunda estrofe: “É o próprio povo que vai pagar”. As despesas governamentais com uma máquina pública desnecessariamente imensa e cabalmente ineficiente, porque sob exclusivo interesse político

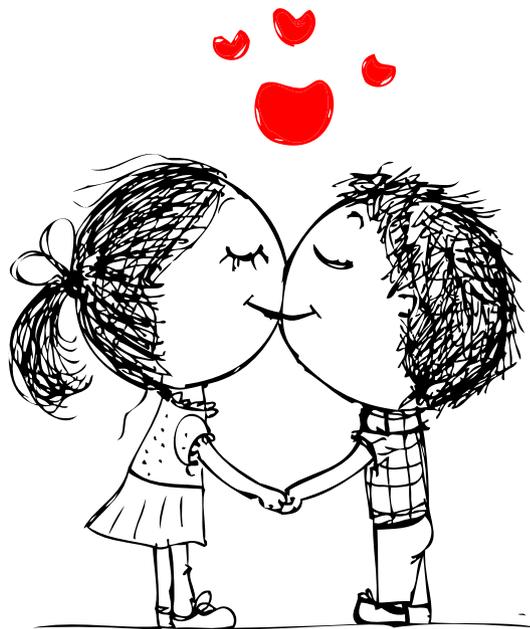
e sem gestão tecnicamente capacitada, custa ao povo proporcionar os meios econômicos para sustentá-la. Além disso, desvios, má aplicação, usurpação de recursos, corrupção ativa e passiva e roubos escancarados arrastam-se nos tribunais em decorrência de direitos jurídicos obsoletos – que permitem várias esferas de protelação decisória até atingirem decursos de prazo ou pura extinção por perda de objeto –, são tidos pela população como “fatos inerentes à jurisprudência”. E pior: quando a prisão de uns poucos corruptos se faz, é motivo para se acreditar haver ocorrido “justiça”, esquecendo-se de que os volumosos dinheiros usurpados, e que deveriam ser direcionados ao atendimento da saúde do povo, determinaram a morte de muitos brasileiros. É motivo de profunda consternação o povo pagar, com dinheiro e lágrimas, essas “contas” governamentais.

“ROSA NAMORADEIRA AMAVA ANTÔNIO E SEBASTIÃO/SÓ QUE ELES ERAM GÊMEOS E ELA CURTIA A SITUAÇÃO/ENTRE SEUS DOIS AMORES UM BELO DIA ELA SE DISTRAI/QUANDO NASCEU O FILHO, OS IRMÃOS DISSERAM: É A CARA DO PAI.”

A sociedade atual passou a aceitar os mais variados tipos de relacionamentos e de constituições ditas familiares. O que a sociedade não pode aceitar é a promiscuidade no reconhecimento do que cabae a cada governo – o que sai e o que entra no poder – em assumir suas responsabilidades, independentemente de quem é o “pai” dos programas governamentais.

Que se reconheça e aprimore o que foi feito de bom e se anule, definitivamente, o que se mostrou errôneo. Acomodamentos de caráter unicamente eleitoreiros não mudarão o país. Há que se resgatar a moral e a ética política dos governantes, sem as quais cada brasileiro continuará a desconfiar da figura de quem de fato é seu verdadeiro “pai” e possa “ficar no gol”.

Dr. Luiz Ernesto Pujol (PR).



Ter ou não **ter namorado**

QUEM NÃO TEM NAMORADO É ALGUÉM QUE TIROU FÉRIAS NÃO REMUNERADAS DE SI MESMO.

Namorado é a mais difícil das conquistas.

Difícil porque namorado de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia. Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão, é fácil.

Mas namorado, mesmo, é muito difícil. Namorado não precisa ser o mais bonito, mas ser aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção não precisa ser parruda, decidida ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição.

Quem não tem namorado é quem não tem amor; é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem três pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes; mesmo assim pode não ter nenhum namorado.

Não tem namorado quem não sabe o gosto de chuva, cinema sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou drible no trabalho.

Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e

quem ama sem alegria.

Não tem namorado quem faz pacto de amor apenas com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de curar.

Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas; de carinho escondido na hora em que passa o filme; de flor catada no muro e entregue de repente; de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar; de gargalhada quando fala junto ou descobre meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de dormir agarrado, de fazer cesta abraçado, fazer compra junto.

Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez do amor.

Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beira-d'água, show do Milton Nascimento, bos-

"Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido."

ques enluarados, ruas de sonhos ou musical da Metro.

Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não se chateia com o fato de seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar; quem gosta sem curtir quem curte sem aprofundar.

Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada, ou meio-dia do dia de sol em plena praia cheia de rivais.

Não tem namorado quem ama sem se dedicar; quem namora sem brincar; quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele.

Não tem namorado quem confunde solidão com ficar sozinho e em paz.

Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e quem tem medo de ser afetivo.

Se você não tem namorado porque não descobriu

que o amor é alegre e você vive pesando duzentos quilos de grilos e medos, ponha a saia mais leve, aquela de chita e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim.

Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo de sua janela. Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteio.

Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário para fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido.

"Enlou-cresça."

Artur da Távola (RJ).



O QUE FARIA?

Um jornalista perguntou a Marcel Duchamp: se vocês estivesse no Museu do Louvre no meio de um incêndio e pudesse salvar só um quadro, qual obra você salvaria?

Duchamp tinha a (merecida) reputação de ser um provocador, e o jornalista talvez esperasse levá-lo a confessar algum amor envergonhado por uma obra clássica. Mas Duchamp respondeu à altura de sua reputação; ele disse sem hesitar: "Salvaria o quadro que está mais próximo da saída."

O nome do vilão

"PREPOTENTE, A AÇÃO DIRETA CONTAMINA TODOS OS SETORES DA SOCIEDADE. NORMAS, DIÁLOGO, RESPEITO ÀS PARTES CONTRÁRIAS, TUDO CAI POR TERRA."

Em meio a tanta pujança o mundo em que vivemos anda completamente fora dos eixos, cambaleando perigosamente a cada passo. Gostaríamos de avivar a memória dos cientistas políticos recordando certo expediente vitorioso nas relações de trabalho, ao início do século XX, que contribui em parte para elucidar o descalabro em que vivemos, como naufragos num mar de pérolas.

Ao redor do ano de 1900, certos grupos de sindicalistas franceses criaram nova estratégia para alcançar mais rapidamente seus objetivos. Deram-lhe o expressivo nome de ação direta. Trata-se do seguinte: cansados de esperar em vão pelo atendimento das reivindicações dos trabalhadores, os sindicalistas mais impacientes resolveram forçar a situação, desafiando os trâmites tradicionalmente impostos à sua vontade, como as leis, as instituições, os regulamentos e as normas consagradas de procedimento, visando, exclusivamente, os resultados práticos de suas ações, sem cerimônia, em consulta nem mediação, mas às brutas.

Normas, trâmites, diálogo, respeito às partes contrárias e às instituições, tudo isso cai por terra. O contraditório na luta de classes desaparece, liberando a pressão reprimida da ação direta, que irrompe de forma devastadora, como uma força da natureza. Adeus à solução negociada dos conflitos, fora a diplomacia no trato com a parte contrária neutralizando o atrito entre os contendores e ensejando a convivência, a comunidade, a civilização.

No curso do século XX, a ação direta alastra-se para fora, atravessando as fronteiras do trabalho para contaminar todos os setores da sociedade, a política, a economia, o direito, a ética, usos e costumes, a educação e a cultura. A ação direta impõe-se, prepotente, como

norma oficial, em toda a extensão da vida pública e privada, insinuando-se no DNA das sucessivas gerações.

Adeus cortesia, vontade de convivência, disposição de contar com os demais, tudo o que define a civilização. Tudo se dissolve no liquidificador gigante da ação direta. Sim, ação direta, este é o nome do vilão. Em sua prepotência, ela conspira contra a ordem pública, a paz social, a ética e os demais códigos de convivência, inclusive na vida familiar e privada, e ainda contra a ecologia, a sustentabilidade no trato com a natureza e a estabilidade do corpo social e de suas instituições.

O presidente Lula, originário do sindicalismo, é o campeão dos atentados anti-institucionais. Anulou o poder Executivo e o poder Legislativo com a pressão das medidas

provisórias e da cooptação em massa. Só poupou o Judiciário, que lhe fez frente. Mas, atenção, sem preconceito nem maniqueísmo. Lula e Dilma foram os

instrumentos dóceis de um estado de coisas preexistente.

Ao conceber um projeto de poder em lugar de um projeto de País, Lula encarnou com maestria o espírito da ação direta, entronizando o pragmatismo como a maior virtude do político. Ora, o pragmatismo, como filosofia do sucesso transitório, tem pernas curtas. A maior virtude do líder político não é governar com pragmatismo, e sim construir um sistema duradouro da ordem pública, que responda mais às próximas gerações do que às próximas eleições.

O papel do líder, mais do que governar corretamente, é criar novas oportunidades para todos, reforçando a parceria entre sociedade e governo. A exemplo do que ensinava o poeta Schiller, lembrado por Ortega: Quando os reis constroem, têm o que fazer os carpinteiros.

Gilberto de Mello Kujawski (SP).

"A maior virtude do líder político não é governar com pragmatismo, e sim construir um sistema duradouro da ordem pública."

The Beggar of Paris

Arrived in Paris – december 2010 – winter! Frozen bones cold! The places are dark, streets under shadow and a little fog – what a thickery!

- Hello! - I asked to a man under pont neuf!
- I just take a nap, you woked me; who are you?
- I came from Brasil, tourist! How can you live like that?
- What’s your job?
- I’m a doctor!
- Health care?
- Yeah! And you, what are you doing for living? In this shit, look around...
- I’m a philosopher! I was told that I lost my mind! Français?
- No, I don’t speak! And these clothes over the lion’s nail?
- Apoint to the ornaments of Pont neuf! - You live as a boneidle, a bum, homeless?
- A thrill over my skin when he awnswered:
- I lost my parents and one sister in car-trash ten ye-ars ago; since then I’ve got problems in my grandmom house... leave and became this!!! A nowhere man!
- “Life is a tale, told by an idiot, full of sound and

fury, that means nothing!” Shakespeare! Look at the book store over there, named as the writer! Do you know him?

- As a diletant writer of course! Nowadays which are the best writers in UK?
- Coelho in Brazil? I know a few books of him...
- No, of course not, maybe the most “well-to-do” and famous around the world, but real writers are Lispector, Amado, Loyola, Machado etc.
- Ah! The Cosme Velho wizard?
- That’s right! - and scared myself.
- Querido, vamos o guia nos espera para a visita a Catedral -Arlete calling!
- So long!
- Bye, bye!
- Nearby the Notre Dame Cathedral drinking a café au lait, 8 euros I was thinking:
- I will never know if the beggar of Paris is a lyer, or he was telling the truth?”
- Further Batoux-Mouche floting over Siena ... and day by day life must goes on!

Dr. J. Fausto Toloy (PR).

SONETO SIMPLES

Quero um dia escrever algum soneto,
que qualquer um saiba como decifrar,
que não seja feito para um gueto,
e quando complicado, simplificar.

Quero do comum e simples, um soneto,
e que a todos traga gozo ao contentar,
que não seja linear, circunspeto,
e enfim, seja infinito em um piscar.

Que não se torne fardo ou novelo,
qual lei ditada, norma ou modelo,
tudo isso que possa significar.

Quero que seja fácil de tragá-lo,
no fim, quando alguém terminar de lê-lo,
que ninguém necessite alinhavar.

Dr. Caio Castro (PR).

Pioneiros da Medicina do Paraná

1886

O Inspetor de Higiene do Paraná

Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque

Nasceu na Bahia, em 28 de janeiro de 1842. Filho de José Pires de Carvalho e Albuquerque e Maria Clara da Silva Tavares.

Formado médico pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1865. No mesmo ano foi nomeado 2º Cirurgião Tenente do Corpo de Saúde do Exército

Em maio de 1879, já como capitão, foi nomeado delegado do cirurgião-mor do Exército no Paraná, em substituição ao seu sogro, Dr. Murici, que morrera no dia de 20 de maio.

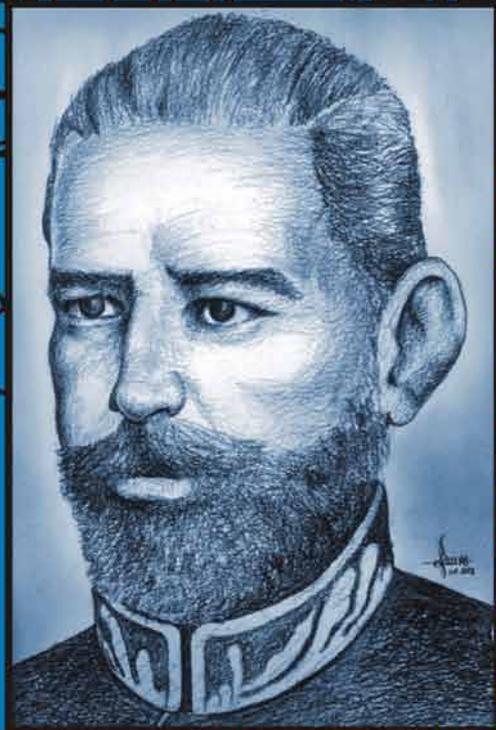
Eleito provedor da Santa Casa de Curitiba de 1879, para suceder o Dr. Murici, foi reeleito sucessivamente de 1880 a 1887. Foi o responsável pela conclusão das obras do Hospital de Caridade e o inaugurou em maio de 1880. Além de provedor, foi o único médico da Santa Casa de 1879 até 1887.

Recebeu a Medalha Geral da Campanha do Paraguai e a Medalha Comemorativa da Guerra contra o Paraguai. Em 1880 foi condecorado como Cavaleiro da Ordem da Rosa pelos relevantes serviços prestados à Província do Paraná.

Por decreto nº 9554 de 3 de fevereiro de 1886 foi reorganizado o serviço de Saúde do Império. O Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, em 27 de fevereiro do mesmo ano, foi nomeado como o primeiro Inspetor de Higiene do Paraná.

A Inspetoria Geral de Higiene foi criada com o objetivo de fiscalizar o exercício legal da medicina e de seus facultativos, bem como a inspeção das condições de higiene nas principais cidades do Paraná. Representa a origem mais remota da Secretaria da Saúde.

Como General de Brigada foi Chefe do Serviço de Saúde do Exército em 1903. Morreu no Rio de Janeiro, em 17 de julho de 1904.



25°

CONCURSO DE MONOGRAFIAS

sobre Ética Médica, Bioética e Profissão Médica

TEMA 2014

Aspectos éticos médicos e a internet

Inscrições até 11 de agosto de 2014

IMPORTANTE

As monografias participantes devem ser inéditas, podendo ter mais de um autor. O conteúdo deve seguir as normas da ABNT e conter entre 35 mil e 55 mil caracteres com espaços, sendo que pode apresentar, a título de exemplo, material ilustrativo.

QUEM PODE PARTICIPAR

O Concurso de Monografias do CRM-PR é aberto a todos os cidadãos brasileiros, independentemente de formação ou profissão. As normas para identificação do autor estão contidas no regulamento.

INSCRIÇÕES

O prazo final para entrega dos trabalhos é às 18h do dia 11 de agosto de 2014, tendo validade o material protocolado na sede ou Delegacia Regional do CRM-PR ou postado via Correios até esta data e horário.

DIREITOS AUTORAIS

Os participantes ficam cientes da cessão de direitos autorais para que o CRM-PR possa divulgar as monografias nos meios de que dispõe, a título de contribuição à ciência, à Medicina e à sociedade, sendo vedado ao promotor do concurso fazer uso dos trabalhos visando lucro.

DIVULGAÇÃO DO RESULTADO

A decisão da Comissão Julgadora será apresentada no final de setembro, sendo que a premiação ocorrerá durante os festejos do Dia do Médico, em outubro.

PREMIAÇÃO

A monografia classificada em primeiro lugar receberá o prêmio de **R\$ 7.500,00***, cabendo ao segundo lugar, se escolhido, premiação no valor de **R\$ 3.000,00***, além de certificado pela contribuição à atividade médica. Poderá, ainda, ser concedida "Menção Honrosa" a outros trabalhos, conforme decisão da Comissão Julgadora**.

* O CRM-PR informa que incidirá descontos de impostos previstos em Lei (IRRF e INSS) sobre os valores pagos aos premiados.

** A Comissão Julgadora poderá, a seu exclusivo critério, deliberar pela não premiação de qualquer das monografias apresentadas se considerar que não atendem aos méritos desejados ou, ainda, atribuir "Menção Honrosa" a outras monografias que julgar merecedoras. Das decisões da Comissão Julgadora não caberão recursos.

Confira o regulamento do Concurso (Resolução CRM-PR 186/2012) no site do CRM-PR.



CRÉDITOS DA EDIÇÃO 34 DO IÁTRICO

A Editoria do IÁTRICO registra os créditos e/ou agradece aos seguintes autores não-médicos: Zeca Corrêa Leite, jornalista especialista em cultura, poeta e escritor; Nilson Monteiro, jornalista e escritor, que tem entre seus livros o *Mugido do Trem*; Fernando Pellegrini Bandini, professor e jornalista de Jundiá (SP); Eloi Zanetti, consultor e palestrante em marketing e comunicação corporativa, autor de diversos livros; Gilberto de Mello Kujawski, jorna-

lista e escritor, autor do ensaio "O sentido da vida"; e Roberto Muylaert, jornalista e editor, autor de obras como *Barbosa, A História do Goleiro* e *A História do Goleiro da Copa de 50 no Brasil*. E ainda Pasquale Cipro Neto, Jânio de Freitas, Paulo Vinícius Coelho, Inácio Araújo e João Pereira Coutinho, além de Tostão, todos articulistas da Folha de S. Paulo. O especial agradecimento também aos médicos colaboradores que enriquecem a publicação. **■**



CRM-PR

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br